

Uma noite se tornou uma semana...
Uma semana mudou a sua vida inteira.

Sem dizer *Adeus*

Carol Moura

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



SEM DIZER ADEUS

CAROL MOURA

Direitos Autorais do Texto Original©

2015 Caroline Moura

Todos os direitos reservados

Para meu filho.
Minha maior obra.

ÍNDICE

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

Capítulo Um

– Ok querida, eu vou. – Bufeii brindando a minha derrota mais uma vez. Discutir com Mary Anne, era praticamente perder uma luta por W.O, era como se você não comparecesse para a discussão. Ela fala, você ouve e por fim, acata. – Pode chamar meu irmão agora, querida?

Suspirei me sentindo derrotado, as mulheres da família tinham esse efeito sobre mim.

– *Hey pequeno Alex!* – Joshua, meu irmão mais velho, apenas no sentido temporal deixemos claro, pois seu intelectual rivalizava com o de um *Basset Hound*, latiu do outro lado da linha.

– Joshua! – Apertei meus dentes, pelo meu tom de voz ele sabia que eu não estava satisfeito com a forma como havia jogado comigo e, aliás, sempre jogava. Era um jogo velho e batido, mas ele nunca desistia. – Colocar Mary Anne na história é golpe baixo, já pedi milhões de vezes para você resolver suas coisas comigo, não colocar sua mulher tirana para me caçar como uma corsa onde eu estiver.

Ele gargalhou... como sempre! Ele poderia ser o irmão mais velho, mas eu certamente era o adulto aqui.

– *Eu sei.* – Suspirou. – *Só queremos que você venha, Alexander. Divirta-se. É nossa primeira noite realmente sem Joselie em anos, Mary está radiante que finalmente vai sair para dançar e é seu aniversário, você deve fazer um esforço pela sua cunhada.*

– Como a pequena está? – Perguntei derrotado mudando o assunto, não adiantaria discutir agora, eu disse que iria para Mary, e eu teria que ir.

– *Linda e esperta. Perguntou se o tio Alex vai na festa com a mamãe e o papai e mandou muitos beijos.*

– Você não joga limpo, mas já aceitei ir então pare de usar a sua família para me chantagear. – Ele sabia das minhas fraquezas. Joselie era a minha princesinha, eu era massa de modelar em suas pequenas mãozinhas.

– *Eu sei, me processe.* – Sua voz estrondosa rompeu pelo fone de ouvido fazendo com que eu o arrancasse rapidamente. Esperei até que ele se acalmasse e voltei o dispositivo.

– Hey, Mary convidou mais alguém? – A pergunta saiu um pouco estrangulada. Talvez... medo? Quem não teria depois de se envolver com aquela perseguidora?

– *Relaxe Bro! Phoebe não vai! Ligou aqui em casa perguntando quando seria a comemoração e Mary apenas disse que não faria nada no seu aniversário além de um jantar em família.*

– Hum...

– *Alexander, eu sei que Phoebe é meio psycho, mas você já pode relaxar, irmão. Parece que ela está saindo com outra pessoa, foi ela quem contou para Mary, disse que está totalmente em outra.*

– Mesmo? Então porque ela me ligou dezoito vezes ontem à noite?

Joshua gargalhou na linha fazendo com que eu afastasse novamente o fone.

Ele simplesmente amava fazer isso. Rir da minha cara, da minha desgraça. Quem não riria afinal de

contas? Eu fui o único a me deixar enredar por aquele monstro em saltos agulha.

– *Você está tão, tão ferrado.*

– Como se eu não soubesse. – Rolei meus olhos para a grande descoberta do século enquanto folhava um processo em minha mesa. – Tenho que desligar.

– *Não esqueça. Clube Cherry às nove.*

– Ok. – Disse abrindo um e-mail aleatório em minha caixa, apenas para não focar nas palavras inúteis do meu irmão.

– *E vá para casa, vista-se como um ser humano que participe de atividades sociais.*

– Não estou nu, Josh. – Sorri sem humor, eles sempre implicavam com minhas roupas. – Tenho roupas normais.

– *Claro que tem.* – Bufou em sarcasmo. – *Aposto que você dorme de terno também.*

– Vá se foder! Desligando.

Desliguei e arranquei o fone de ouvido jogando-o em cima da minha mesa. Olhei para os processos em minha frente com um suspiro longo e pesado. Eu sabia que trabalhava demais, mas porra! Eu tinha pijamas. Eu poderia ser um cara social se quisesse, eu só canalizava minhas forças no que realmente importava.

Todos temos prioridades.

Joshua, tinha as suas. Ainda que ele parecesse um grande homem bobo, sua mulher e filha eram tudo para ele. Eu não tinha mulher ou filhos, logo, minhas prioridades eram diferentes. Por que era tão difícil de entender?

**

Reservei o restante da tarde para ignorar o telefone e me concentrar nos últimos processos que eu tinha para organizar antes do meu descanso. Em breve eu entraria de férias, visitaria meus pais em Jersey, passaria um tempo lá e desfrutaria de algum tempo livre em meu velho quarto. Sorri ao pensar.

Embora eu vivesse em New York desde que saí de New Jersey para a faculdade, eu sempre me senti deslocado. New York não é um lugar para mim.

Grande demais.

Populoso demais.

Fedido demais e louco demais.

As pessoas aqui eram estranhas. Eu não acho que algum dia conseguirei me sentir completamente à vontade nesta cidade.

Acabei escolhendo aqui porque era perto de Jersey e ainda estaria próximo ao meu irmão que já havia se instalado na cidade. Acabei me formando em direito e ficando. Alguns contatos e estágios com meus mestres na universidade levando-me na direção correta me guiaram para bons empregos. Logo

estava formado e trabalhando por conta própria, aos trinta e dois anos, eu era promotor eficiente e se eu fosse sincero comigo mesmo, sou um bom promotor sem uma vida social, com exceção de corridas no Central Park. Mas não acredito que minha família, ou qualquer outro, entenda “correr” em um parque sozinho, em um horário onde tudo está praticamente vazio e escutando música como um ato de socialização.

Eu não tinha argumentos para ir contra eles.

Não que eu não gostasse da minha vida, mas estava realmente empolgado com a eminência de algum tempo livre, finalmente eu teria um tempo para mim. Sem processos, sem julgamentos, sem ser promotor por duas longas semanas, sem contas para pagar, e principalmente sem Phoebe.

Aquela garota era maluca, uma sociopata de primeira. Nunca pensei que namorar com ela pudesse ser uma desconstrução psicológica. Porra! Ela era pirada!

Compradora compulsiva, faladora compulsiva, puladora compulsiva, e perseguidora compulsiva. Sendo amiga de Mary Anne, minha cunhada e mais minha irmã do que Josh, fomos apresentados quando ela voltou da França depois de um período de férias.

Nos aproximamos, e ela parecia uma pessoa descente, tínhamos a mesma idade, gostávamos de correr no Central Park, e comer sushi enquanto assistíamos filmes antigos.

Tudo maravilhosamente sincronizado.

Até ela provar que era completamente o oposto de tudo aquilo.

Uma pessoa não consegue fingir ser alguém diferente por muito tempo e em algum momento a máscara cai. Eu não era apaixonado por Phoebe e mesmo assim minha decepção foi grande quando ela começou a se mostrar a vadia maldosa que era. Para mim, não deixava de ser forma de traição.

Falava mal de tudo, reclamava de qualquer coisa, e o pior. A pior coisa que podem fazer perto de mim, ela humilhava as pessoas.

Humilhou Melissa, minha secretária, a segurança do prédio Victória, por ela ser homossexual e seu cheque mate, o estopim do nosso término: Maltratou Josie. Minha sobrinha linda, o meu anjo, e bem na minha frente. Mary nunca ficou sabendo o motivo real, eu não contei e Phoebe, sendo desprovida de qualquer caráter também não disse uma palavra. Mas avisei Josh que não queria aquela mulher perto do meu tesouro. Na verdade, eu não a queria perto de qualquer um que eu amasse.

Minha relação com Josie e Mary era a melhor, eu fazia tudo para minha cunhada e sobrinha, elas e minha mãe, Elisabeth, eram as mulheres da minha vida. Meus amores.

Mary fora minha amiga na adolescência, ela era como mais um menino na turma do colégio, fazíamos tudo juntos e quando conheceu Josh, no momento em que ele voltou para casa nas férias de primavera, foi amor à primeira vista, assim, ela passou de amiga para irmã rapidamente. Josie veio logo após o sexto ano de casamento e foi a melhor coisa que nos aconteceu.

Mesmo com pouco tempo para a vida além do trabalho, trato de reservar espaço na minha agenda o suficiente para dar a atenção merecida a minha sobrinha.

Eu tinha seus desenhos na parede de meu escritório, tinha algumas bonecas também, assim, sempre

que Mary a deixava comigo, nos divertíamos juntos. Joselie era uma menina doce e inteligente, e eu não poderia imaginar uma pessoa dizendo a uma menina de três anos de idade para parar de fazer perguntas, pois só retardados agiam daquela forma. Bem, eu não poderia imaginar até presenciar Phoebe fazendo isso. Depois daquela atitude mostrei o caminho da saída para ela.

**

Eu analisei mais alguns papéis e despachei os processos que eu precisava com minha secretária e enquanto eu desligava as luzes do meu escritório analisava se tudo estava em perfeito estado de limpeza e organização.

– Vejo você em duas semanas, Melissa. – Disse dobrando meu blazer em meu braço.

– Boas férias, Alex. – Ela parecia radiante e sonhadora. Talvez seja porque estava se livrando de mim pelos próximos dias.

- Para você também, Mel.

Ri ao sair para o corredor quando vi seu rubor. Ela sempre corava quando eu a chamava de Mel. Melissa Dill era uma mulher jovem e atraente, que sonhava em ser minha sócia assim que se formasse na faculdade e em sair comigo, ou mesmo, ficar em meu escritório até mais tarde para assuntos não profissionais, segundo minha cunhada. Mas eu não misturava negócios com prazer e Melissa era muito competente para dizer-lhe um não concreto e fazê-la ir embora. Desta forma eu a tratava bem, pagava-lhe um bom salário, elogiava suas roupas e escorregava das suas investidas.

Funcionava.

Desci até térreo e saí do elevador rapidamente acenando para o porteiro e correndo para a calçada para pegar um taxi. Olhei em meu relógio e bufei ao saber que eu tinha apenas uma hora para chegar em casa e me arrumar para sair.

– Merda! – Murmurei sozinho. – Boate? Por que diabos não aprendi a dizer *não* para aquela tirana? Argh!

Eu não gostava de lugares tumultuados, suados ou barulhentos e era exatamente o que aquela boate era, mas Mary estava comemorando seu aniversário e sua volta ao mercado de trabalho após ter Josie, e queria a minha presença. Ela sempre fora ótima com carros e agora voltava para o seu cargo de engenheira mecânica na Kia Motors. Todos ficamos orgulhosos por ela manter o seu respeito na empresa e mesmo depois de anos fora do mercado estava voltando com prestígio para a mesma empresa que havia deixado para ter sua filha há três anos.

Acompanhei toda a sua evolução durante a nossa adolescência. Ela finalmente foi levada à sério quando fez o carro de meu pai pegar no meio de uma tempestade quando voltávamos de uma festa quando nenhum outro homem presente conseguiu, desde então meu pai só paga o mecânico quando Mary tem a chance de ver o trabalho feito no carro e dizer que está tudo certo.

Ela, meu irmão e Jojo vão visitar meus pais pelo menos a cada quinze dias. Eu não sabia o que sentir sobre isso. Eu queria estar em casa, ao mesmo tempo não conseguia não trabalhar. Ansiava por estas férias mas me sentia perdido sem ter o controle que tenho quando estou em meu escritório, em cima dos meus processos.

Meu telefone começou a tocar novamente ao entrar em casa. Eu tinha uma esperança de que não fosse Phoebe.

Eu não sei por que tive esperança de qualquer maneira.

Não atendi, mas logo em seguida recebi uma mensagem dela.

“Você não pode me ignorar para sempre Alexander Hartnett, precisamos conversar. Sua, sempre sua Phoe.”

– Vai sonhando, cadela. – Bufe e joguei meu celular na mesa ao lado da porta após ler. Eu não costumava ser rude com as pessoas, e muito menos falar dessa forma com as mulheres, mas como eu tinha uma leve certeza de que Phoebe não era nenhuma coisa e nem outra, então não me sentia culpado.

Corri para o chuveiro para tomar um breve banho e me arrumar para sair, enquanto cantava a maldita música do dragão roxo do desenho que Joselie me obrigou assistir no início da semana desenhiei no vapor do vidro do box. Era oficial. Eu estava entediado. E novamente os conselhos da minha família veio a minha mente.

Saia mais, Alex. Conheça pessoas novas.

Eu estava bem, porra! Nada precisava mudar. Nada.

Não é? Não é?

**

Eu juro, juro que procurei algo mais despojado para usar, mas eu só tinha ternos, cacete.

Nota mental: Comprar roupa de humano.

Encontrei um único par de jeans entre minhas roupas e o combinei com uma camisa social branca.

Coloquei meu relógio e usei um pouco do meu perfume preferido para ocasiões especiais.

Novamente, o fato de eu não ter vida social apareceu ao notar que o frasco do perfume estava praticamente cheio.

Analisei minha imagem no espelho e sorri. Nada mal.

Eu tinha cabelos lisos e negros bem cortados e com certo caimento, meus olhos eram negros também, e meu rosto era o que as mulheres chamavam de rosto de estrela de Hollywood. Eu não fazia grande alarde da minha aparência. Mas não achava nada mal também e não me importava em usar disso para conseguir encontros.

Não que eu tenha saído para encontros ultimamente.

E não que isso tenha me ajudado a conseguir alguém decente se eu considerar a minha última namorada.

Meu corpo era atlético graças às minhas corridas e minha pele era um pouco pálida demais. Mas nunca pareceu um defeito de qualquer forma. Passei meus dedos pelo meu cabelo colocando os fios para

trás enquanto analisava minha imagem por mais algum tempo e logo que tirei minhas mãos os fios voltaram pesados para a mesma posição.

– Ok, hora de ir. – Com um suspiro caminho para a porta e pego meu celular e chaves partindo para pegar um taxi novamente.

**

– Bem-vindo ao Clube Cherry, senhor. – A hostess introduz assim que piso na recepção do clube.

– Boa noite. Er.. Hartnett. – Dou meu nome para que ela procurasse na lista e não demorou a me dar o "ok" para que eu entrasse.

– O senhor está na ala vip azul. Tenha bons momentos, senhor. – Ela disse me analisando discretamente por alguns momentos me permitindo analisá-la também.

Loira falsa de cabelos pelos ombros. Não obrigado.

Loiras com a raiz do cabelo aparecendo e cabelos acima dos ombros não eram a minha preferência definitivamente. Tente morenas, pele dourada, cabelos caídos nas costas, corpos femininos e bem torneados e você tem a minha atenção.

As luzes da boate me irritavam.

O tumultuo de gente em minha volta me irritava.

O cheiro de suor e a atmosfera abafada me irritavam...

Eu sei que pensam que sou uma pessoa chata e sem graça, mas é uma questão de estilo de vida, pessoas se divertem de formas diferentes. Josie se diverte com boneca e dragões roxos. Joshua... Bem Josh se diverte com Mary, e podemos pular essa parte, Phoebe se diverte sendo cruel com as pessoas, Melissa se diverte sonhando com o dia em que a convidarei para sair e eu me divirto fazendo maratonas *Star Trek* no final de semana quando não estou trabalhando, sem foddidamente ninguém para me importunar. Isso e colocar minha coleção de música em ordem alfabética, talvez.

Só para constar... Já se passaram dois anos desde que fiz maratona *Star Trek*, ou desorganizei meus cds para poder arrumá-los novamente.

Eu sou um fodido workholic!

Andei até a ala vip azul reservada para Mary e seus convidados e logo avistei Angelina, um antigo affair que insiste em casar comigo sempre que entra na segunda dose de Club soda.

– Alexander Hartnett, meu noivo! – Aparentemente ela havia passado da segunda dose há muito tempo.

– Hey Angie... – eu disse desanimado. Ela tentou me roubar um beijo naquele joguinho primário de virar bem na hora que você vai beijar o rosto, mas ela era burra, nessa eu nunca caia.

Nunca depois das cinco primeiras vezes que ela me pegou.

– Hey! Olha quem veio! – Minha cunhada praticamente se atirou nos meus braços. Eu sorri e lhe apertei. Abraçar Mary era como voltar à adolescência. Eu a amava como se fosse minha irmã, estar perto

dela era estar perto de casa.

– Como se eu tivesse escolha. Feliz aniversário. – A abracei mais apertado.

– Obrigado, velhote. Fico feliz que tenha vindo.– Disse ela me dando um último aperto antes de nos soltarmos.

– Qualquer coisa por você. – Belisquei sua barriga levemente fazendo-a se esquivar. Entramos mais no camarote e eu logo comecei a cumprimentar todos, conhecidos e não conhecidos. Mary me levou até uma poltrona onde uma linda mulher, estonteante eu diria, estava sentada. Ela tinha os cabelos e olhos castanhos escuros, pelo que pude decifrar na fraca luz do ambiente, lábios finos, e maquiagem forte. Eu gostei.

– Alex, essa é Diane... Di, conheça meu irmão, Alexander. –Informou enquanto eu esticava a mão para cumprimentar a garota.

Nós conversamos pela próxima hora, eu poderia dizer que estava interessado nela. Era inteligente, engenheira química, bem humorada e muito cheirosa. Eu só não ri das suas piadas, mas ela era esforçada.

– Hey! Cadê a Carter? – Uma outra convidada de Mary perguntou a Diane que na mesma hora apontou para baixo.

– Bem no meio da pista, ao lado do cara que vende cigarros. – Segui suas coordenadas, e avistei uma garota dançando. Completamente insana. Eu ri com a forma que ela se movia. Eu podia ver que ela era baixa, tinha um corpo atlético e cabelos bem curtos, um pouco espetados, como um corte masculino.

– Alguém precisa chamá-la, meu bolo está chegando em breve – Mary entrou na conversa avisando Di enquanto batia palmas animada.

– Eu vou, eu vou. – Di respondeu levantando-se.

– Alex acompanha você, Di. – Mary jogou.

Eu dei de ombros e a segui pelo camarote e depois pelos corredores descendo as escadas, tentei o melhor para não deixar transparecer o quanto aquelas pessoas dançando e se esfregando em mim enquanto eu passava não me incomodava. Quando chegamos perto da garota, Di a cutucou e nos apresentou, ela sorriu, mas não parou de dançar, eu acenei timidamente e dei um breve sorriso para não parecer antipático, eu já estava ficando farto daquele lugar, as luzes começavam a me deixar tonto para ser sincero.

– Argh! Preciso ir ao banheiro antes de voltarmos para o parabéns. Vocês esperam? – Diane perguntou já se afastando.

Eu e a garota, que mais parecia uma boneca de pano dançando, assentimos. Fiquei parado no meio da pista enquanto ela continuou agindo como se estivesse possuída por algum demônio. Então ela virou para mim e esticou seus braços.

Olhei para ela com medo e tentei me afastar, um hip hop barulhento começou a tocar e era tarde demais, ela me laçou em seus braços e nos fez balançar juntos até que eu desistisse de lutar e dançasse com ela ao som de algum negro multimilionário fumador de maconha.

Depois disso a noite passou como um grande borrão.

Só me lembro de acordar com ela na minha cama na manhã seguinte.

Capítulo Dois

Porra! Como foi que essa doida veio parar na minha cama?

Onde está a outra garota?

Era com ela que eu pretendia transar...

E se eu transei por que eu não me lembro?

Mas que merda!

– Sei a resposta para a maioria das suas perguntas. – A garota de ontem, a maluca de cabelos curtos e porra, platinados, que me prendeu para dançar com ela, murmurou sonolenta ao meu lado.

Que merda, meu filtro mental já era ruim, ao acordar era inexistente.

Ela riu um pouco e gemeu aconchegada em meu braço enquanto falava, estava de costas para mim, o cheiro de cigarro estava me deixando um pouco enjoado.

Porra, não poderia ter tomado um banho antes de...

– Hey! Eu quis, mas você não me deixou, me atirou contra a parede do corredor e... – Ela foi levantando para me contar enquanto me deixava embasbacado com a falta de freio em sua língua e aparentemente na minha também, fiquei com medo de pensar mais alguma besteira e falar sem perceber. No momento em que ela virou para e eu fitei seus olhos verdes claros, muito claros, estavam borrados pela maquiagem forte, mas nem por isso deixavam de ser bonitos e expressivos, meu corpo todo reagiu da forma mais bizarra. Seus cabelos eram uma bagunça, apontando para todos os lados e sua pele era quase tão pálida quanto a minha, seu nariz era pequeno e delicado, levava um piercing de argola e seus lábios eram cheios e rosados fazendo com que meu ar se perdesse.

Deslizei meus olhos para baixo notando que estávamos completamente nus embaixo dos lençóis e imediatamente senti meu pau endurecer.

Pelo amor de Deus, Alexander, pare de tentar transar com ela novamente e a mande embora.

– Olha, eu entendo que você esteja confuso, afinal, bebeu demais... Mas eu não te sequestei ou forcei a transar comigo, seu irmão ...

– Joshua?

– Sim, o Josh...Ele nos trouxe para cá depois de te arrastar para fora da pista de dança. Para quem resistiu tanto no começo, você se mostrou um bom dançarino. – Ela riu preguiçosamente e me espantei com a forma como gostei do som.

Joshua nos trouxe pra cá, ótimo, então ele poderia me contar o que havia acontecido afinal.

- Por que ele e não eu? Você não acredita em mim? O que eu ganharia mentindo para você, cara? - Perguntou com um pouco de raiva. Porra! Peguei o travesseiro e enfiei na minha cara para evitar externar qualquer outro pensamento meu.

Levantando-se ela exibiu seu corpo completamente nu e sem pudor para mim, definitivamente sua

pele era branca, seus seios eram redondos medianos e rosados fazendo eu apertar o travesseiro em minha virilha agora. Seu corpo era magro e atlético, mas tinha boas curvas. Ela se moveu rapidamente juntando suas roupas espalhadas pelo quarto enquanto falava.

– Olha, Alex, eu vou sair agora. Está na cara que você não está acostumado a acordar com uma desconhecida, e está mais na cara ainda que você queria que esta desconhecida fosse Diane, mas ela não quis você, te achou meio chato, sei lá. Na verdade, ela pediu para que te entretece pois queria você fora da jogada para que ela pudesse ficar com outra pessoa, o que não foi nenhum sacrifício para mim, já que gostei de você, mas na evidencia da recíproca estar longe de ser verdadeira, acho melhor eu ir embora.

Okeeeey! Ela tinha boa oratória. Uau!

E consegui me fazer sentir culpado. Poucas pessoas conseguem essa proeza, mas eu estava oficialmente me sentindo um bastardo sem coração enquanto eu via aquela garota tentando se vestir para ir embora.

– Espera... er...

A garota bufou um pouco.

– Carter! – Ela disse transparecendo a sua raiva. Aparentemente esquecer o nome da mulher com quem você transa continua sendo uma grande desfeita.

- Que tipo de nome é Carter? É nome de homem. – Fiquei nervoso.

Será?

– Bem, você acertou. – Ela se virou para mim, ainda nua em parte, com a sobrancelha levantada. Prendi a respiração preocupado que eu possa ter passado a noite com...

– Eu não sei o quão boa é a sua visão, ou o tamanho da sua ressaca, mas caso não tenha percebido, não sou um homem, Alex.

Um suspiro de alívio saiu de mim enquanto relaxo meus músculos fazendo-a rir novamente balançando a sua cabeça em negação. Ótimo! Eu era uma piada.

– Bem, desculpe... Mas que tipo de mulher se chama Carter? – Perguntei para ela tentando me defender.

– Seu nome também pode ser feminino, você sabe. – Ela se defendeu vestindo seu vestido da noite passada e enrugando o nariz quando sentiu o cheiro.

– Alex é apelido de Alexander.

– Bem, Carter também é um apelido. Meu nome é Caterine, Caterine Flinn... Sério, qual a relevância desta discussão? Estou indo.

Ela caminhou até a porta e eu me pus em pé rapidamente.

– Carter, me desculpe por isso, por que não relaxa e toma um banho, enquanto eu preparo o café da manhã? – Tentei enquanto segurava o travesseiro na minha frente.

– Não, eu agradeço, mas tenho que ir, passou da hora de qualquer forma.

– Eu insisto. Fique mais um pouco. Eu não fui legal com você. Me permita mudar essa situação, por favor. – Me esforcei para parecer tão arrependido quanto eu realmente estava por tratá-la de forma inadequada.

Ela me olhou meio desconfiada, mas assentiu levemente.

– Mas eu gostaria de tomar um banho se não for incomodo... Eu realmente não me sinto bem até que eu esteja...limpa. – Enruguei meu nariz não conseguindo evitar. Ela deveria estar nojenta mesmo, assim como eu. Carter suspirou impaciente com a minha reação. – Melhor eu ir. Realmente...

– Bem, o banheiro é por ali... e, posso conseguir uma roupa mais confortável, e vou fazer o café da manhã. Gosta de ovos? – Interrompi na tentativa de fazê-la ficar.

Ela apenas estreitou os olhos desconfiada. Eu não a culparia, fui um babaca desde que abri meus olhos e obviamente eu não fui abusado na noite passada, eu havia consentido o que houve entre nós, mas estava agindo de forma ríspida mesmo assim. Eu não era nenhuma donzela de qualquer forma.

Depois de um momento ela finalmente concordou e andou até o banheiro e novamente eu pude dar uma boa olhada em seu corpo. Ela tinha *um belo traseiro...*

– Obrigada! – Ela respondeu ainda de costas enquanto entrava no meu banheiro, então percebi que havia elogiado seu traseiro em voz alta também.

– Mas que merda! – Ela riu novamente quando me ouviu. Desde quando eu virei alguma espécie de retardado? Tudo o que eu pensava ela ouvia. Ela podia ler mentes? A minha ressaca havia realmente me transformado em um completo imbecil.

Maravilha.

– Tudo o que você precisa está no armário na frente da pia. Vou deixar algo para você vestir e você pode colocar suas roupas para lavar. – Disse praticamente gritando recebendo de volta apenas um *ok* de Caterine.

Coloquei minha calça de abrigo e procurei por uma toalha para mim e fui em direção ao banheiro social. Tomei um banho quente e me forcei a lembrar da noite passada, vinham flashes em minha mente, em todos eles eu ria e bebia muito.

Mary feliz...

Josh olhando e sorrindo de forma debochada para mim...

Diane beijando outro cara...

Carter dançando e sorrindo comigo...

Tequila...

Beijos...

Mais tequila...

Mais beijos...

Parei embaixo da água e a deixei escorrer pelo meu corpo enquanto analisava a garota que acordara ao meu lado naquela manhã.

Era bonita e eu não poderia negar, ela não era como Phoebe ou Diane, sofisticada, ou elegante em sua forma de se vestir, pelo menos não para dançar em uma boate e disso eu me lembrava muito bem, mas havia algo nela que me fazia relaxar. Eu dancei com ela afinal.

Me diverti com ela.

Beijei ela.

E não poderia me enganar dizendo o contrário. E por que diabos eu não me lembrava da nossa transa? Foi boa? Foi ruim? Como foi, cacete?

Terminei de tomar o meu banho e rapidamente me vesti para ir à cozinha. Eu era uma pessoa muito organizada e me orgulhava disso, logo não havia problema para eu fazer qualquer coisa para nos alimentar. Tinha alimentos saudáveis para um café da manhã completo.

Fiz torradas. Peguei algumas frutas que eu tinha na geladeira e as cortei, arrumei em um prato algumas fatias de presunto e queijo, fiz ovos mexidos, preparei café e suco de laranja e em poucos minutos eu estava com uma apetitosa mesa de café da manhã para minha convidada e eu.

– Você não recebe muitas pessoas aqui, não é? – ela perguntou analisando a mesa posta, que agora eu percebia pomposa demais para um café da manhã a dois, enquanto se encostava na bancada que separava a cozinha da sala de estar. Estava vestida com as minhas roupas e aquilo me fez ferver instantaneamente. Minha camisa ficava grande nela, mas de uma forma completamente sexy e me perguntei se ela estava de calcinha.

Balançando um pouco a cabeça, tentei me concentrar em sua pergunta.

– Er...– Sorri sem graça. – Não realmente. Acho que exagerei.

– Está tudo bem, aprecio o gesto. – Sorriu e olhou em volta, as cortinas de blackout estavam por toda a parte escurecendo o local, apenas uma pequena claridade vinha da luz do bar e da cozinha, procurei o controle das persianas para abrir, mas não o encontrei, desisti quando o cheiro de torrada ... bem, torrada, agora no sentido mais literal, começou a invadir a cozinha. – Deixe-me ajudá-lo. – ela pediu e quando percebi, já estava ao meu lado pegando a colher de minha mão.

Suas mãos eram delicadas, pequenas, suas unhas eram medianas e estavam pintadas de vermelho destacando-se, o que me deu um certo nervosismo, unhas descascadas são feias. Especialmente vermelhas, e mesmo assim, de alguma forma, casada com sua pele branquinha e sedosa, eu gostei.

Era tão bonita, quase brilhante.

Seus cabelos estavam molhados e se mostravam em um loiro estava mais cinzento agora, e a raiz da cor natural, mais escura, estava mais evidente. Nunca a minha *não* preferência havia chamado tanto a minha atenção.

Que tipo de cara fica analisando o cabelo da garota daquela forma?

Ou suas mãos?

Ou as coxas?

Pisquei algumas vezes tentando me concentrar em nossa conversa, eu tinha que saber o que aconteceu. Como eu perguntaria isso? Indo direto ao ponto?

Sentamo-nos à mesa depois de tudo pronto e nos preparamos para começar a comer, tentei não analisar seus gestos delicados enquanto ela pegava o guardanapo e o dobrava para passá-lo em seus lábios. Ou quando girava a pequena colher em sua xícara. Mas seus movimentos eram tão graciosos, quase hipnotizantes.

Cancelei minha garganta, pisquei meus olhos mais algumas vezes e tentei me recompor.

– Bem, então... nós é... ?

– Sim! – Ela disse categoricamente enquanto pegava um pedaço de torrada e levava aos seus lábios.

Tão rosados...

– O que?

Merda!

Me peguei, ou melhor, ela me pegou murmurando sobre seus lábios.

– Nada... Eu sinceramente não me lembro de termos, bem... você sabe.

– Por que você tem dificuldade de falar em sexo agora? Ontem era a sua palavra preferida...

– E-eu dizia i-isso? – Pude ouvir minha gagueira na pergunta. Eu era um completo idiota mesmo.

– Sim, você repetia: "Adoro sexo, sexo é bom, tinha me esquecido como sexo é tudo..." coisas do tipo. – Eu abaixei minha cabeça na mesa e bati.

– Me mate agora, por favor. – Ela gargalhou. – Não é engraçado. Sou um fodido ridículo.

– Vamos Alex, não foi ruim...

– Você deve ter se divertido muito ontem. – Disse ironicamente.

– Sim, na verdade havia algum tempo que eu não sabia o que era me divertir tanto. Tenho que agradecer Mary Anne por isso.

Levantei minha cabeça rapidamente me lembrando em perguntar.

– De onde conhece minha cunhada?

– Nos conhecemos na Kia. Trabalhei lá.

– Oh! Sério?

– Aha... saí. Tem algum tempo. – Ela disse um pouco mais baixo. Seu olhar deixou o meu e ela parecia desconfortável agora.

– Você é engenheira também?

Ela riu.

– Não, eu era da parte jurídica. Eu era da equipe de advogados.

Meus olhos arregalaram. Nunca, em nenhum momento eu poderia imaginar que ela faria algo deste tipo.

– E você trabalha para quem agora?

– Particular. Pego casos menores, geralmente ações trabalhistas de pessoas que não tem muito dinheiro para bancar. Eu realmente não faço da advocacia a minha vida. – Explicou pegando o jarro de suco despreocupadamente. Olhei novamente para seu rosto, agora com mais atenção, ela era linda sem toda aquela maquiagem pesada, com ela também eu poderia dizer, do contrário acho que não teria ido para a cama com ela, mas agora, sua aparência parecia meiga, delicada, ela tinha sardas na região das bochechas e do nariz, eram rosinhas, tão claras. Como seus lábios, como seus seios... *Porra!*

– Mas como você vive? Sem nada fixo? – Perguntei tentando desviar minha atenção.

– Uhum. – Ela gemeu enquanto tomava o suco e logo colocou o copo sobre a mesa para que pudesse finalmente falar. – Eu faço outras coisas...

– Como...? – Eu deveria me preocupar?

Levei a xícara de café até meus lábios e tomei um grande gole esperando sua resposta.

– Prostituição. – Eu cuspi todo o café que tinha na minha boca naquele momento.

Uma prostituta? Na minha casa?

– O quê?

– Yeah! Seu irmão estava te achando meio deprimido então ele me pagou...

– Mas que... – Comecei a me levantar quando ela tocou minha mão.

– Calma! É brincadeira... – Olhei abismado enquanto ela explodia em risos, mas logo desmanchei em gargalhadas também.

– Não teve graça. – Resmunguei enquanto ainda ria.

– Estou vendo. – Ela respondeu já se controlando. – Mas sério, eu faço coisas como levar cães para passear e cuidar de crianças. Sou babá nos finais de semana.

– Você não sai?

– Não com frequência, quando saio é mais durante a semana, no final de semana não muito.

– Mas você parecia muito habituada a esse estilo de vida ontem... pelo que me lembro. Antes das tequilas pelo menos.

– E vodcas, e cervejas... não esqueça. E eu fui por Mary.

– Está explicado a amnésia. Eu bebi o bar inteiro. – Disse bufando. – Me desculpe por isso. E eu também só fui ontem por Mary Anne.

Ela deu os ombros.

– Sem problemas, afinal quem esqueceu da noite foi você... nunca saberá como foi bom.. – Não olhei para ela, mas pelo seu tom de voz ela não estava envergonhada, ao contrário de mim, que estava com o rosto pegando fogo, ela percebeu meu desconforto e sorriu, mas não disse nada.

– Então, você mora aonde aqui?

– Chinatown. – respondeu rapidamente.

– Hum. – Chinatown não é aquele lugar lotado de restaurantes, fumaça, penumbra e coisas acumuladas?

– Sei que não é muito organizado ou limpo, mas gosto de lá. – Carter explicou notando a minha reação.

– Deve ser legal...

– Eu gosto. O cheiro não é agradável, mas no meu apartamento eu mantenho a ordem..

– Seu apartamento é em cima de um restaurante, suponho. – Digo tentando esticar a conversa.

– Obviamente. – Ela ri.

Continuamos conversando sobre o nada convencional estilo profissional de Caterine Flinn. Ela me contou sobre como ajudou alguns imigrantes chineses a permanecerem no país e eu achei isso no mínimo admirável da parte dela ainda que continuasse parecendo completamente insana para mim, mas uma insana de bom coração.

Tomamos nosso café, recolhemos a mesa e lavamos a louça juntos. Ela me contou que se formou aqui, na NYU, e que seu pai também era advogado, mas que estava aposentado e ajudava a esposa em seu restaurante.

– Ele mora aqui também? – Perguntei organizando os garfos um em cima do outro.

– Não, somos daqui, mas ele mudou-se há algum tempo para Jersey.

– Meus pais moram lá também. – Eu disse um pouco impressionado pela coincidência.

– Quando casou-se novamente foi morar lá com a nova esposa e seus dois filhos, Jeremy de dezesseis e Amanda com a minha idade.

– E qual seria essa idade? – Perguntei interessado inteiramente nela novamente.

– Vinte e nove.

O telefone tocou e deixei que caísse na secretária.

Erro.

Grande e gordo erro.

"Você ligou para Alexander Hartnett. No momento não posso atendê-lo, deixe seu recado e em breve retornarei. Obrigado."

Alex, querido... Agora chega baby, chega de brincar. Estou com saudades.

Carter começou a rir da minha careta ao ouvir a voz estridente de Phoebe ao telefone. Eu abri a boca para me justificar quando a voz enjoativa da minha ex continuou.

...Vamos baby, me atenda... Alexander... Eu sei que você está aí! Você nunca sai no sábado de manhã...

Bufei e olhei para a garota ao meu lado que estava tentando não gargalhar da minha cara e revirei meus olhos antes de largar o que estava fazendo e ir pra sala. Me sentei no sofá e liguei a televisão tentando evitar a secretária eletrônica e Caterine que havia ficado na minha cozinha.

Forcei minha mente para tentar lembrar da noite que tivemos mas...

Nada.

Não consegui nada.

Merda.

– Então... Tomamos café e conversamos, eu agradeço, mas eu acho que vou indo...

– Ok... – disse sem ter certeza se eu realmente queria que ela partisse. Em muito tempo eu não esbarrava com alguém tão interessante, queria saber mais sobre ela, seu estilo alternativo de vida, e até sobre como é se envenenar com a comida de Chinatown. Ela andou vagorosamente para o quarto enquanto eu assistia seu bumbum movendo-se de um lado para o outro.

Após alguns minutos o telefone tocou novamente, mas desta vez foi o celular.

O som vinha da sala mesmo. Então na penumbra do cômodo eu procurei seguindo o som e quando encontrei o celular atendi rapidamente para não perder a ligação de Joshua.

– *Bom dia...* – Ele cumprimentou de forma que eu conseguia enxergar o seu sorriso na minha frente. Largo e debochado.

– Comece a explicar! – Ordenei apertando os dentes. Ouvi os passos de Carter atrás de mim e me virei para ela. Estava vestida com as roupas de ontem, com um longo casaco preto por cima. Levantei meu dedo para que ela esperasse um momento e fui em direção ao quarto para falar em particular com meu irmão. – Fale!

– *Precisa? Bro, você estava louco ontem...São muitos detalhes.*

– Ok, não vai dar pra falar agora, ela está indo embora e daqui a pouco eu ligo. Você vai me explicar...

– *Ela está saindo? Você está na cama ainda?*

– Não. Estou fora da cama desde uma hora atrás.

– *Já olhou para a rua hoje?*

– Não... – respondi sem entender.

– *Alexander, é segunda semana de Dezembro... E a maior nevasca dos últimos cinco anos está lá*

fora. Uma tempestade mesmo. Tudo parado. – enquanto ele falava eu corri de volta para a sala me dando conta de que Carter não estava mais ali procurei o controle das janelas novamente, o achei em cima dos dvd's da estante.

As cortinas se abriram e no momento em que vi a rua em frente ao meu prédio fiquei apavorado.

Era como se eu estivesse preso em algum filme de catástrofe por gelo.

– Jesus... – Murmurei enquanto andava até a cozinha para ver se Carter estava lá. Nada. Então corri para os outros cômodos. – Josh... Te ligo depois.

– *Se conseguir... Com essa tempestade...*

– Tchau.

Joguei o telefone e corri para a porta, estava destrancada. Não acredito que essa maluca havia ido embora sem se despedir. Abri a porta e andei rapidamente para as escadas sabendo que não era seguro usar o elevador com a iminência de faltar energia a qualquer momento. A rua estava coberta e intransitável, não era possível passar um carro sequer, Catherine não devia ter ido ainda.

Quando finalmente cheguei no hall notei que estava vazio, sem porteiro, andei rapidamente até as portas de vidro e saí. Foi rápido encontrá-la, ela estava parada em frente a uma montanha de neve com os olhos arregalados.

– Já disseram pra você que é falta de educação partir sem dizer adeus? – Pergunto chamando sua atenção. Ela tira seus olhos verdes e agora brilhantes reluzindo na neve e sorri levemente enquanto dá de ombros.

- Despedidas são tristes. – Responde simplesmente.

– Está impossível sair...–Digo me aproximando.

– O governo deveria estar cuidando disso. – Ela se volta para a neve acumulada analisando o local.

– Venha, vamos subir e descobrir o que está acontecendo. – Eu convido levando minha mão em suas costas e direcionando-a de volta para dentro.

É a maior tempestade de neve de todos os tempos...

As empresas locais estão tentando contornar a nevasca e limpar as principais vias, mas a constante tempestade impede alguma produtividade...

Meteorologistas acreditam que essa tempestade seguirá pelo restante do final de semana...

As autoridades alertam para os perigos e pede que ninguém se arrisque nas ruas...

Desligo a televisão e atiro o controle no sofá ao lado. Carter fica olhando para a tela por alguns segundos antes de perguntar:

– O que faremos agora?

Eu não sabia o que dizer.

Aparentemente ninguém entraria ou sairia.

Capítulo Três

– Eu... não posso ficar... tem que haver alguma maneira de ir. – diz se virando enquanto ajustava o vestido embaixo do grande sobretudo preto.

– Eu sinceramente não acho que dê para você ir para a casa... você mora no Chinatown. É longe daqui. – Parando na porta Carter deu um grande suspiro derrotado. Foi para a janela e ficou por um bom tempo olhando para baixo do prédio, talvez tentando achar alguma brecha para sair. Depois de mais outro suspiro virou-se para mim como se estivesse se rendendo, estava desconfortável com a situação, diferente da Carter que estava mais cedo tomando café comigo e fazendo piadinhas sobre ser uma garota de programa.

– Você pode ficar. Sem problemas. Acredito que amanhã estará tudo solucionado.

– Você ouviu o que os noticiários disseram? A porra do final de semana inteiro. – Exclamou caminhando de um lado para o outro.

– Eu tenho certeza de que é um exagero da parte deles, daqui a pouco ouviremos alguém falar que é o juízo final ou algo assim. Não se preocupe. Você pode ficar. – Tento acalmá-la ao mesmo tempo em que me pergunto quem me acalmará. Eu não tinha visitas constantes na minha casa. Talvez meus pais a cada dois anos ou mais e as namoradas ficavam sempre uma noite. Eu era um homem ocupado sempre.

Maldita hora em que fui entrar de férias.

Carter assentiu visivelmente chateada.

– Posso fazer uma ligação meu telefone morreu.

– Claro. – *Enquanto ainda temos linha.* Pensei. Apontei o telefone para ela. – Estarei...

– Você pode ficar, vou apenas avisar meu pai que não estarei em casa. – Levantei uma sobrancelha para ela tentando entender... Ela tinha quantos anos mesmo? Parecendo entender ela revirou os olhos para mim. – É uma questão de pai e filha. Um acordo que temos. Eu sempre ligo. – Assenti e me sentei no sofá enquanto ela começava a roer a unha do polegar e andar de um lado para o outro.

– Oi Jer. – Ela sorriu. – Eu sabia que você atenderia o telefone... Não, não sei se irei a Jersey na próxima semana. Você sempre pergunta, eu não sei... sim... aha... eu sei Jeremy. É claro que eu irei para o Natal, se eu não for papai começará a beber água da privada. – Ela riu. – Aham, eu vou pro Natal, é certo. Vamos garoto, deixe-me falar com o meu pai. – Pediu brincalhona.

Ela esperou um tempo muda até que finalmente soltou.

– Oi papai. – Cumprimentou com um sorriso largo. Era bonito seu sorriso, branco e parelho. – Sim, estou ligando antes porque não estou em casa... Yeah! Sim, isso mesmo. O senhor viu no noticiário, é... acho que só nós não vimos. – Ela olhou para mim e deu um sorriso safado. Engoli em seco. – Sim, é nós... estou na casa de um ã... amigo. – Ela revirou os olhos. – Não disse que estou namorando porque não estou pai, é um amigo. – O pai dela acha que sou seu namorado? Obviamente ela está correta sobre ele ser louco e tomar água da privada. Nós não somos namorados, é ridículo, somos o oposto. Não existe a mínima possibilidade. – Eu ligo assim que estiver em casa. Beijo... amo você também. – Ela desligou e não tocou no assunto, apenas sentou-se no sofá tirando os sapatos e colocando os pés para cima.

Eu diria em algum momento para ela fazer isso, mas o fato dela não esperar que eu dissesse para ela relaxar e de fato pôr os pés no sofá me deixou incomodado. Mas logo passou, ou não.

Ok, eu fiquei incomodado.

– Então... você pode tirar o vestido...– Ela me olhou levantando a sobrancelha e eu me dei conta do que falei. – Digo, sem nenhum cunho sexual...– Oh meu Deus! Minha diarreia verbal nunca tinha fim. – Digo, para você relaxar.

Ela gargalhou e levantou-se indo em direção ao meu quarto. Isso me fez pensar.

Eu sou solteiro.

Quando comprei esse apartamento eu queria ser solteiro. Pretendia não sair desse status de relacionamento, tipo para sempre e eu gosto de ficar sozinho. Quartos extras abrem precedentes para hóspedes e eu não gostava de hóspedes, quando meus pais me visitam eu cedo meu quarto para eles e durmo no sofá, isso quando não os induzo a ir atrás de um hotel. Quando namoro e quero ficar mais tempo com a garota geralmente vou para a casa dela. Enfim, não gosto que meu espaço seja invadido de nenhuma forma, eu tinha apenas um quarto. Como eu faria para dormir?

Minutos depois Carter volta vestindo a mesma camisa branca com suas roupas emboladas em suas mãos. Tento inutilmente desviar de suas pernas, mas não consigo.

– Posso usar a sua lavanderia? – Perguntou rindo da minha atitude. – Minhas roupas estão fedendo a cigarros.

– Pensei que fumasse.

– Nem sempre quando cheiramos a cigarro significa que somos recipientes em potencial de algum câncer maligno, e você também fedia a cigarros ontem à noite.

Eu tive que rir. Ela era sagaz, tinha um humor sarcástico. Eu gostava, era inteligente.

– Bem, a lavanderia é naquela porta na cozinha, é junto com a dispensa. – disse apontando na direção.

– Ok. – Respondeu seguindo em direção ao local que eu havia lhe indicado. Fui para meu quarto e olhei por um tempo para a minha cama. Eu precisava trocar os lençóis.

Enquanto trocava a roupa de cama me foquei no que eu faria sobre a noite. Eu teria que dormir no sofá?

É o que um cavalheiro faz, gênio.

Mas ela não é exatamente uma dama.

Eu quase senti o tapa que minha mãe me daria na cabeça por pensar assim de qualquer pessoa do sexo feminino. Ela me ensinou que mulheres são sempre damas, não importa de onde ela venha ou o que faz.

Logicamente minha mãe não conheceu minha ex.

Eu estava fazendo um juízo de valores baseado em seu comportamento em menos de vinte e quatro

horas, isso não era correto.

Além do mais, ela disse que era advogada também, se estivesse falando a verdade ela era mais inteligente e educada do que demonstra com aquela boca espertinha que dizia tudo o que queria. Ela comia com os dedos, sentava-se com os pés em cima do sofá dos outros, dormia com estranhos e se vestia como uma...

Bem, não que eu não tivesse apreciado o vestido curto, mas não estava acostumado com mulheres assim.

Quando terminei de arrumar a cama juntei os lençóis sujos e caminhei para a lavanderia para encontrá-la...

Santo Cristo!

Ela estava tirando a calcinha e colocando dentro da máquina de lavar. Senti meu corpo todo esquentar com a visão de parte de sua bunda enquanto ela se abaixava. Quando ficou ereta novamente a camisa voltou a lhe cobrir tudo, ou quase, só então ela percebeu minha presença.

– Hey! Mais roupas? – Indagou sorrindo levemente.

Eu não respondo, apenas estico os lençóis emaranhados para ela tentando evitar qualquer tipo de constrangimento maior.

Constrangimento da minha parte, é claro.

Que porra estava acontecendo comigo? Eu tinha dezesseis anos? Não tinha mais controle sobre o meu corpo?

– Está feliz em me ver Alex? – Carter perguntou olhando para a minha ereção e sorrindo.

Ok. Isso *não* evitou qualquer tipo de constrangimento.

Eu nada disse, senti o rubor aumentando em meu rosto então, como um adulto civilizado, viro minhas costas e saio praticamente correndo daquele lugar. Ela poderia ser discreta também. Pessoas civilizadas não ficam dando ênfase para certas atitudes. Como uma ereção, ou quando pegamos uma pessoa com o dedo no nariz, ou até coçando as bolas. Ela podia ao menos ter me preservado. Em nome de uma boa convivência de quase vinte e quatro horas que temos.

Me tranquei no meu escritório tentando esquecer de tal constrangimento, peguei algumas cópias de processos antigos e comecei a analisá-los apenas para passar o tempo, eu perdi dois processos nos últimos cinco anos, eram casos de homicídios, ambos foram casos onde eu não pude colocar os desgraçados atrás das grades, a revolta deveria diminuir com o passar do tempo, mas isso não mudava em mim. Eu tinha problemas em perder.

Principalmente perder o controle.

Tentei passar o máximo de tempo possível em meu escritório. Acessei a internet para me distrair no momento em que percebi que lia o mesmo parágrafo do processo sem parar, de repente vi que meus dedos haviam digitado o nome dela. Olhei para a página de pesquisas, enquanto o nome dela piscava para mim me tentando. Com um suspiro cliquei em pesquisar e esperei. A tempestade de neve deixou a internet lenta, isso sempre acontecia quando o natal estava chegando, a neve bloqueava e empatava boa

parte da minha vida naquela época do ano. Depois do que pareceu uma eternidade nada além de sua página do facebook me cumprimentou, fechei a página sem adicioná-la.

Eu não tinha facebook ou twitte... Insta-alguma coisa para adicioná-la. Eu era um adulto ocupado que não perdia tempo com essas porcaria cibernéticas.

De repente, me arrependi de não ter porcarias cibernéticas pela primeira vez.

Eu comecei a sentir um aroma que me fez salivar. Ela estava cozinhando?

Porra, ela levou a sério quando disse para ela sentir-se a vontade, não? As pessoas não deveriam levar em tanta consideração o que falamos, não era porque minha mãe convida todo mundo para passar algum tempo em sua casa que as pessoas vão.

Não sabia como me sentir tendo alguém na minha casa, usando-a assim.. tão livremente.

Incomodado?

Com certeza.

Impressionado.

Porra, sim!

Excitado?

Esqueça disso. Vamos falar de outra coisa.

Me levantei e sorratamente me dirigi para fora do escritório para espiá-la. Ela estava preparando o jantar como eu imaginava. Fui me aproximando enquanto visualizava a sua aparência, seus cabelos curtos e platinados estavam uma bagunça para todos os lados, estavam claros novamente, ela tinha pouco cabelo, eram finos mas o corte era sexy, uma novidade para mim. Ela usava apenas a minha camisa ainda e o fato de ela estar cozinhando sem calcinha começou a incomodar minhas calças novamente. Meu Deus! Eu sou um fodido adolescente.

Sentindo o meu movimento, Carter virou-se e abriu um enorme sorriso, como se a situação em minha lavanderia mais cedo não tivesse ocorrido.

– Tomei a liberdade de cozinhar o jantar. – Olhei para o relógio e não pude acreditar que já passavam das sete horas. Fiquei tanto tempo assim no escritório? Assenti e tentei dar um sorriso amistoso. Acho que funcionou, pois ela deu um leve suspiro e se virou para o fogão.

– O que está cozinhando? – Perguntei me aproximando.

– Vi que você tinha peito de frango. Então optei por algo simples, arroz e frango com molho de mel. Você é bem saudável. Tem tudo fresco. Você faz as suas próprias compras ou tem alguém que faz por você?

– Eu faço a lista. O supermercado entrega. – Disse me aproximando um pouco mais. O cheiro era realmente delicioso. Ela sabia cozinhar. – O cheiro está bom.

Aposto que ela aprendeu a fazer esse prato com uma chinesa de algum restaurante sujo e aleatório em Chinatown.

– Apreendi com uma chinesa dona de um restaurante em Chinatown.– Eu sabia! Estava certo. – É meio sujinho...– Eu não queria estar certo nessa parte. – Mas absorvi apenas a receita e não a falta de higiene. – Ela sorriu e voltou a cortar mais alguns legumes. – Então... Você tem muita comida para quem é solteiro...

– Bem, minha mãe é um pouco neurótica... e eu puxei um pouco a ela com o passar dos anos, ela me ensinou a comer comida de verdade, então tenho uma empregada que vem durante a semana e faz alguns pratos para mim. Obviamente eu tenho o cardápio que eu quero. Ela congela as porções para quinze dias.

– Controlador. – Ouvi ela murmurar, mas resolvi não discutir. - Isso é legal, eu gosto de cozinhar, na verdade, eu tiro muito tempo para isso.

– Você não tem..

– Passa aquela colher grande para mim, por favor?

– Jeito de quem cozinha... - completei enquanto fazia o que ela havia pedido.

– Bem, pelo que o jeito como você me analisa eu não pareço em nada com o tipo de mulher para você. – Eu corei novamente, lembrei-me de quando ela dissera que não havia sido um sacrifício para ela ajudar Diane a se livrar de mim. Ela definitivamente não era o meu tipo de mulher, mas certamente estava me tirando da minha zona de conforto, eu não sabia como agir perto dela. Ela era um furacão. - O que vamos fazer depois do jantar? – Jesus, essa mulher não conseguia parar de me constranger?

– Eu... é... não... Eu não...

– Bem, você tem uma videoteca maneira na sala, o que acha de alguns filmes?

Ah sim... filmes. Nunca pensei em mim como um retardado tarado.

Até hoje...

– Bem, claro, afinal temos que passar o tempo de alguma forma. – Tentei não pensar em sexo, mas não consegui.

Eu queria pensar em sexo.

Queria fazer sexo com ela.

Carter sorriu, e eu quase tive certeza que ela ouviu meus pensamentos novamente, mas desta vez, ao menos, foi educada para não dizer nada.

Enquanto ela terminou de preparar o suco de laranja eu coloquei a mesa para nós, ela não parecia muito feliz com a ideia.

– O que? – Perguntei abrindo os braços enquanto ela fazia um bico rejeitando minha mesa.

– É dia de neve Alexander Hartnett. – Disse se aproximando com outra toalha que havia pego na gaveta e foi até a sala. – Você não teve infância? – Continuei olhando enquanto ela estendia a toalha em frente a grande janela de vidro ocupava a parede inteira voltada para o rua principal e pegou o controle das persianas para abri-las mais. O dia já havia dado lugar a noite, mas a rua estava toda iluminada e a neve continuava a cair constantemente, cheguei a assustar – me com a beleza do cenário. – Em dia de

neve podemos fazer de tudo. – Abrindo um sorriso brilhante, quase infantil, Carter voltou para buscar a comida e os pratos.

– Mas tenho uma mesa. Não precisamos comer no chão. Mesas foram inventadas por uma razão.

Eu podia ouvir minha voz de menino mimado, mas realmente não via nenhum objetivo em comer no chão. As coisas eram sempre feitas com um objetivo, para mim. Fazer por fazer, soava simplesmente impróprio. Nós éramos adultos. Adultos não deveriam fazer coisas imprevisíveis.

Deveriam?

– Alexander...– Ela deu um suspiro quando terminou de organizar as coisas no chão.

– Mas...

– Você tem um sério problema.

– E qual seria?

– Você tem envelhecimento mental precoce. – Levantei minha sobrancelha enquanto me aproximava e ela sentava-se na toalha.

– Isso nem existe.

– Sente-se logo. E não sei se existe, existindo ou não você praticamente batizou esse transtorno.

– Você também deveria ter um transtorno. – Disse bravo. Ela riu enquanto servia o frango e o arroz para mim.

– E qual seria?

– Ser feliz demais. – Disse com certa arrogância. Eu realmente parecia uma criança. Ela me olhou mais séria agora.

– O que há de errado nisso?

– Ninguém pode ser feliz demais. Vamos, você deve ter algum problema...– Ela sorriu. Eu sabia que estava sendo patético mas, qual é? A garota parecia uma criança feliz o tempo todo. – Um problema qualquer... Vamos lá! Algo que você queira muito e não pode ter? – Seus olhos caíram para o prato enquanto ela tentava reconstruir sua perfeita feição de felicidade. Eu podia ser um pouco tapado quando se tratava de mulheres. Não burro. Algo me disse naquele momento em que eu havia acertado um ponto sensível.

– Eu sou a garota mais irritantemente feliz com quem você já dormiu, garanhão. Agora coma. – Aquela fora a sua tentativa de me deixar constrangido o suficiente para encerrar o assunto.

Algo a incomodava.

Então, eu simplesmente deixei o assunto morrer. Parei de reclamar do fato de comermos no chão e aproveitei a refeição. Ela realmente cozinhava bem e eu não pude deixar de apreciar o cenário. Realmente foi prazeroso comer no chão assistindo a neve quase fluorescente cair pela minha janela.

– Gostou então?

– Você é boa, tenho que admitir.

– Obrigada.

Ela lavou a louça e eu sequei enquanto conversávamos em perfeita harmonia sobre direito, as últimas notícias mundiais e nossas famílias, foi realmente impressionante o nosso entrosamento. Phoebe e eu basicamente só nos dávamos bem quando minha língua estava em sua boca.

– Então? Vamos assistir o quê?

– Bem, você é a convidada, pode escolher. – Ela andou até a minha videoteca e mexeu em seus cabelos enquanto analisava os títulos, não pude deixar de notar o quanto ela parecia confortável nas minhas roupas. A grande camiseta parecia um vestido nela. Era sem nenhum caimento, mas ainda assim a deixava sexy como o inferno.

Ela acabou por escolher *Uma noite alucinante*, eu ri, era difícil achar alguém mentalmente insano como eu que gostasse daquela grande besteira que chamam de filme. Eu poderia prezar pela seriedade a maior parte do tempo, mas se tinha um filme que eu poderia usar para quebrar o gelo e relaxar, este era a escolha.

– Você gosta de *Uma noite alucinante*? – Sua pergunta era carregada de incredibilidade.

– Qual o espanto?

– Você é mais o tipo que assiste Mr. Bean ou *The Big Bang Theory*.

– Pare! Aquilo é ridículo. É nerd. Coisa de gente velha e retardada. – Respondi igualmente incrédulo com a sua colocação.

– Exatamente! – Exclamou se jogando ao meu lado no sofá. Notei uma proximidade íntima entre nós.

– Assim você está me ofendendo. – Rimos juntos enquanto ela dava o play. – Ok, talvez eu seja um pouco hum... mal humorado, mas não retardado.

Ela preferiu se calar.

Assistimos aos três filmes de *Uma noite Alucinante*.

Antes do final do último filme ela adormeceu.

Em meus braços.

Eu gostei.

Merda!

Capítulo Quatro

Assim como ela dormiu, novamente ela havia acordado em meus braços. E desta vez foi mais constrangedor do que a primeira. Na noite anterior eu a observei dormir por muito tempo. Pensei no quanto eu estava sendo louco e irresponsável por manter alguém que eu nem ao menos conhecia em minha casa comigo. Depois chutei minha bunda mentalmente por sequer cogitar mandar aquela garota embora. Olhei para a rua e durante a madrugada, pelo pouco que eu podia observar do sofá, a neve apenas se intensificou. No lugar de pavor ao ver que realmente ela não iria embora tão cedo, eu senti...Alívio?

Eventualmente eu adormeci com ela, sabia que minhas desculpas não serviriam de nada. Quem eu queria enganar dando desculpas para justificar o fato de que eu dormiria naquele sofá com ela? Eu dormi sentado no sofá porque não queria ficar longe. Eu não conseguia. Era horrível o suficiente admitir a mim então decidi que nunca admitiria a ela, até porque não existiam motivos para isso afinal de contas. Ela iria embora.

Enquanto tomava meu banho ouvia Caterine cantando *Crazy* de Aerosmith. Eu sabia que ela estava preparando o café da manhã. Lembrei-me de como ambos ficamos sem graça quando acordamos e percebemos que estávamos grudados nos braços um do outro. Carter se mexeu e gemeu me deixando acordar lentamente enquanto eu emitia os mesmos sons. Quando finalmente nos damos conta de onde estávamos saltamos do sofá. Ela mexeu em seus cabelos e olhou pela janela. Era estranho vê-la sem graça. Sua postura parecia perturbada agora. Sem piadinhas sinceras, sem sarcasmo e sem conotações sexuais. Ela estava desarmada.

– Vou tomar banho.

– Eu preparo o café.

Dissemos enquanto viramos as costas um para o outro e seguíamos sem olhar para trás.

Bem, ela não olhou para trás.

Terminei meu banho com um longo suspiro derrotado enquanto olhava pela janela do banheiro que a neve não havia cedido um segundo sequer.

Depois de vestir fui em direção a cozinha, mas parei no meio do caminho. Olhei em direção a janela e novamente ela estava lá. Sentada no chão com o café da manhã posto junto a parede de vidro. Ela abriu um largo e intenso sorriso para mim que me fez ficar arrepiado, mas em resposta revirei meus olhos e me aproximei. Notei que seu sorriso morreu com a minha atitude a seguir, era muito bobo da parte dela querer fazer coisas infantis só por que estava nevando.

– Novamente comeremos no chão?

– Sim. – Disse me alcançando um copo de suco de laranja.

– Ficarei com dor nas minhas costas.

– Você tem quantos anos? – Ela perguntou alterada.

– Por que quer saber?

– Por que você tem o corpo de um cara na faixa dos trinta, mas age como se tivesse noventa e faz

birra como um garoto de doze. –Olhei perplexo. Ela simplesmente estava me insultando dentro da minha própria casa? Mas... que... porra!

Quem essa garota pensava que era?

Antes que eu pudesse repensar a forma como estava agindo soltei:

– E você parece ter quinze, uma adolescente deslumbrada, está sempre feliz com tudo. Está fazendo da minha casa um circo só porque está nevando lá fora, é patético. – Eu me sentia a própria criança birrenta.

– Qual seria o meu motivo para ter raiva da vida e ser rabugenta? – Carter me pergunta ceticamente, como se uma cabeça extra estivesse brotando em mim.

– Não sei. Qualquer coisa? – Eu me levantei quando vi que ela estava fazendo o mesmo. – Você está sempre feliz, parece que vai abrir a bolsa e tirar incensos e livretos hippies de dentro dela. Age como se a vida fosse cor de rosa. O que? Sonha em casar e ter crianças gordas e sorridentes por aí? – Eu soube que meu show havia passado do ponto quando assisti seus olhos marejarem enquanto ela dava um passo para frente e apoiava o seu minúsculo dedo em meu peito.

– Você. Não. Sabe. Nada. Sobre. Mim. – Uma lágrima caiu e ela se virou para sair, se dirigiu para o meu quarto e pelo movimento percebi que ela estava arrumando suas coisas para ir embora quando a segui.

Enfiei as mãos em meus cabelos nervoso com o fato de que ela realmente iria embora e tudo ali acabaria de uma forma muito ruim.

O que diabos está acontecendo comigo? Eu pareço uma criança birrenta.

Antes que eu terminasse meu raciocínio uma Catherine com os olhos vermelhos caminhava para a porta com sua bolsa e seu casaco nos braços.

– Onde você vai? – Perguntei debilmente enquanto ela tentava abrir a porta.

– Para casa, gênio.

– Está nevando.

– Não diga, Sherlock.

Continuou abrindo a fechadura e quando conseguiu rompeu pela porta rapidamente.

Ela tinha me irritado de uma forma irracional. Não havia lógica em explodir em insultos. Eu não estava entendendo mais nada. Mas sentia que não podia deixá-la ir embora. Não assim. Não com raiva de mim. Droga! Corri atrás dela imediatamente.

– Hey, me desculpe! – Disse pegando em seu braço, o choque atravessou todo o meu ser e acho que o dela também, pois Carter ofegou e se virou para mim com os olhos arregalados. Eu sabia que deveria falar algo mais, mas meu corpo facilitou -ou não- as coisas para mim. Puxei-a para meus braços e tomei seus lábios com fome. Ela paralisou por alguns segundos, mas depois amoleceu em meus braços entregando-se a mim.

Eu não me lembrava do seu beijo, então este simplesmente me pareceu o primeiro. Senti toda a ansiedade e querer que eu não havia sentido antes, ou não me lembrava de tê-lo sentido. Meu corpo todo pegou fogo e sem a minha permissão meus braços a agarraram e levei-a para dentro.

Em uma fúria não contida joguei sua bolsa longe sem tirar meus lábios dos seus, Carter, em nenhum momento, pareceu lutar contra mim, na verdade senti minhas roupas serem tiradas ao longo do caminho para meu quarto enquanto eu cuidava para não batermos nas paredes, mas a forma como estávamos tornou a tentativa um tanto quanto frustrada.

No quarto me separei dela para que pudesse tirar seu vestido, mas nossos lábios eram imãs.

Desci minha boca para o seu pescoço e escorria minhas mãos pelo tecido na intenção de tirá-los por baixo. Quando senti sua pele nua colada com a minha não resisti em deixar escapar um gemido.

Ela era tão quente, tão macia.

Nos joguei na cama e desci meus lábios de seu pescoço para seu colo e logo estava em seu peito apreciando cada um de seus seios. Não eram grandes, mas perfeitos. Dei uma boa olhada me deliciando com sua aparência rosa e delicada.

Seu corpo era tão jovem, mas suas formas eram femininas e maduras ao mesmo tempo. Olhei para ela notando que estava ofegante e seu rosto estava corado, brilhante, assim como seus olhos. Eu estava alucinado, eu queria estar dentro de Caterine, queria estar dentro dela como nunca antes, com qualquer mulher que eu tenha estado. Mas algo nela me fazia parar ao mesmo tempo, me intimidava. Por um momento eu simplesmente não soube o que fazer, como agir.

Percebendo meu estado, Carter se contorceu embaixo de mim soltando um grunido.

– Faça alguma coisa. – ela pediu em um tom desesperado me fazendo acordar e continuar a exploração pelo seu corpo com meus lábios.

– Oh Deus! – gemeu e aquilo me deixou louco, sua voz excitada era como um combustível, me acendendo ainda mais. Algo na sua voz, *algo nela* fazia com que todas as reações que eu tivesse fossem novas.

Ainda que eu já tivesse passado por isso antes, sabendo como agir com uma mulher, com ela era tudo diferente, tudo estranho e familiar ao mesmo tempo, era difícil explicar a mim o que estava acontecendo, mas decidi analisar tudo aquilo em outro momento.

Suas mãos espalmaram-se pelas minhas costas e apertaram minha pele puxando de forma mais agressiva fazendo-me cerrar os dentes e me deliciar com aquela provocação. Meus dedos percorreram a lateral de seu corpo de forma forte enquanto eu voltava meus lábios para os seus e invadia a sua boca com a minha língua. Seus quadris levantavam e mexiam-se formando atrito com os meus, nossos sexos se tocando o tempo todo enquanto nossas respirações eram completamente audíveis entre aquelas paredes.

De repente ela empurrou meu peito e eu paralisei retirando parte do meu peso para lhe dar espaço, fiquei nervoso com o que poderia ter feito de errado, mas logo eu estava sendo atirado de costas na cama enquanto Carter vinha para cima de mim.

– Você é bom... – Disse. – Mas agora é minha vez. – Seu corpo todo desabou sobre mim e logo sua boca e língua estavam desenhando minha pele. Eu gemi tentando me conter, mas os choques emitidos por

seus lábios era algo que tornavam a tarefa impossível.

Sua língua estava chegando em uma trilha sensível no meu corpo o que me deixava mais duro do que poderia ser possível algum dia. Eu sentia a lateral inferior da minha barriga molhada por causa do trajeto que sua língua fazia até quase a minha cintura, ousei olhar para baixo e ali foi a minha perdição. Flashes da noite passada, de seus olhos bem maquiados e expressivos.

Ela tinha razão, eu realmente havia dito que adorava sexo. Como não poderia adorar? E eu queria que esse fosse tão gostoso quanto o da outra noite. Eu queria que ela gritasse novamente o meu nome como havia feito, queria que toda a tensão sexual que se formou entre nós fosse saciada da mesma forma que a tensão que conquistamos no clube. Aquela mulher era simplesmente diferente de tudo.

Enquanto seus delicados dedos entravam pela barra da minha cueca ela me olhava com um sorriso perverso nos lábios. Eu gemi novamente e desta vez mais audível do que eu queria. Carter sorriu e baixou a peça deixando amostra o meu membro que parecia estar pronto para rachar de tão duro. Ela não o tomou com os lábios, e de certa forma mesmo decepcionado eu imaginava que ela não o faria, era íntimo demais para nós, mas ao voltar para cima de mim ela roçou seu rosto delicado nele e em seguida seus seios, barriga e ainda seu centro fazendo-me segurar suas curvas com mais força antes de sentar-se em mim tomando cuidado para que eu não a penetrasse. Senti-a quente e molhada e aquilo me fez querer ainda mais estar dentro dela.

– Você... tem? – Eu sabia do que ela estava falando. Tirei uma das minhas mãos do seu corpo e me pus a tatear o criado mudo ao meu lado, abri a gaveta com muita força e a fiz desengatar e cair no chão, gemi, mas desta vez foi de frustração. Carter foi rápida em querer acabar com aquela protelação desnecessária. Jogou seu corpo novamente por cima de mim fazendo nossos sexos se tocarem agora mais intensamente enquanto tateava a gaveta com a mão direita e remexia nas coisas até encontrar o preservativo.

Quando ela o encontrou foi rápida em abrir o pacote e descer para as minhas pernas. Pegando em meu membro ela bombeou um pouco para cima e para baixo fazendo contorcer-me embaixo dela. Que poder aquela mulher tinha que me deixava tão loucamente excitado? Querendo mais dela? Juntos, desenrolamos o preservativo no meu membro e logo suas mãos estavam em meu peito apoiando-se para suspender seu quadril e direcionar meu membro em sua entrada. Ao sentar-se a senti molhada e pulsante, preendi a minha respiração tentando me concentrar para não forçá-la a sentar-se logo em mim e acabar com aquela tortura.

Por sorte, Carter parecia tão alucinadamente ansiosa quanto eu e deslizou sobre mim de forma lenta. Nos olhamos e pude ver algumas sensações passarem por seu rosto. Identifiquei apenas uma delas: Perversão. Seus olhos escureceram, sua sobrancelha levantou-se e sua boca se abriu deixando seus lábios inchados quase se encostando.

Ela cavalgou em mim nos próximos minutos me deixando completamente extasiado. A forma como ela conduzia seu corpo era magistral, ela se conhecia bem e de alguma forma ela conhecia o meu corpo também.

Nos movimentamos juntos e em sincronia por um longo tempo ao que parecia, depois de satisfeitos apenas nos deitamos de frente um para o outro e ficamos nos olhando até que finalmente ela falou:

– Você não devia ter feito isso. – Sua voz era séria, mas seus olhos brincalhões.

– Desculpe, foi a forma que encontrei de não deixar você congelar na sua tentativa de voltar para casa.

– Mentiroso. – Disse aproximando-se e aninhando seu corpo ao meu, eu suspirei deixando que ela agisse daquela forma. Era estranho e familiar ao mesmo tempo, não nos conhecíamos e esse tipo de intimidade... carinho, aconchego...

Não era algo esperado por mim, mas ela fez parecer tão normal, tão comum que não me opus.

Olhei para o balcão do meu quarto e quase tive um aneurisma do quão bagunçado estava e desviei o olhar para não estragar aquele momento, porém, fazendo uma nota mental para arrumá-lo mais tarde.

– Eu chamei você de mentiroso. Você não vai sapatear como um menino novamente? – Ela riu contra o meu peito.

– Não. E me desculpe pelo que disse mais cedo...

– Sem problemas...

– Eu não sabia que poderia chateá-la tanto.

– Você não sabe muitas coisas sobre mim.

Eu queria saber mais coisas sobre ela?

Eu realmente não entendia nada do que estava se passando comigo agora.

– Então, nada de rubor hein? – Disse se colocando de joelhos. – O que acha de continuarmos a nossa diversão?

Eu sorri para ela e a puxei novamente para mim.

– Concordo, mas agora eu fico por cima. – Meu tom era baixo e rouco enquanto minhas mãos apertaram a sua cintura trazendo-a para mais perto. Ela ofegou mostrando que de alguma forma eu poderia atingi-la também.

Aquela mulher me colocou louco nas próximas horas, não posso dizer que fizemos algo diferente de puro sexo selvagem. Ela não era nada do que eu procurava em uma mulher, mas passou a ser tudo o que eu almejava na minha cama.

Eventualmente nós tivemos que comer algo, mais tarde naquele dia.

Bem mais tarde, eu diria.

**

Passavam das cinco quando resolvemos que estávamos transando apenas para termos o que fazer naquela cama. Eu não tinha mais o que gozar e Catherine estava reclamando que suas pernas estavam com câimbra de tanto ficarem abertas.

– Você pode tomar banho, vou preparar algo para comermos e tirar o café da manhã do chão. – Disse me levantando.

– Alexander, estamos nojentos, eu não quero sua comida se vai cozinhar algo nesse estado. –

Brincou. Me virei enquanto olhava para meu corpo suado. Eu deveria estar mais do que sujo mesmo.

– O que sugere? – Perguntei sorrindo sabendo a resposta.

– Banho... juntos? – Perguntou em dúvida. Eu sorri minimamente e assenti enquanto ia para o chuveiro, ela me acompanhou e juntos tomamos banho. Nos beijamos e novamente senti como se aquilo fosse íntimo demais. Como se fosse normal entre nós. Já era a hora de eu pirar e sair correndo?

Mandá-la para casa?

Olhei pela janela do banheiro por um instante para obter a resposta.

A neve ainda caía na mesma intensidade.

Não, eu não poderia entrar em pânico ainda.

Mas no fundo eu sabia que eu não *queria* entrar em pânico. Aquela situação era sedutoramente confortável para mim.

**

Nós terminamos nosso banho e optamos por terminar o café há muito esquecido na janela, apenas esquentando o leite e o café novamente, conversamos mais sobre nossas vidas, mas quando o assunto foi o coração, Catherine Flinn quis pular a sua parte. Eu aceitei e falei sobre Phoebe. Isso pareceu descontraí-la, gargalhando por um bom tempo na minha cara falando coisas como: Cobra psicopata e viciada em compras. Mas não gostou quando contei o que ela fez a Josie.

– Ela tem o quê na cabeça?

– É o que venho me perguntando. Josie é uma menina ...

– Que Josie fosse Kevin McCallister, não justifica falar algo assim de uma criança. – Ela conhecia minha sobrinha, afinal era amiga de Mary, mas ela pareceu muito mais do que apenas solidária, parecia querer a cabeça da minha ex em uma bandeja depois do que soube.

Nós terminamos de comer e Carter disse que estava cansada. Eu não cogitei perguntar o motivo. Ambos sabíamos o porquê de estarmos tão exaustos, então a convidei para ir dormir comigo. O que a fez me olhar confusa.

– Juntos?

– Não é você quem diz que tudo isso é normal? Que age como se não fosse grande coisa? Acabamos de rolar naquela cama por horas, acho que dormir não é um problema. – Ela sorriu e me seguiu até a cama. Juntos, trocamos os lençóis e nos deitamos. A ouvi gemer e se aninhar em um dos travesseiros e longe de mim.

Me peguei querendo que ela dormisse em meus braços novamente.

Capítulo Cinco

Acordamos com o telefone tocando.

Era o meu.

Era a minha mãe.

– Porra! Porra!

– Alguém já te disse que você fala muito essa palavra? – Carter ronronou ao meu lado enquanto eu me sentava e criava coragem para atender.

– É minha mãe. Eu deveria estar em Jersey neste final de semana, mas, obviamente, eu não fui. – Passei a mão nos cabelos me preparando para um longo sermão.

Minha mãe tinha uma mania muito inconveniente de sempre achar que podemos dar um jeito em tudo, inclusive em uma tempestade de neve. Ainda consigo me lembrar de quando ela desenvolveu uma tese para Rose conseguir se equilibrar com Jack em cima da porta flutuante em Titanic.

– Olá... mamãe? – Atendi com medo.

– *Estou muito brava. Semana que vem quero você aqui, Alexander.*

E ela desligou.

Eu não esperava por isso.

Deveria ter mais medo agora?

Minha mãe é a mulher mais dócil e amável do mundo. Mas tinha algum tempo que eu protelava para vê-los. Eu amava meus pais, mas suas cobranças me deixavam nervoso e desconfortável. Eu evitei tanto nossas visitas que acho que nem um ataque zumbi aliviaria o fato de que eu não havia ido para casa naquele final de semana.

Eu diria que ela estava de saco cheio da minha ausência.

– Bem, foi mais fácil do que eu estava preparado. – Disse olhando para o telefone ainda. Levantei os meus olhos e vi Carter sentada na cama com as pernas cruzadas com as mãos nos cabelos, seus dedos passeavam pelo seu couro cabeludo sem parar enquanto ela olhava para o chão. – Algum problema?

– Que dia é hoje? – Ela perguntou sem me olhar.

– Quinze.

Ela assentiu.

– Está tudo bem?

– Sim, está... Só estou pensando... é quase natal.

– Falta um pouco ainda...

– Você entendeu, Capitão Óbvio.

– Vai passar as festas com o seu pai?

– Vou. – Respondeu simplesmente.

– Legal.

Olhei para ela tentando entender aquele desconforto repentino. Simplesmente o clima pesou. Muito. Mas eu não havia feito nada. O que poderia ser?

Bem, eu não fiz nada. Eu não me lembro de ter feito algo.

Eu fiz algo? Eu não fiz nada. Não fiz. Essa garota só pode ser louca...

– Você não fez nada, Alex. Este tipo de data é difícil para mim. Só isso.

Ótimo, eu havia falado novamente.

– Que merda de falta de filtro. Desculpe. – Sentei-me ao seu lado e ponderei por um momento se seria conveniente tocá-la. Talvez perguntá-la se gostaria de falar sobre o que a incomodava. – Eu realmente não queria que tivesse ouvido, eu... Você quer falar sobre o que está aborrecendo você?

– Estou com fome! – Ela pulou da cama encerrando o assunto, eu a segui até a cozinha e ambos olhamos para a janela, a neve ainda estava lá. – Acho que serei sua hospede por mais tempo...

Eu não posso explicar exatamente o porquê, mas me senti aliviado. Talvez por que eu não seria culpado por alguma doença ou por ela morrer congelada.

A quem eu estava tentando enganar? Eu estava feliz por ter mais um dia de sexo.

– Então vai ficar? – Perguntei procurando pelo controle remoto.

– Não é como se eu tivesse opção. – Parei um pouco ofendido com sua declaração. – Mas estou feliz que estou aqui com você. – Sorri para ela relaxando. – E sempre podemos passar o tempo como ontem. – Ela piscou e riu.

Sim! Mais sexo! Isso!

Eu tinha dezesseis novamente.

Voltei a procurar o controle remoto embaixo das almofadas.

– Em cima dos DVDs. – Carter chamou a minha atenção respondendo a pergunta não feita. Olhei para ela enquanto apontava para a prateleira. – Você sempre põe lá. – Caminhei até o local e peguei o controle ligando a televisão imediatamente enquanto rezava para que ainda tivéssemos sinal.

"As autoridades pedem para que a população fique em suas casas. Um trabalho está sendo feito para abrigar os moradores de rua da região..."

"... Os meteorologistas alegam que é a maior nevasca dos últimos cinco anos e que se manterá até o final da semana, com pouca probabilidade de acabar, apenas amenizar..."

Como assim? Era domingo. Ele estava dizendo o próximo final de semana?

"...Os meios de comunicação serão mantidos enquanto for possível, será privilegiado quem

utilizar-se de meios via satélite...”

“...Voltaremos com mais notícias...”

Estávamos fodidos.

E eu gostei disso.

Merda.

Caterine estava ao meu lado em um longo processo de catatonia, fiquei olhando para ela sem dizer nada, apenas esperando que ela dissesse algo, mas ela não parecia querer sair do seu transe. Ficou simplesmente olhando para a televisão. Quando finalmente voltou a si me olhou e soltou um longo suspiro.

– Como uma cidade como New York não tem um planejamento para isso? – Ela se perguntou olhando para a televisão. – O que faremos? – Por um momento pensei ter visto algum tipo de fraqueza em sua voz, mas quando percebi um sorriso crescendo em seus lábios eu soube que ela estava sendo sarcástica.

– Bem...– dei de ombros. – Eu posso ter algumas ideias. – Passei por ela para ir para a cozinha ouvindo seu riso baixinho. Eu teria que contabilizar a comida para o resto da semana. Mais cinco dias pelo menos.

– O Sr. *Tenho minhas camisas arrumadas por ordem de cor e combinando com a gravata* fez uma piadinha sexual? – Perguntou atrás de mim.

– O que? Eu não tenho minhas camisas...

– Ah, tem sim. Mas você fazer uma piadinha erótica e não corar? Isso sim é estranho. Pelo menos pra você.

– Eu não fiz piada erótica...

– Você disse que tinha algumas ideias...

– Sim, eu disse. Foi sugestivo, não erótico.

– Sei... E quais são suas ideias, afinal?

– Batalha naval, maratona Arquivo x e o melhor... Ordenar minhas camisas por cor. – Disse improvisando uma empolgação exagerada. Carter gargalhou aproximando-se. – Oh. Meu. Deus! – Colocou as costas da mão em minha testa. – Você está bem?

– O que? – Tirei a mão dela do local.

– Você realmente fez piada! Você fez. – Caterine bateu palmas e deu pulinhos animados na minha frente me fazendo rir.

– Eu não sou tão ruim quanto você pensa. – Eu não poderia ser tão patético assim e mal humorado assim, poderia?

– Eu sei...

– Sabe? – Perguntei me dirigindo até a sala que eu dividia em lavanderia e dispensa para os alimentos.

– Para a minha decepção, Alexander Hartnett, você não tem nada de ruim. Algumas pequenas, muito pequenas falhas... mas ruim? Não. Definitivamente você não tem nada de ruim. – Ela pulou e sentou-se na máquina de lavar, respirei fundo para não chamar a sua atenção. Porra, havia uma cadeira ao lado da porta. Qual é o problema dessa mulher em sentar em locais apropriados? Jesus! Ela estava vestindo apenas minha camisa e suas pernas estavam cruzadas, mas suas coxas lisas, cremosas e branquinhas estavam piscando para mim como luzes em uma árvore de Natal.

Balancei a cabeça e me virei para o armário de alimentos, abri as portas e analisei o estoque.

Eu tinha comida o suficiente para muitos dias, eu realmente estava sendo um pouco...

– Você é tão metódico e tenso. – Continuou, Caterine, por mim.– Por que está contando comida? São só mais alguns dias.

– Você ouviu. Podem ser mais dias.

– Ou menos. Humm... está com esperança, bonitão? – Parei e olhei para ela contemplei seu sorriso sônico e ... ugh...Deus, ela era toda sexy. Suas pernas balançavam suspensas no ar divertidamente, aquilo era completamente irritante e excitante ao mesmo tempo. Era como se ela conseguisse se transformar em qualquer fantasia sexual em um piscar de olhos.

Caterine saltou da máquina e caminhou para a cozinha, logo ouvi barulhos de panelas, copos e água correndo.

– Vou preparar algo para comermos. – Disse quando apareci ao seu redor. Me aproximei dela e a prenei contra o balcão, de costas para mim. Ela se apoiou contra o meu peito e virou o rosto para cima.

– Você é linda. – Me ouvi dizer. Seus olhos verdes claros brilharam e um sorriso largo, de menina se abriu em seu rosto.

– Você acha? – Perguntou ainda sorrindo.

– Você é linda, Caterine Flinn. – Respondi aproximando meus lábios. Ouvi ela suspirar antes de encostarmos nossas bocas e nos entregarmos a um beijo carinhoso.

Isso assusta pra caralho.

**

Quando a comida ficou pronta, Carter gritou meu nome. Saltei da cadeira em meu escritório e corri para a sala. Eu sabia que ela estaria lá.

– Por que está sorrindo? – Ela perguntou se ajeitando no chão e se encostando na janela.

– Você realmente tem um problema com mesas e cadeiras.

– Tenho problemas em seguir a vida como uma ovelha, só isso. Sente-se. Não seja um chato.

Comemos em meio ao silêncio, sorrisos e olhares roubados. Eu estava relaxado e gostando daquele jogo. Era bom estar com aquela garota. Realmente bom.

– Então... você tem mesmo batalha naval aqui? – Olhei para ela pronto para discutir a minha piada anterior. – É sério, sem brincadeiras... temos muito tempo para matar e sexo o dia inteiro é apenas para mocinhos de romances eróticos. – Eu engasguei no meio do meu copo de suco e comecei a rir.

– Não, eu não tenho. Era brincadeira. – Ela bufou e riu também. – Mas tenho música. – Afirmei envergonhado, eu absolutamente não tinha nada de diversão em minha casa. – Podemos escutar, conversar, assistir filmes também.

E transar. Eu podia não ser um mocinho de romances eróticos, mas eu podia me esforçar.

– Música é legal... – Carter levantou-se e foi em direção a minha coleção de CDs. – Uau! Quanta coisa... – Olhava e passava seu dedo indicador nos títulos enquanto caminhava vagorosamente de um lado para outro. – Uh... Bon Jovi! Parece que temos um apreciador...

– Ganhei de presente... – Disse dando em ombros. Mary havia me dado na verdade, um vale presente, eu achei que seria bom. Josh disse que as mulheres ficavam excitadas ouvindo aquilo, era bom para criar clima.

– Nota-se, você nem tirou o plástico... – Ela disse tirando o cd da prateleira. – Uhhhh... é uma coletânea. – Enfiou o dedo para tirar o plástico e quase tive uma ulcera.

Eu tinha verdadeiro pavor que qualquer, lacre, envelope, correspondência, até o papel de cima da manteiga fossem retirados por alguém além de mim. Mas se eu demonstrasse qualquer coisa parecida com um ataque daria mais armas para aquela louca me chamar de menino birrento, engoli meu orgulho e deixei que ela colocasse o cd na aparelhagem de som enquanto sentia o meu olho contrair.

– Vamos ver por onde começamos...

– Pela primeira música... – Que porra de dificuldade de seguir a ordem das coisas.

– Mas a primeira música é chata.

– Mas deixa tocando, ir na ordem.

– Argh... você é tão certinho e metódico.

– Não sou...

– Mantém suas revistas ao lado da sua cama em ordem numérica por edição.

– Você mexeu nas minhas coisas?

– Não... Mary Anne me contou quando ela e Joshua nos trouxeram. Ela disse para eu olhar, mas você gritou para eu deixar as minhas digitais longe das suas revistas. – Ela ria enquanto falava e selecionava a música que queria.

– Blaze for glory! – Vibrou acima da música que havia deixado alta demais. – Adoro essa música. É tão sexy.

– Muito alto... os vizinhos podem...

– O quê?

– Os vizinhos. – Não adiantou.

- *Wake up in the morning, And I raise my weary head, I've got an old coat for a pillow.*

Ela cantou provavelmente me ignorando e eu fiquei ali tentando me aproximar do aparelho de som para baixar o volume, mas Catherine não deixou.

Parecendo possuída, Carter começou a dançar em volta de mim no maior estilo cowboy do velho Oeste e me puxar para meio da sala. Eu não dancei, é claro. Deixei ela me balançar os braços enquanto tentava dizer a ela que os vizinhos reclamariam, mas ela não ligava, jogava sua cabeça de um lado para o outro e acompanhava a música alta.

– Vamos, não seja mal humorado... temos mais cinco dias para nos distrair. – Sorri e a puxei com força para meus braços fazendo com que ela parasse e me olhasse.

– Eu disse que tinha algumas ideias. – Me aproximei enquanto a olhava nos olhos.

Eu sorri e toquei seus lábios com delicadeza arrancando um suspiro. Nossos lábios ficaram abertos um no outro apenas acariciando-nos, seu gosto era maravilhoso, seu hálito não era assim tão quente, ou tão frio, era apenas diferente.

Me permiti apenas aproveitar aquele momento, ter o conhecimento de que a tinha em meus braços e de quem ela era ou se mostrava para mim. De como as coisas supostamente funcionariam entre a gente se não nos focássemos em apenas fazer sexo sem sentido, e sim aproveitar o que ambos tínhamos a oferecer. A levei para perto da janela da sala e a deitei no chão.

Nos beijamos como dois adolescentes por horas, sem conversar, ou manter promessas, apenas em um pacto silencioso:

Esses próximos dias seriam para esquecermos o que havia lá fora e nos dedicarmos ao que havia aqui dentro. Se ninguém entrava e ninguém saía, aproveitaríamos até o último momento.

Capítulo Seis

– Bom dia...– Catherine se espreguiçou e rolou de forma que seu rosto ficasse colado em meu peito. Ela me abraçou e o beijou dando um estalo em minha pele antes de responder.

– Bom dia... – Sua voz estava rouca e me fez rir.– Eu sei, voz de travesti.

– Não diga isso... ou terei que visitar um psicólogo pelo resto da minha vida. É a segunda vez que você faz esse tipo de brincadeira. – Reclamei estremecendo e a fazendo rir.

– Não sou um travesti, não se preocupe... – Afastou-se. – Fiz a mudança de sexo tem dois anos. Sou uma mulher perfeita agora.

– Muito, muito engraçado. Suas piadas pela manhã são tão boas quantos as minhas durante o dia todo.

– Suas piadas são horríveis, Alex.

– Exato. – Respondi bufando e me levantando.

Ela disparou a rir e demorou para voltar ao normal, mas quando o fez eu já estava no banheiro escovando meus dentes, Carter me acompanhou levando seu pequeno estojo de maquiagem e escovando seus dentes ao meu lado.

Sabíamos que escovar os dentes lado a lado era algo extremamente particular, mas de algum modo nenhum de nós importou-se realmente. Estar perto dela vinte e quatro horas por dia era um curso intensivo para a palavra com C. Que eu nunca, nunca iria usar.

Casamento não fazia parte do meu futuro ou vocabulário.

Quando terminamos de escovar os dentes Catherine tomou minha mão nos voltando para o quarto, mais precisamente para a cama.

– O que está fazendo...? – Perguntei com esperança, mas me mantive calmo, tentando não parecer uma cadela excitada.

- São nove horas da manhã, pequeno Alex.

– Não me chame assim...– pedi incomodado.

– Ok, que seja, vou te chamar de grande bebê chorão, então.

Bufei e me deitei na cama ao mesmo tempo em que ela se atirou ao meu lado.

– Então, bebê, são nove da manhã, semana de neve, podemos ficar na cama o dia todo. – Olhei para ela contendo o sorriso. Que homem não gostaria de ouvir isso.

– Tire esse brilho tarado do olhar. Claro que podemos fazer isso também, mas eu estava pensando em fazer, sabe... nada.

Nada?

Bem, eu nunca tentei isso realmente, seria uma ideia, mas não posso exatamente dizer que seria uma

boa ideia. Coisas como *nadismo*, sedentarismo, vadiagem... essas coisas, tendem a ser como o crack, viciam a pessoa na primeira vez que experimentam. Mas o que eu iria fazer afinal de contas?

É, foi o que pensei.

Nada. Eu não podia fazer nada com relação a fazer nada.

– Alex, você está divagando. – Meu pensamento foi interrompido.

– Falei alto novamente?

– Não, mas já consigo perceber quando você está pensando demais.

Como ela já conseguia me ver assim, tão claramente, eu realmente não sabia. Mas era estranho o quão bem ela já me conhecia e me levava.

Nunca fui de acreditar no destino, na verdade, acredito que quem faz o destino somos nós. Nós procuramos nossos objetivos, traçamos nossas metas e quando achamos, lidamos com a situação. Mas agora, vendo Catherine Flinn ao meu lado, na minha cama. Sendo o completo oposto de tudo que eu procuro em uma mulher, eu não estava tão certo disto.

E quando ela fosse embora? Nos veríamos novamente? Ela é amiga de Mary, afinal eu poderia vê-la, e ser seu amigo também, por que não? Minha família vive me dizendo que sou antissocial, que minha vida se resumia em trabalho, talvez uma boa amiga me traria bons benefícios.

– Você está pensando demais. O que é? – Ela perguntou agora virando os olhos para mim.

– Hum... você não ia querer saber. – Eu respondi me aproximando e puxando o seu rosto para beijá-la, toquei seus lábios de leve fazendo ela virar seu corpo completamente e colar ao meu.

– Isso é bom. – Sussurrou.

– O que exatamente? – perguntei no mesmo tom que o dela.

– Ficar assim, fazer nada, estar com alguém...

Me lembrei que falamos sobre muitas coisas, ela viu o que Phoebe fez ao telefone, e deixei claro em alguns comentários que eu não estava namorando.

– Você... Tem... alguém? Um namorado? – Perguntei tentando parecer despreocupado mas, algo dentro de mim ansiou para que a sua resposta fosse negativa.

– Se tivesse, não estaríamos assim...

– Bem, tem pessoas que não se prendem, não pensam assim.

– Eu penso, acho simplesmente repugnante trair alguém com quem está. Não se trata apenas de fidelidade, mas também de lealdade. – Seu rosto estava transformado em uma carranca vermelha.

– Bem eu concordo que não é uma demonstração de bom caráter, mas apenas disse que ...

– Eu sei, me perdoe por favor... Eu só não gosto de traição, de nenhum tipo.

– Então, você não tem ninguém... e sair com estranhos não é comum para você. – Afirmei mudando

de assunto mas não tanto.

– Não. Não costumo transar com homens aleatórios e desconhecidos e ainda me alojar na casa deles por vários dias. – Nós rimos. – Mas você é cunhado de Mary Anne, e ela ficou tão feliz quando nos viu juntos. Logicamente, que eu não era a escolhida para estar na sua cama, ela queria lhe apresentar Di... mas ficou satisfeita quando viu que nos entendemos.

Eu sorri, isso seria típico de Mary, sempre tentando salvar o mundo.

– Ela sempre foi uma grande amiga... quando casou com Joshua fiquei satisfeito em saber que eu a teria para sempre em minha vida.

– Ela tem carinho por você. Pediu para eu cuidá-lo. - Sorri novamente. Eu sabia que Mary me amava mas era bom escutar de qualquer forma.

– E você? Tem alguma amiga assim? Que você pode contar? Aposto que...

– Não. – Ela foi categórica. – Digo, eu tinha, mas o tempo nos afastou.

– Então você é sozinha aqui? Por que não ficar com o seu pai em Jersey, então?

– Muitas perguntas Hartnett. – ela disse tentando escapar. Decidi por não atormentá-la.

– Muitos namorados no passado?

– O que? Vamos fazer esse jogo mesmo?

– Está fugindo Flinn, se não quiser responder só passe, estou tentando manter nossos dias ocupados...– Ela riu e se virou de bruços apoiando seu corpo nos cotovelos e mantendo sua cabeça erguida.

– Não. Não muitos. Tive apenas um namorado de verdade. –Vago. Muito vago. – Você?

– Bem, até eu ir para a faculdade de direito eu, digamos, aproveitei. – Disse simplesmente.

– Hum... você era o garoto mais bonito da escola. – ela afirmou.

– Eu chamava um pouco de atenção. – Ela gargalhou com minha tentativa de parecer humilde e eu também. – O que? A escola que eu estudava era pequena...

– Quão modesto você pode ser?

– Eu falo sério! Quanto tempo faz que seu pai se mudou pra lá?

– Bem, definitivamente dois anos. – Ela disse desviando o seu olhar. – Mas ele já namorava minha madrastra, então ficava indo e voltando, até que eu disse para ele ficar lá. Mais alguma pergunta?

– Hum... Não sei. Cite curiosidades. – Pedi antes de alcançar seus lábios e beijá-la.

– Vamos ver. – Ela pensou por um momento. – Eu sonho em preto e branco as vezes e posso me acordar de dentro do sonho. Apenas digo: Você está sonhando estúpida, acorde. E abro meus olhos. Eu gosto de fingir que estou no meio de um videoclipe ou musical quando estou andando na rua e escutando música, odeio ervilha, acho extremamente libertador tomar água direto da boca da garrafa usando apenas um par de calcinhas. – A imagem me fez duro imediatamente. – Eu tenho meus demônios... mas não quero

realmente compartilhar com você.

Ela finalizou me deixando ainda mais admirado.

– Você bebe água da boca da garrafa? – Ela começou a gargalhar. – Isso é nojento. Sexy, mas nojento também.

Brinquei com ela.

– Você é doente, de tudo, ouviu apenas isso. Odeio você. – Disse brincando.

Eu havia escutado cada virgula, mas queria quebrar o gelo.

– Vamos lá. Você não me odeia. Deve ter algo de bom em mim.. Que você goste. Hum? – Pedi me aproximando e a puxando para ficar em cima de mim, ela se ajeitou em meu corpo e olhou nos meus olhos.

– Você tem coisas boas Alex... muito boas. – Sussurrou e me beijou com paixão.

Aquele pacto silencioso que fizemos em aproveitarmos o máximo estava dando mais do que certo.

Eu sou homem, lógico que eu gostaria de passar o resto dos dias em uma cama com ela, mas ao mesmo tempo eu queria conhecê-la, queria saber da sua vida. Mas suas respostas sempre me levavam ao mesmo questionamento:

Por que?

Por que eu estava me deixando levar?

Ela definitivamente estava aproveitando aquele momento também, mas não parecia se questionar como eu. Parecia muito certa do que estava acontecendo ali. O que me tranquilizava e assustava ao mesmo tempo. E se ela quisesse mais?

E se ela simplesmente fosse embora e nunca mais aparecesse?

As duas perguntas me assustavam pra caralho.

A segunda, muito mais do que a primeira.

Suas mãos passearam sobre o meu peito fazendo com que me arrepiasse imediatamente, minha excitação aumentava a cada toque, como eu jamais poderia ter imaginado ser possível.

Ela sabia que me deixava assim, Caterine era o tipo de mulher que poderia incendiar qualquer homem com a sua loucura e erotismo. Virei nossos corpos e imediatamente tirei sua/minha camisa e me pus a beijar seus seios perfeitos. Seu corpo me passava a sensação de ser completamente quebrável, ela era tão delicada, sua pele tão branca, sua textura tão aveludada, que era como se eu estivesse a ... ugh... profanando?

Mas seus olhos me diziam o oposto, os olhos de Carter eram quentes e adultos, me diziam que ela havia vivido o suficiente, tanto que ela se permitia viver aquele momento com um cara que ela mal conhecia.

Ela me permitia entrar em seu corpo e nestes momentos me fazia acreditar que até a sua alma era

minha, embora, nunca seus pensamentos. Catherine Flinn era um livro aberto, até o capítulo principal. Ela não queria falar sobre o seu maior momento, aquilo que cada ser humano leva consigo. A bagagem. Seja dolorosa ou não.

Sabendo que ela não se abriria e que não tinha tempo para reverter tal situação restava-me aproveitar o que ela tinha para me oferecer.

– Venha Alexander, vamos nos divertir. – Disse enquanto suspirava. A invadi de vagar, sem força, apenas para que aproveitássemos a sensação. Eu tinha que aproveitar o máximo. Antes que eu não tivesse mais seu corpo disponível para mim. Ou que as camisinhas finalmente acabassem. Era muito bom que eu fosse exagerado em minhas compras.

Após algum tempo, difícil de dizer quanto, nós adormecemos. Ela primeiro, eu demorei mais pois nunca gostei de dormir sem tomar banho. Lentamente me levantei e fui em direção ao banheiro, liguei a ducha no máximo e bem quente e me enfiei embaixo. Eu tinha que parar de tentar entender aquela garota, mas por algum motivo, eu simplesmente não conseguia. Algo nela me fazia querer conhecê-la profundamente.

Oh Alex, pare com isso. Você não tem tempo para se preocupar.

É verdade, eu não tenho tempo.

Balancei minha cabeça para ter alguma clareza e talvez, só talvez conseguir tomar meu banho e voltar para a cama com ela.

Ela está toda suja naquela cama...

É, mas por algum motivo, não me importo.

Ela está fedendo provavelmente.

Não seja ridículo. Nem jogando três partidas de basquete ela conseguiria feder.

Oh cara! Você está tão ferrado.

Cala a boca.

Meu Deus, essa garota me fez desenvolver algum tipo de esquizofrenia? Eu estou discutindo comigo mesmo.

Me sequei e segui para a cama onde a vi deitada na diagonal, ela havia tomado conta da cama toda? Como uma pessoa tão pequena pode ser tão espaçosa?

Lembrei-me de Phoebe, se ela fosse parecida com aquela megera em outros quesitos eu teria que jogá-la pela janela em breve. Olhei para ela na cama novamente, ressonando e soltando pequenos e baixos gemidos enquanto dormia profundamente.

Não havia nenhuma forma dessa mulher ser como Phoebe. Ela era tão linda e ...

Oh merda! Melhor ir dormir.

Pensei tentando recobrar algum sentido.

Deitei-me na cama e delicadamente, o quanto eu pude ao menos, a peguei para que me desse algum espaço para dormir.

E novamente ela dormiu em meus braços.

– Alex! – Murmurou baixinho. Estava sonhando. Perguntei-me se era em preto e branco.

Se o sonho for bom, espero que ela não diga a ela mesma para acordar.

Capítulo Sete

– Mais... forte...– Ela pediu ofegante enquanto eu investia cada vez com mais brutalidade.

Essa mulher ainda me mataria de alguma forma, e eu não me importava.

Nossas pélvis se batiam de forma violenta e nossos corpos suavam em pleno inverno New York, o rosto dela estava vermelho e seus olhos brilhavam mudando de tonalidade para um verde mais escuro.

Puxei sua perna por trás do joelho e a encaixei em minha cintura, entendendo o recado ela ajeitou a outra cruzando as duas e grudando ainda mais nossos corpos, quase ergui seu corpo com o tamanho da investida que dei, ela gemeu alto e nesse momento eu nem me importei mais com o que os vizinhos poderiam pensar. Faltava pouco para ela ir embora e eu queria tudo que poderia pegar dela.

Egoísta do caralho.

Depois de termos quase desmaiado naquela cama resolvemos nos levantar e tomar um bom banho, juntos novamente, brincamos e nos esfregamos enquanto a água quente escorria pelos nossos corpos. Eu podia sentir o gosto dela em meus lábios inchados ainda, analisei seu rosto e sorri percebendo que seus lábios também estavam inchados e seus olhos continuavam mais escuros e brilhantes. Era como se fizéssemos isso há meses, roubamos beijos um do outro e me peguei acariciando seus curtos cabelos enquanto fingia que os estava lavando para ela.

Fomos direto almoçar, pois já passava da hora do almoço há muito tempo, Catherine preparou rapidamente um espaguete ao molho branco e bacon para nós. Fiz suco com as últimas laranjas que haviam na geladeira e desta vez, graças ao bom Deus, nos sentamos na mesa. Acho que ela não queria mais ver a neve, enjoo a partir do momento em que nenhum prédio mais fica visível.

– Você me disse que seu pai casou-se novamente, e sua mãe? – largando o garfo Carter olhou-me com tristeza, deu um suspiro, mas nada disse por um longo momento.

– Minha mãe mora na Califórnia. – Começou sem querer falar, eu estava pronto para mudar de assunto quando continuou. – Ela abandonou eu e meu pai quando eu tinha dez anos. Não a vejo desde então.

– Eles brigaram?

– Eles casaram-se cedo, por que minha mãe engravidou... de mim, bem, ela aguentou dez longos anos até dar seu grito de liberdade. – Ela deu em ombros tentando provar que não era nada demais. – Eu não a vejo, não abro suas cartas e não atendo seus telefonemas, meu pai nunca me forçou. E todos viveram felizes para sempre. – Seu sorriso não chegou aos seus olhos mas eu não quis continuar com aquela conversa, não quis fazê-la passar por isso, não quando estávamos perfeitamente felizes dentro daquele apartamento.

Era quinta-feira. Ainda tínhamos mais dois dias pelos meus cálculos. Eu não iria estragar tudo com drama familiar.

Eu poderia dizer que era um cara sem fantasmas, regrei minha vida para que não houvesse pendências ou assuntos inacabados, tudo para mim era preto e branco, bem resolvido, sempre colocando as cartas na mesa para bom entendimento de todos os interessados. Mas ela, eu tinha a nítida sensação de

que a sua vida era um monte de pontas soltas.

– Isso realmente está bom. –Elogiei apontado para a massa que ela havia feito.

– Obrigada. Sou a rainha do improviso. – Esse tipo de declaração me dava arrepios. – Quase não tenho tempo para cozinha bem elaborada.

– Mas você disse que não trabalhava muito, apenas o suficiente...

– Bem, sim... ganho alguns casos durante um tempo e guardo o dinheiro para viver sem problemas, mas isso não quer dizer que eu não trabalhe...

– Estou ouvindo.– Disse pouco antes de tomar um gole do suco.

– Bem, eu já disse... Passeio com cães, às vezes trabalho na loja de alguma amiga. Essas coisas...

Sempre muito vaga. Isso me deixava com dor de cabeça as vezes.

Ou sempre.

Comemos enquanto conversávamos e deixamos a louça para mais tarde. É claro que essa ideia foi dela. Eu nunca deixaria louça para lavar depois, eu poderia ter colocado na máquina ao menos, mas não. Ela não permitiu. Simplesmente me puxou para a sala.

– Tem sorvete?

– Está frio...

– Apenas lá fora. E nunca é frio demais para sorvete. – Disse voltando para a geladeira.

– Tem alguns sabores...

– Ótimo. – Ela virou as costas prontamente e fiquei na sala a sua espera.

Em mais algum tempo ela apareceu com o pote de sorvete e duas colheres.

– O que está fazendo?

– Que cara de pavor é essa, Alex?

– O que faz com esse pote?

– É sorvete.

– Percebi... e por que não estão em potinhos? Tem um monte de taça para sobremesa em algum lugar...

– Mas direto do pote é melhor, lembra? Dia de neve... – Oh não! Ela se aproximou e sentou-se ao meu lado no sofá.

– Mas em potinhos...

– Pelo amor de Deus Alexander. Relaxe. Cristo!

– Eu não...

– E chega de negação. – Ela pegou uma das colheres cheia de sorvete de chocolate e enfiou na minha boca. – Era tão frio que queimou meus lábios e quando engoli, congelou a porra do meu cérebro.

– Ow, aw! – Reclamei levando a mão na testa.

Caterine montou em meu colo e colocou beijos pelo meu rosto.

– Me desculpe! – Ela agora passava seus pequenos dedos tirando o restante do doce de meus lábios, fiquei olhando-a enquanto fazia aquilo e não pude deixar evitar que meu estomago revirasse. Eu sabia o que estava acontecendo comigo e percepção me magoou, doeu.

Ela iria embora, porra.

Notando que eu estava olhando sua ação ela parou e me fitou por um tempo antes de tomar meus lábios delicadamente nos seus.

Suas mãos acariciaram o meu rosto com uma delicadeza que eu nem sonhava que poderia vir dela. Ela suspirou e quando vi que ia parar movi minhas mãos para seus quadris impedindo que ela saísse dali. Nosso beijo retomou aquele mesmo ritmo calmo, acariciei seu quadril e subi minhas mãos pelas suas costas enquanto seus dedos desenhavam meu pescoço, eu nunca havia me sentido daquela forma, como se fossemos personagens de algum romance literário ou um filme água com açúcar clichê.

Aquilo não era nada bom.

Depois de um tempo, ela sentou-se ao meu lado e pediu para que eu escolhesse um filme para assistirmos.

– Está um pouco frio. – Carter disse enquanto encolhia seus pés para baixo das minhas pernas. Levantei-me prontamente e peguei o edredom da minha cama para colocar sobre ela. Eu ainda era o mesmo Alex, então primeiro ponderei se seria o correto, mas depois ri da minha própria neurose. Qual era o problema de deixar o edredom na sala? Eu não tinha oito anos e não deveria ter medo de nenhuma bronca que minha mãe poderia me dar.

Nos cobrimos e adormecemos no sofá.

**

Na manhã seguinte meu estomago doía ao lembrar do noticiário que assistimos.

A tempestade estava amenizando e amanhã ela não estaria mais aqui. Eu teria que ficar feliz sobre isso. Eu finalmente teria de volta a minha vida. Nada de comer no chão como índio, nada de partilhar a minha cama mais do que uma vez ou outra e nada de dançar pelo meio da sala a música horrenda do Bon Jovi.

A verdade? Aquilo estava me causando o efeito oposto. Pensar que eu teria só mais um dia dela me deixava sedento por mais. Eu sabia que aquele momento chegaria, eu só queria que ele não chegasse.

Eu a queria, o sexo era maravilhoso. Sua companhia era relaxante.

Era isso! O sexo maravilhoso que fazíamos.

Apenas isso. Sexo.

Tinha que ser apenas isso.

Saí do banheiro depois de um longo tempo fingindo que estava tomando banho para finalmente encará-la. Ela estava sentada na cama conversando com o seu pai.

– Eu estou bem pai... Sim, fiquei encurralada aqui, mas está tudo bem... Ok, amo você também. – Ela sorriu com algo que ele tenha falado e logo desligou.

– Seu pai está preocupado.– Deduzi.

– Está querendo conhecer meu namorado na verdade. – Ela revirou os olhos bufando, senti-me quente, provavelmente estava vermelho. – Ele acha que estou inventando que estou na casa de um amigo... Eu também não poderia contar que vim parar aqui para me satisfazer e satisfazer você, é claro. – Riu, mas não achei graça.

– Não fale como se você fosse uma...

- Prostituta? – Ela estava séria. – Sério Alexander, você acreditou em todo o meu papo...

O que? Como...

– Do que está falando.

– Estou falando que fui paga para animar você baby...

Senti minhas pernas trêmulas ao ouvir ela me chamar de baby. Eu era um maricas.

– Você adora essas piadinhas bobas.

– Ok, desculpe. Eu não sou prostituta, continuo sendo advogada, ok? Agora vem cá... – Estendeu a mão para que eu a acompanhasse na cama.

Deitei ao seu lado e a olhei por um tempo antes de criar coragem para falar.

Na verdade eu não sabia bem o que dizer, mas tinha uma vontade louca de não ficar sem o contato dela.

– Estava pensando... depois que... bem, depois que a tempestade acabar e... – Carter não me deixou terminar, quando percebi estava em cima de mim me calando com um beijo forte e apaixonado.

Aquele beijo não tinha nada de delicado, era apenas ansioso. Suas mãos passearam por baixo da minha camiseta provocando arrepios por todo o meu corpo. Soltei um gemido involuntário, mas fui capaz de pará-la. Ela me olhou confusa, mas acomodou-se do meu lado e permitiu que eu acariciasse seu corpo pelo resto do dia. Apenas assim, ficamos deitados, dormindo e acordando enquanto roubávamos beijos um do outro.

Nunca falando nada.

Nenhuma promessa.

Sequer de amizade.

Eu entendi que ela não queria falar naquele momento, mas no dia seguinte eu falaria com ela de um jeito ou de outro, tínhamos que continuar nos vendo ao menos como amigos.

Com benefícios?

Talvez, mas não é hora para pensar nisso.

Eu só não queria perder contato.

**

Finalmente a noite caiu, nos preparamos para nos levantar e comer algo.

Eu cozinhei desta vez.

Fiz omeletes.

Comemos em silêncio. Eu poderia dizer que embora aliviados com o final de tudo, a atmosfera estava triste.

Após o jantar ela foi lavar a louça, talvez protelando qualquer assunto que poderíamos ter, mas foi a minha vez de deixar tudo para trás e apenas aproveitar o momento. A peguei pela mão e a levei para a cama, minha ideia era apenas conversar, mas Carter queria se despedir de tudo.

Apenas fizemos amor.

Não soube definir se era isso exatamente, mas foi calmo e intenso. Ela adormeceu mais tarde e eu apenas fiquei a olhando enquanto me despedia. Não da forma como seria no dia seguinte, é claro.

Nos imaginei dando um abraço desajeitado enquanto ela me agradecia pela hospitalidade e eu mexia em meus cabelos totalmente sem graça pela situação. Talvez eu a beijasse, mas talvez ela não quisesse, afinal nosso acordo era enquanto a neve caía. E, se agora ela estava amena, a tempestade se fora, amanhã o dia apenas seria úmido, as calçadas escorregadias e minha casa vazia.

Senti novamente aquele aperto em meu peito. Fechei meus olhos querendo que fosse segunda feira novamente, mas não sem perder o que tivemos até agora.

Eventualmente cai no sono, e quando acordei novamente já era dia e estava sozinho na cama. Gemi e me virei. A cama estava vazia.

– Carter? – Chamei.

Ela não respondeu. Antes de procurá-la pela casa fui ao banheiro e percebi que havia facilitado a minha busca.

Caterine havia ido embora, e sem dizer adeus. Apenas um bilhete engraçadinho escrito com batom no espelho do banheiro.

Um final clichê para uma semana fora do comum.

Foi bom!

Obrigada, Alexander.

Capítulo Oito

Eu estava bravo.

Eu estava muito, mas muito bravo mesmo.

Por que diabos ela foi embora desse jeito?

Olhei para todos os lados do meu quarto enquanto tentava entender. Entender por que ela tinha ido embora, por que ela não havia se despedido, por que ela não tinha aberto mais da sua vida para mim, e o mais importante de tudo:

Por que eu me importava?

Saí do meu quarto e olhei pela janela da sala dando um longo suspiro.

Não tivemos mais tempo.

E ela não deixou nem o seu telefone.

Argh homem... apenas siga em frente.

Isso mesmo, estou sendo ridículo dando tanta importância para uma aventura imposta a mim pelo clima tenebroso deste lugar. Foi bom, mas nem tanto também... Lógico que eu vou esquecê-la. Não foi nada.

A campainha tocou e mal pude suportar o meu coração sabendo que seria ela.

Oh meu Deus, é ela... É ela!

Ela voltou...

Eu tinha certeza disso.

Mas ao abrir a porta me deparei com a única criatura que não queria falar em qualquer momento.

– O que está fazendo aqui Phoebe? – Perguntei com meus dentes apertados enquanto ela invadia meu apartamento...

– Eu teria vindo antes, mas estava ocupada.

– Sim, encurralada por causa da neve...

– Mais ou menos isso... – ela respondeu tirando as luvas e sacudindo os cabelos, aqueles cabelos irritantes, negros, compridos, opacos e sem brilho...

Ok, ok... não eram opacos ou sem brilho, mas não eram platinados também..

Ou curtos.

Argh!

Sacudi minha cabeça para esquecer aquela mulher e ter algum foco.

– O que você quer?

– Vai viajar? Para Jersey? – Ela parecia animada. Eu conhecia essa animação, ela me seguiria.

Minta Alex.

– Não, vou para... outro lugar.

– No Natal?

– Sim.

– Onde?

– Não é da sua conta. – Ela colocou as mãos na cintura e aquele olhar perseguidor no rosto. Ela não iria desistir. – Eu vou para Miami.

– O que vai fazer lá? – Fui até ela e a peguei pelo braço com a outra mão juntei sua bolsa e casaco e a levei para a porta.

– Vou ficar bem longe de você Phoebe, passar bem.

– Alexander, vamos baby, não seja rancoroso. – Ela pediu já do lado de fora. Eu me limitei a sorrir e fechar a porta na cara dela. – Alexander, você não vai me deixar, você... você... ugh! – Gritava histérica enquanto eu ia para o sofá e me afundava nele tentando engolir o caroço que se alojou em minha garganta.

Afinal, eu estava tão confuso com todos aqueles sentimentos que simplesmente não conseguia pensar sem desenvolver uma dor de cabeça.

Não pensei sozinho por muito tempo. Meu telefone tocou, atendi quando vi que era a minha mãe. Ela queria saber que horas eu chegaria em Jersey, minha vontade sinceramente era não ir e me afundar em mais trabalho, ficar o final de semana lá não resolveria nada para mim.

Foi quando me lembrei.

Caterine disse que iria para New Jersey também, ela estaria com o pai dela. Eu só não conseguia me lembrar quando ela estaria. Se seria neste final de semana, ou apenas para o Natal.

Ou ela não sabia se iria?

Era vago...

Maldita hora em que preferi prestar atenção em seu corpo e não nas suas palavras com o irmão.

Então voltei ao meu estado deprimido.

À tarde recebi outra ligação. Victoria. Perguntando se eu estava bem, disse que estava viajando com Wendy, sua namorada e não tinha ideia do que estava acontecendo no mundo. Bem, acho que eu entendia afinal de contas. A semana passou muito rápido para mim com Carter invadindo a minha privacidade.

Eu estava longe de sentir paz. Pois ao cair da tarde minha campainha tocou novamente.

Joshua, Mary e a minha princesa.

– Oi tio Alex! – Josie pulou nos meus braços e a acomodei em meu colo.

– Princesa como você cresceu...– Disse enquanto beijava suas bochechas vermelhinhas.

- Yeah! Mamãe disse que foi muito.

– Dois metros?

– Não! - Exclamou rindo. – Bobinho.

– Um? – Ela negou novamente – Ah! Então você continua uma anã! – Fiz cócegas e depois a liberei para abraçar meu irmão e minha cunhada.

– Onde está sua acompanhante? – Josh perguntou brincalhão.

– Eu sinceramente não quero falar sobre isso Joshua. – Respondi indo para a cozinha, tentando não dar espaço para que forçassem uma resposta, mas Mary era mais esperta que isso.

– Josh, amor, por que não vai a confeitaria com o bebê comprar um bolinho para comermos com o tio Alex? – Pedeu se virando para Josie e mudando a sua entonação para transformar aquilo em uma grande festa para a menina.

– Yup! – Josie ficou radiante e correu para a porta esperando Joshua. Olhando para a esposa com uma carranca ele acenou e logo seguiu Joselie para a rua.

– Vamos. – Ela pegou minha mão e me puxou para a sala.

– Mary... – Tentei argumentar, mas quando ela sentou-se no sofá e bateu suas mãos em suas pernas para que eu deitasse não pude resistir. Ela sabia exatamente onde me pegar.

Me deitei em seu colo e deixei que seus dedos brincassem com os meus cabelos, enquanto eu fechava meus olhos e apreciava.

– Carter foi embora, então?

– Sim. – Praticamente gemi. – Nem disse adeus! Nem deixou a porra do telefone. – Não consegui evitar a decepção em minha voz, quando abri meus olhos Mary tinha uma sobrancelha arqueada para mim. - Oh, não me olhe assim. Eu não me importo, de verdade, mas, um adeus seria educado, ainda mais quando a hospedei forçadamente na minha casa durante a semana toda.

– Gosta dela.

– O que? Não!

– Gosta da garota.

– Mary Anne, não seja ridícula, foi... físico, apenas isso. Só queria que ela fosse mais educada e se despedisse, agradecesse...

– E ela não deixou nem um bilhete explicando?

– Deixou, como tudo nela é peculiar, deixou escrito com batom no espelho do meu banheiro.

– Oh, isso não é Carter. – Mary disse pensativa. – Ao menos não a Carter que conheci. Ela era muito centrada, quieta. Séria. Parecia tão chata quanto você na verdade.

Rolei meus olhos mas voltei o foco, talvez eu conseguisse algumas respostas afinal de contas.

– Você a conhecia muito?

– Na verdade não tão profundamente. Ela era resguardada, mas eu sabia que era noiva.

– Noiva? – Sentei-me no sofá tentando prestar mais atenção.

– Sim, mas ela sumiu por dois dias, quando voltou simplesmente comentou que haviam terminado, no dia seguinte entrei em trabalho de parto. Na verdade, ela nunca falou muito sobre ele.

Era uma informação interessante, explicaria a forma como ficou quando discutimos e ela quis ir embora ao meio da tempestade de neve.

– Ela falou o motivo?

– Como eu disse, Catherine sempre foi muito resguardada, quando saí da empresa para ter e cuidar de Joselie, perdemos o contato e não trocávamos mais do que algumas palavras por e-mail. Até que a encontrei *online* no *skype* pouco antes da festa e conversamos por uma tarde inteira e resolvi convidá-la, chamei Diane para você, mas ela te achou chato. – Revirei meus olhos. – É sério Alexander, você é muito chato. – ela riu. – Então te vimos dançar com Carter, e depois agarrá-la, achei simplesmente que seria perfeito devido as circunstâncias da noite.

– Não me lembro de muita coisa. – Ela gargalhou.

– Isso é o que dá colocar anos de pura chatice para fora em uma única noite.

– E por que vocês deixaram ela aqui comigo? Por que não a levaram para casa?

Isso teria facilitado as coisas para mim agora.

Completei em pensamento.

– E você deixou a garota por um acaso? Alexander, você era outro naquela noite...

Bufei e me joguei em seu colo novamente. Eu só tinha que acreditar. Eu me sentia outro mesmo agora. Sem nenhuma bebida.

Sem Catherine Flinn.

– Então? – Mary chamou. Ergui minhas sobrancelhas perguntando o que ela queria. – Você gosta dela.

– Não, Mary Anne. – Disse sério olhando em seus olhos.

– Você pode não admitir, ou nem saber, mas você gosta dela. Eu conheço você.

– Não me olhe desse jeito. – Eu conhecia aquele olhar desde... sempre, Mary era metida. Ela iria interceder.

– Quer os contatos dela? Eu não tenho mais o telefone, mas e-mail e *Skype* eu tenho.

– Não sei se...

– Eu mando para você.

– Mary...

– Agora vamos ver o bilhete que ela deixou para você. – Não tive tempo de pará-la, minha cabeça ficou caída no sofá enquanto ela corria para o meu banheiro, me levantei e fui atrás.

Olhar aquilo me fez ter raiva dela novamente.

Um final clichê para uma semana fora do comum.

Foi bom!

Obrigado, Alexander.

O que diabos ela pensou quando escreveu isso?

– Ela foi criativa, deixou sua marca. – Minha cunhada disse. Vi seu reflexo no espelho sujo de batom. Estava rindo.

– Mal educada.

– Ela agradeceu.

– Por que não fez pessoalmente?

- Pergunte à ela.

– Fácil. – disse sarcástico.

– Alexander, não seja...

– Mamãe? – A voz de Josie ecoou pela casa. Caminhamos de volta para a sala e encontramos ela e meu irmão segurando sacolas. – Compramos de baunilha com gotas de chocolate.

– Hum... delícia. –Mary respondeu enquanto caminhávamos para a cozinha.

Comemos e combinamos que iríamos separados para a casa da mamãe, mas eles me fizeram prometer que eu iria.

Eu prometi, mas não por causa deles.

Eu queria falar com Caterine mais uma vez.

**

Enquanto dirigia pelas ruas de Jersey lembrei-me da minha infância e adolescência. Lembrei dos meus momentos com Mary, antes dela virar o mundo de Josh e ele se tornar todo o mundo dela.

Quando bebíamos durante a madrugada na esquina de sua casa.

Quando brigávamos.

Quando nenhum garoto se aproximava por pensar que ela era minha.

Quando ela brigava comigo porque nenhum garoto se aproximava.

Lembrei de quando ela viu Josh pela primeira vez e depois chorou por horas emocionada.

Ela sabia que seria para sempre. Era assustador que tivesse essa certeza. Mas ela tinha.

Virei à esquerda para chegar a rua de minha antiga casa.

Foi um alívio não pensar *nela* por algum tempo, já que eu não conseguia fazer outra coisa. Eu continuava batendo na mesma tecla dentro da minha cabeça:

Ela não podia ter ido daquela forma. Sem se despedir, sem deixar seu telefone... bla bla bla.

Eu tinha que recuperar o meu amor próprio.

Eu tinha que entender o que estava acontecendo comigo. Era estranho.

Reconheci a estrada de pedra da minha casa e girei a direção para entrar. Continuava a mesma, exceto pela cor. Minha mãe andava menos ocupada, ou nada ocupada, depois que parou de trabalhar, agora ela parecia ter tempo para redecorar a casa e me ligar exigindo minha presença como se fosse um adolescente ainda.

Estacionei meu carro atrás do carro de meu pai. Minha mãe abriu a porta e correu para meus braços.

– Fez boa viagem, querido? – Sua voz estava abafada em meu peito.

– Sim, a neve deu trégua.

– Sim, sim, está perdoado por isso.

– Mamãe. A neve não me deixou sair de casa. Não foi culpa minha.

– Nem a neve e nem toda a bebida que você consumiu no aniversário de Mary.

– Joshua tem uma boca muito grande.

Ela riu enquanto nos direcionava para dentro de casa.

– Quando eles chegam.

– Oh, já chegaram. Foram passear com Josie.

– Onde?

– Sea Isle City.

– Fazer o quê? – Morávamos ao extremo Sul de Jersey em Cape May. Um pouco longe de Sea Isle.

– Foi levar Josie à praia e visitar uma amiga, eu acho.

– Josie na praia em pleno inverno?

Mary era adoravelmente impertinente quando queria alguma coisa. Ela estava aprontando. Embora eu não soubesse onde exatamente morava o pai de Carter em Jersey, eu tinha aquela sensação de que Mary não iria tão longe para levar Josie a praia. Eu sabia de alguma forma que Mary estava com *ela*.

Peguei meu celular nervoso e disquei seu número.

– *Você chegou?* – Minha cunhada impertinente atendeu o telefone.

– O que faz em Sea Isle, Mary? – Logo perguntei.

– *Visitando Carter! Claro! Ela mandou oi...– Mandou?*

– Bem... Oi! – Eu disse querendo parecer o mínimo animado possível.

– *Por que você não vem pra cá, Alex? Está rolando um churrasco aqui. Carter nos convidou para ficar.*

– Bem... eu...acho melhor ficar com a mamãe.

– Pois não fique! Tenho algumas coisas para fazer. – Minha mãe se meteu na conversa falando perto do telefone para que Mary ouvisse.

– *Viu? Te esperamos. Aqui é fácil de achar...*

Ela deu as coordenadas e eu fui me trocar. O tempo não parecia passar rápido o suficiente. Eu queria chegar logo e ao mesmo tempo tinha medo que Catherine pensasse que eu estava rastejando, ela havia ido embora sem dizer adeus para mim, eu tinha que parecer mais difícil. Talvez eu nem devesse ir...

Mas se não fosse, eu não teria este fechamento com ela, por outro lado.

Eu era uma garota.

Só faltava um diário para mim.

**

Tentei imaginar o que aconteceria quando nos víssemos.

Ela me levaria para conversar na praia e me pediria desculpas afirmando que estava insegura? Eu a encontraria, chateada e tão nervosa quanto eu por esse encontro?

A minha esperança adolescente não havia me preparado para o que eu vi assim que parei meu carro no endereço da festa. Catherine estava jogada no ombro de um homem enorme. Ruivo, alto e largo que sorria como se fosse orgulhoso daquela montanha de músculos.

– Me largue agora Leonard. – ela disse despejando pequenos socos fracos em seus... ugh! Grandes ombros. Eu não era um cara pequeno. Eu tinha ombros largos, era alto e tinha uma boa constituição no geral, mas aquele homem poderia pintar o teto de uma casa sem precisar de uma escada.

– Vamos lá baby... não seja tão arisca. – Ele dizia rindo, sai do carro querendo voltar para ele e me resguardar da humilhação que eu poderia sofrer, mas logo Josie me viu.

– Tio Alex! Tio Alex! – Ela gritou e veio para meus braços, sorri e a peguei beijando o seu rosto.

– Oi princesa. Se divertindo?

- Tio Leo fez aviãozinho comigo e quis fazer na tia Carter também.

Eu aposto que ele poderia brincar de aviãozinho com a porra de um avião de verdade.

– Ele não é seu tio querida. – Sussurrei para ninguém pudesse me pegar na minha imaturidade – Você tem só um tio. Eu!

– Hum... por que?

– Porque... Porque as princesas mais lindas só têm um tio.

– Isso não tem na história das princesas.

– É... – Garota esperta.

– Alex! – Mary chamou me salvando de Josie, olhei em sua direção e vi *Shrek* largar Carter e ambos olharem para mim. Ela pareceu sem graça por um momento, mas depois andou até mim, quase saltitante e beijou o meu rosto rapidamente.

– Hey gato! – Cumprimentou brincalhona. – Que bom que veio, pensei que não o veria mais.

– Boa escolha de palavras *senhorita batom no espelho*. – Ela gargalhou.

– Eu tenho estilo, confesse. – Eu ia dizer algo, mas *Shrek* apareceu com um cara ao seu lado, aquele eu chamaria de *Burro*.

– Então CatCat, vai apresentar o cara?

– Leo, não seja.. chato. Alexander, este é Leonard bla bla bla. – Continuou entediada.

– Hey cara! – Disse o *Shrek* sorridente. – Esse é Jared, meu amigo. – *Sim, Burro para os não íntimos*.

– Oi! Sou Alexander!

Foram exatos doze segundos de tensão no ar até que Catherine sorriu e me chamou para sentar perto de meu irmão e cunhada deixando os dois babacas para trás.

– Eu gostaria de falar com você. – Disse enquanto segurava sua mão com mais força.

– Pode ser mais tarde? – Perguntou agora mais séria.

– Sim...

Não! Agora!

Minha mente gritou.

– Eu te chamo assim que der atenção a algumas pessoas. – Ela sorriu para mim, mas de forma mais tímida e correu rapidamente para onde outro homem estava. Parecia mais velho, quando a vi abraçando-o e beijando seu rosto carinhosamente, presumi que era seu pai.

**

Pareceu uma eternidade.

Na verdade, foi uma eternidade, passavam das três e já havíamos comido, bebido, conversado, comido mais, bebido mais e Mary já havia brigado com meu irmão quatro vezes.

– Pare de parecer um menino. – Mary me chamou a atenção pela enésima vez naquela tarde. Mas o que eu poderia fazer?

– Ela está me dando gelo, só pode.

– Ela não está te dando gelo, não seja bobo.

**

Quando finalmente Carter resolveu falar comigo passavam das seis horas. Ela fez sinal com a cabeça para que fossemos e eu me levantei quase que imediatamente para segui-la até a praia.

Andamos por um tempo em silêncio até que ela bufou se entregando.

– O que você quer Alexander?

– Você sabe... uma explicação seria o mínimo.

– Explicação do quê? - Perguntou curiosa.

– Bem, você foi embora e nem se despediu.

– Você estava dormindo. – Disse sem graça. – Não quis te incomodar.

– Essa é boa. – Joguei meus braços pra cima e parei chutando o pouco da área úmida. – Você não é exatamente uma pessoa que se importa com os outros ou suas reações diante das suas ações. Não venha com essa de ‘*você estava dormindo*’.

– Não haja como se me conhecesse. – Ela gritou de volta.

Eu quero conhecer. Disse para mim mesmo esperando que não tenha soltado essa parte para que ela ouvisse.

– Por que foi embora?

– Porque a neve acabou. Eu tenho casa sabia? – Carter se virou e voltou a andar. – O que você queria?

– Eu...

– Olha... – Ela parou novamente me fazendo parar também. O vento aumentou fazendo seus cabelos curtos esvoaçarem um pouco, seu nariz estava vermelho na ponta por causa do frio. – Me desculpe, eu agradei, e agradeço Alex, não por ter me dado abrigo, mas aquela semana...– Fechou os olhos e sorriu. – Eu realmente não irei me esquecer.

– Nem eu... – Disse tão baixo que pensei por um momento que ela não havia escutado. – Mas você não precisava ter ido, poderíamos...

– Ter aproveitado mais um pouco. – Ela completou sorridente.

Bufei com a malícia implícita em sua voz.

– Você é impossível, Caterine.

– Você pensou, eu só tive a coragem para falar. – Voltamos a andar em direção ao rochedo, olhei em volta e sorri.

– Tem anos que não piso em Isle, ou em qualquer lugar nesta área. – Carter sentou-se e a acompanhei sem me importar em sujar minhas calças.

– Eu imagino. Você é chato, lazer não combina com você. – Ri enquanto ela empurrava seu ombro contra o meu.

Ok apenas diga. Convide-a para sair.

– Vai ficar aqui até quando? – Perguntei como quem não queria nada, apenas para puxar papo.

– Só volto depois do natal. Leo me convenceu a ficar.

Será que esse Leonard era seu ex- noivo?

De alguma forma eles poderiam estar voltando. Mas não era algo recente, tinha mais de três anos afinal, segundo Mary.

– Hum... Leo, é ... seu amigo ou algo assim? – Carter riu e respondeu ainda rindo.

– Algo assim...

Fechei minha cara e lógico que ela percebeu.

– Diga logo o que quer logo, Alex.

– Eu quero levar você para jantar. – Soltei finalmente fazendo-a arregalar seus olhos.

– O que?

– O que o que? – Ok, ela conseguiu. Deixou-me nervoso.

– Alexander Hartnett está me chamando para jantar? Vamos, não sou o seu tipo. Ficamos juntos, e bem... foi uma delícia, só de me lembrar... – Fechou os olhos sorrindo. – Enfim... Aconteceu porque a neve quis. Você sabe.

Como eu explicaria a ela?

– Primeiro: Aconteceu porque nós quisemos. – Me virei de frente para ela e olhei em seus olhos. – Eu realmente quero ser seu amigo. Quero conhecer você melhor.

– Você quer sexo. – Ela disse debochada. Eu ri.

– Sim. Eu também quero isso, mas se não estiver bom para você eu simplesmente quero ter sua amizade...

Mentiroso.

– E por isso quer me levar para jantar? – Indagou erguendo uma sobrancelha.

– Apenas conversar! – eu disse levantando as mãos em sinal de paz.

– Arram! – ela disse me olhando de soslaio.

– Podemos ir devagar, apenas sair, conversar...

– Vamos lá Alexander. Você me conhece com e sem roupas... Ir devagar é coisa de quem gosta de sofrer.

Eu estava facilmente me apaixonando por aquela garota desbocada.

– Desculpe... Eu estou tentando fazer o que é certo. Você não pode facilitar... – Não terminei, ela me beijou, senti sua língua invadindo minha boca, inclinei meu corpo para frente na tentativa de senti-la mais em mim mas nossos joelhos não permitiam. Quando nos soltamos estávamos ofegantes.

– Seu beijo é o melhor que já provei, Alex, tudo sobre você é uma delícia. Apenas deixe de ser tão almofadinha e venha me pegar amanhã as nove. Se você aparecer de roupa social vai levar uma porta na cara.

Dito isso ela levantou-se e saiu correndo, me deixando sozinho e sentado ali.

Ela nunca se despedia?

Maluca!

Pensei sorrindo.

Sorrindo muito.

Capítulo Nove

– Obrigado, Mary. – Agradei sorrindo enquanto vestia a camiseta de malha branca e gola v que minha cunhada acabara de roubar da árvore de natal, junto com o um par de jeans, mas quando ela apareceu com um par de tênis esportivos e torci meu nariz. – Comprou um guarda-roupas informal inteiro para mim?

– Eu sempre faço isso, mas elas mofam em seu armário. – ela jogou os tênis em minha cama. – Sua sorte, ou da família que vai lhe ver assim finalmente é que Catherine pensa como nós. Você não pode usar ternos e camisas a vida toda.

– É bom que você não tenha desistido de me comprar roupas assim, do contrário estaria perdido essa noite. – Respondi me sentando na cama e colocando as meias para em seguida calçar os tênis.

Ouvi a risada animada de Mary Anne e não me incomodei em levantar meus olhos da minha ação para perguntar por que ela ria.

Eu apenas sabia. Ela estava rindo do meu nervosismo.

– Você está parecendo um adolescente. – Disse sentando-se ao meu lado.

Revirei meus olhos e endireitei meu corpo para olhar para ela.

– Deixa disso, Mary.

– Catherine Flinn, loira e maluca, o oposto do seu ‘tipo’ deixou você caidinho.

– Não é para tanto. – Mas era.

Eu estava simplesmente quase vomitando de tão nervoso o dia inteiro. No sábado à noite cheguei em casa após a festa em Sea Isle e dei atenção para Josie até que ela dormisse, após isso eu tomei um longo banho e fui para meu quarto tentar dormir. Os lábios e palavras de Carter estavam simplesmente me deixando louco enquanto ecoavam na minha memória.

Pela manhã, quando tomei café inquietamente contei a Mary que tinha que ir em alguma loja apenas para tentar comprar uma camiseta. Ela quase me bateu dizendo que primeiramente camisetas não combinariam com calças sociais ou sapatos. Depois assaltou a árvore de natal da mamãe, deixando-a brava, mas só até saber que era por uma boa causa.

Andei até o banheiro e coloquei perfume dando uma última olhada no espelho, a imagem era estranha.

Em algum momento em minha vida o "garoto Alexander" havia se perdido. A faculdade soube me ensinar lições valiosas sobre compromisso e seriedade, mas eu sinceramente me perguntei onde minha falta de humor e vontade de fazer coisas simples e prazerosas não poderiam se encaixar com as responsabilidades. Eu simplesmente coloquei o trabalho à frente de tudo, e olhar para o reflexo do jovem Alexander em minha frente me fez perceber que eu poderia sim conciliar as coisas afinal de contas.

Eu me divertia eventualmente, com Phoebe ou mesmo sozinho. Saíamos algumas vezes. Um bom

teatro, um café ou até uma curta viagem à Paris. Mas com o passar do tempo ficou cada vez mais difícil querer.

Peguei-me pensando no que estaria no roteiro de meu encontro com Catherine nesta noite.

Será que ela espera que eu a leve em algum lugar especial?

– Bem, se você convidou...

– Preciso de um psiquiatra, essa minha mania de falar o que eu penso sem perceber vai me deixar em apuros a qualquer momento. – disse em um suspiro me virando para Mary Anne que estava na porta do banheiro. – Então... ajuda?

– Bem, Carter é uma garota simples. Leve-a para algum lugar legal.

– Hum... Jantar?

– Sim, lógico, você não vai matá-la de fome, mas após o jantar leve-a... Argh Alex, estamos em Cape May! – Jogou suas mãos para cima se rendendo. – Você não poderia ter marcado isso para quando voltassem para NY?

– Obrigado, muita ajuda Mary.

– O que quer que eu faça? Quando seu irmão me levava para sair aqui sempre acabávamos em algum canto escuro e...

– Mary Anne! – Adverti. – Informações demais, e eu quero levá-la para um encontro. Ela comentou mais vezes do que eu queria ontem que eu apenas queria mais tempo para transar com ela.

– E não? – ela perguntou me seguindo pelo corredor agora que eu saía do meu quarto.

– Eu não sei bem...Ela só me intriga.

– Você está apaixonado, Alex.

– Eu não estou apaixonado, ela só é...

– Boa de cama? – Joshua perguntou da porta do quarto de hóspedes.

– Lá vem... Não é só isso, eu preciso de novas amizades... sei lá!

– Você é uma maricas, mano e ela vai lhe comer de dentro para fora se você não ...

– E que pergunta é esta Joshua Hartnett? – Mary resolveu questionar para evitar que Josh continuasse com qualquer gracinha que pudesse me deixar mais inseguro ainda.

– Ursinha eu só estava... – Ela colocou as mãos na cintura e olhou para mim, apenas sorri em agradecimento e corri para a escadas. Desci rapidamente e dei de cara com o meu pai.

– Vai sair filho?

– Sim, estou encima da hora... Não quero me atrasar.

– Hum... bem, boa noite então.

– Boa noite, pai.

Entrei em meu carro e olhei no espelho retrovisor. Dei um longo suspiro quando percebi que estava completamente nervoso.

Meu Deus Alexander, vocês transaram como coelhos por uma semana e você está com medo de um simples encontro?

Mas eu estava. Onde eu a levaria?

Jantar! Mary Anne já disse.

Mas isso me dá apenas uma hora com ela. Eu preciso de mais tempo.

Arranquei com o carro analisando os primeiros flocos de neve que voltavam a cair depois de uma trégua. Aquilo me trouxe flashes das noites e dias e ...ugh! Tardes que tive com Carter.

O que essa mulher tinha de tão especial afinal?

**

Ao entrar no pequeno complexo onde a família de Carter morava em Isle avistei um grupo de rapazes encarando o meu carro. Me senti como se estivesse entrando em algum bairro de periferia dominado pelo tráfico de drogas. A diferença é que estes não estavam armados, mas se olhar feio realmente matasse, eu não estaria de olhos abertos mais.

Estacionei meu carro em frente a pequena casa branca com uma ampla varanda. Era um local aconchegante e eu poderia dizer que a esposa do pai de Carter era uma pessoa cuidadosa. Havia cadeiras de vime acolchoadas em um tecido floral, ao lado de uma grande rede e uma mesinha. Era tarde, faltava pouco para o relógio dar nove horas, mas mesmo com a escuridão parecia um local muito convidativo. Desci do meu carro e após enfiar as mãos em meus bolsos caminhei lentamente até a porta, aproveitando cada segundo ainda livre para pensar no que dizer para ela. Quando me aproximei da porta quis sair correndo, mas minha vontade de ter Carter mais uma vez em minha cama era mais forte.

Bati na porta e esperei. A porta se abriu e não foi Catherine que vi.

– Você deve ser o pobre coitado que vai levar Carter para sair.

Imaginei que aquela garota, portadora do maior mal humor do mundo era a meio irmã dela.

– Sim. Boa noite, sou...

– Entre e espere. A princesinha ainda não está pronta. – ela disse escancarando a porta e prontamente virando as costas para mim.

– Não seja tão você Amanda. - disse um garoto vindo em minha direção. Presumi que era Jeremy. – Hey, cara!

– Boa noite!

- Entre, Alexander. Carter logo virá! – Disse de forma simpática. O completo oposto da irmã.

Sentei-me na pequena sala rezando para que seu pai não estivesse em casa.

– Jack e mamãe estão na praia, passeando.

– Eu pensei alto? – Perguntei com medo.

– Hum... não, só imaginei que encontros não gostam de ver o pai da garota.

Eu sorri sem graça para o garoto que sentou-se na poltrona à minha frente e ligou a televisão e passou a assistir algum seriado em temporada muito antiga na televisão aberta me ignorando por completo.

Caterine era o tipo de garota diferente, como eu já sabia. Não demorou muito para eu ouvir seus passos. Olhei em direção do corredor e vi que ela estava caminhando diretamente para mim, jeans, camisa e botas certamente eram suas roupas preferidas, ela parecia tão confortável.

– Olá pra você! – Cumprimentou-me sorrindo e olhando de cima a baixo.

– Hey, pronta?

– Muito! – Seu olhar era malicioso e me esforcei para não corar como um menino e nem ficar duro como um adolescente virgem.

– Bem... então vamos.

– Vamos. Jer, volto em breve.

– Ok, bom encontro.

Entramos no carro e dirigi silenciosamente até a saída de Isle, os garotos continuavam no mesmo local de quando cheguei mais cedo, não deixei de notar o suspiro que Carter soltou quando passamos. Notei também que seu nome foi chamado por um dos rapazes. Olhei para ver quem era e vi que era *Shrek*, de novo. Não perguntei nada a ela, mas era notável o seu desconforto. Quando estávamos mais longe na estrada ela resolveu quebrar o clima pesado.

– Onde vamos?

– Pensei em jantar e depois podemos ir a algum lugar. – Sugeri tentando manter longe qualquer conotação sexual, mas aquela garota era impossível.

– Algum lugar tipo para um *bad&breakfast* ou algum lugar para o banco de trás do seu carro? – virei para olhá-la enquanto dirigia e tentei manter minha atenção nos dois.

– Não entendo por que me toma desse jeito Caterine...

– E não é o que você quer? Vamos Alex, sabemos que é isso.

– Por que faz isso?

– O quê? Ser sincera?

Apenas neguei com a cabeça e deixei o assunto morrer, eu teria de provar para ela que eu estava sendo sincero. Não era somente sexo. Ou era?

Droga, eu queria provar o tempo todo para mim que era apenas sexo, mas ao mesmo tempo queria que ela soubesse que não era assim, que eu a respeitava, que eu queria mais. Nem eu me entendia.

Dirigi até o restaurante *Paolo*, decidido a comer comida italiana. Carter desceu do carro antes que eu pudesse sequer abrir a porta para ela. Quando me aproximei ela olhava o letreiro brilhante com certa tristeza.

– Algo errado?

– O que estamos fazendo aqui? – Ela finalmente me olhou.

– Hum... jantar, lembra?

– Pensei que estivesse brincando quanto a isso. – Voltou a olhar para o letreiro.

– Eu realmente quero jantar com você, Catherine, um encontro. Lembra? Por que é tão difícil pra você acreditar?

– É que faz... – Ela mordeu os lábios antes de continuar. – Tem tempo desde que alguém me levou para jantar.

– Isso é impossível... – tentei brincar. Levantando o seu olhar sorriu enquanto me dava um pequeno soco no ombro. – É sério? Como uma mulher tão linda e espertinha ficou sem inúmeros convites para jantar?

Carter riu e me empurrou em direção a porta.

– Vamos Hartnett, mostre-me o menino mau que há em você. – Nos viramos e rapidamente fizemos nosso caminho para o restaurante.

– Bem vindos ao *Paolo*. Mesa para dois? – A recepcionista perguntou sorridente.

– Mesa para dois.

Respondi, a recepcionista nos levou para uma mesa reservada, ficava em um canto mais escuro, nos deixando confortáveis e reclusos no local.

– Logo a garçonete vem falar com vocês. Fiquem a vontade.

Fizemos nossos pedidos e comemos calmamente enquanto conversávamos sobre amenidades. Falamos mais sobre as nossas vidas paralelas em New York e das coincidências de nossas famílias morarem aqui e não termos nos encontrado antes.

Ela não falou em seu suposto namorado de verão, o tal Leonard, eu estava ansioso para saber mas preferi não tocar no assunto.

Entre nosso jantar e a sobremesa de morango e sorvete que pedimos meu celular tocou exatas oito vezes. Todas elas eram chamadas de Phoebe. Eu bufei e revirei meus olhos até que me dei por vencido e o desliguei.

– Ela deve ser muito apaixonada por você. – Carter disse sorridente, mas não parecia um sorriso verdadeiro.

– Phoebe não ama ninguém além dela mesma. Só o seu ego é grande demais para aceitar um rompimento feito por mim e não por ela. – Carter apenas assentiu e voltou a sua atenção para o restante da sua sobremesa.

Eu não queria deixá-la ir tão cedo, mas sinceramente eu não tinha ideia do que fazer.

Suspirei quando parei em frente à sua casa e ficamos mudos dentro do carro enquanto encarávamos o quintal de seu pai. Carter se mexeu e levou a mão na maçaneta.

– Bem, então... obrigada.

– Não. – Levei minha mão para segurar a sua. – Vamos conversar mais um pouco.

Ela sorriu e deixou a minha mão saindo do carro

– Hey! – Quando dei por mim ela estava na frente do carro batendo na lataria. – Quem chegar por último na beira da praia fica sem beijo de boa noite. – Ela correu em direção ao mar me deixando um pouco sem reação, mas logo sai do carro e a segui pela trilha de grama morta, cheguei junto dela fiquei olhando o mar ao seu lado. Estava ainda mais frio a noite. Eu podia ver o seu rosto ficando vermelho e seus olhos lacrimejando.

– Está frio... Você vai congelar. – Eu disse a puxando para dentro do meu casaco de couro. Senti-a relaxar contra mim então relaxei também.

– É só mais uma transa que você quer Alexander? – Depois de um tempo, Carter bateu na mesma tecla novamente.

– O que preciso fazer para você entender que não é apenas isso?

– Eu não sei bem... Não sou quem você está pensando, não sou uma das suas garotas.

– Eu agora tenho garotas? – Perguntei querendo ficar com raiva. - Desculpe, mas você não sabia da minha existência até o clube. O que a faz pensar que tenho *garotas*?

– Você entendeu, não sou seu tipo de garota, o que rolou antes foi falta de opção para você...

– O que rolou foi ótimo. Não menospreze o que tivemos. – Interrompi a apertando mais em meus braços. – Olha, não estou pedindo você em casamento. – Seus olhos fugiram e vi tristeza novamente neles. – Só quero conhecê-la. Podemos ser amigos.

– Só amigos? – Ela perguntou olhando com sarcasmo.

Suspirei cansado do jogo e resolvi falar logo. Deixar claro.

- Não vou negar que sinto atração por você e que estaria mentindo se quisesse ser apenas um amigo seu, tampouco estou propondo um namoro. – Disse antes que ela surtasse e fugisse de mim à nado. – Não *agora* pelo menos. Estou querendo conhecer você. Eu realmente gosto da sua companhia, gosto do jeito que me sinto quando estou com você. – Suspirei e desviei meu olhar. – Carter, por favor, não torne isso mais complicado eu...

Seus lábios se juntaram aos meus me fazendo congelar. Não foi de forma feroz e doentia que nos beijamos desta vez, foi apenas, calmo, sem pressa e por um longo tempo até que nossos pulmões exigiram que nos afastássemos e quando o fizemos ela sorriu e me olhou.

– Amigos? – Ela perguntou com sarcasmo escorrendo por suas palavras.

Fiz minha melhor careta de dúvida a fazendo gargalhar.

– Amigos com benefícios? É minha oferta final, Alexander Hartnett.

Sorri para ela e a puxei novamente para meus braços atacando seus lábios.

Aquilo seria interessante.

Senti o pé de Caterine se enrolar no meu e me passar uma rasteira surpreendendo-me ao cair no chão e a fazendo rir quando caiu em cima de mim

– Você é forte, como fez isso? – Perguntei perplexo.

– Eu não sou forte. Você que é desatento.

– Mais um adjetivo à longa lista de defeitos do Alex. – Resmunguei.

– Para mim, tudo em você é bom!

Ela voltou a beijar meus lábios enquanto eu acariciava a sua cintura, quando seus beijos desceram pelo meu pescoço ela parou e deitou em meu peito.

Eu não tinha a intenção de fazer algo ali no meio da praia, ainda mais com o frio cortante, mas havia passado pela minha cabeça que ela queria, me decepcionou quando ela parou, mas então apenas me senti confortável acariciando os seus cabelos, ouvindo as ondas do mar e olhando para o céu nada estrelado. Nos ajeitei e a coloquei dentro do meu casaco nos fechando para nos esquentar um pouco mais. Não poderíamos ficar ali por muito tempo.

– Carter? Está frio, é melhor eu ir...

– Ok.

Ela respondeu e saltou em pé. Sorriu para mim e correu em direção a casa de seu pai. Sem olhar para trás e sem se despedir.

Como sempre.

Capítulo Dez

Acontece que a neve começou a cair como se eu estivesse em algum tipo de apocalipse novamente era torrencial como a porra da chuva. Bufando corri até meu carro tentando ganhar tempo para ir embora antes que ficasse pior.

Quando abri a porta do carro e entrei quase morri do coração.

– Como não vi você entrando?

– Eu sou muito rápida. – Catherine disse subindo no meu colo e agarrando meu rosto. – Eu não quero que vá ainda.

– Eu não quero ir.

Ficamos nos beijando durante muito tempo, até que fomos para o banco de trás do carro e continuamos nossa sessão de amassos muito, muito eficazes contra o frio congelante daquela noite.

**

Quando abrimos os olhos, tudo o que vi foi... Nada. Não havia a menor possibilidade de ver nada pois meu carro estava coberto por neve.

– Ainda bem que nos mantemos aquecidos na noite passada. – Carter brincou.

A porta se abriu de repente nos fazendo pular de susto.

– Bem...Bom dia.

– Pai! – Carter exclamou alto.

Oh, porra!

– Já que você passou a noite com a minha filha, o que acha de tomar café conosco, rapaz?

– Pai, eu não acho que...

– Fizemos panquecas, espero você lá dentro. – Ele foi direto e se retirou. Olhei para Carter e cocei a minha nuca em dúvida. Queria saber o que iríamos fazer.

– Não me olhe com essa cara, meu pai está chamando. – Ela disse se arrastando por cima de mim. Me deu um beijo rápido e saiu do carro.

Nos dirigimos para a casa e não me passou despercebido que Shrek estava à espreita quando entramos. Fomos recebidos com um caloroso sorriso de quem eu imaginei ser sua madrasta.

– Olá vocês. – Ela disse enquanto colocava um prato com uma pilha de panquecas na mesa. – Tiveram uma aventura com a neve?

Eu senti-me ficar vermelho, as pessoas dessa família tinham o dom de nos deixar constrangidos.

– Sim, adormecemos. – Disse Carter de forma fria enquanto sentava-se. Ela me olhou e logo apontou para a cadeira e eu, desajeitadamente, me juntei a ela. Enquanto ficávamos em silêncio ouvindo apenas os passos de sua madrasta terminando de colocar o café da manhã farto na mesa, ouvi a

aproximação de mais pessoas na sala ao lado. Eles sussurravam. Sobre mim, presumi, já que ouvi Catherine bufando e pedindo-me licença.

– Eu não vou tomar café com ele. – Ouvi Amanda sussurrar mais áspera. – É invasão de privacidade eu nem sequer estou arrumada, ainda estou em meu pijama.

– Então coma na sala. – Jeremy retrucou.

– Jer! – Carter chamou atenção. – Vamos parar com isso. Amanda, não seja inconveniente, ele é convidado do meu pai.

– Puff. Grande coisa. – Apertei minhas mãos sem saber o que fazer realmente. Depois de brevemente pensar levantei-me e me aproximei da sala. Mas Jack apareceu.

– Vai a algum lugar, rapaz?

– Uhm, não senhor. Ia apenas... er... verificar meu carro. – Eu sou um homem de trinta e dois anos e estava quase mijando nas calças por estar na frente do pai da garota que eu sequer estava namorando.

– Não se preocupe, Isle é um lugar de pessoas de bem..

Ótimo! Agora ele pensa que eu acho que estou em uma zona perigosa onde serei assaltado. Idiota.

Voltei para a mesa e Jack foi seguido por Carter e Jeremy. Ela voltou a sentar-se ao meu lado e não me olhou em momento algum, Jeremy, por outro lado sorriu para mim, acho que tentando ser solidário ao meu visível desconforto.

Depois de alguns minutos comendo em silêncio, Jack finalmente resolve substituir o grande elefante cor de rosa da sala por uma bomba.

– Então... vocês estão namorando. – Foi uma afirmação.

– Não! – Carter correu para dizer.

– Não? – Seu pai indagou cético.

– Não. Alex e eu somos amigos.

Com benefícios. Não esqueça.

– Amigos que dormem enroscados dentro de um carro e passam a semana inteira em um apartamento?

Isso não tinha uma forma de terminar bem, tinha?

– Pai, amigos fazem isso. E ontem.. Foi que...

– Jack, querido. Catherine é adulta. – A madrasta de Carter ponderou delicadamente enquanto sorria.

– Mas age como se tivesse 15. Uma inconsequente. – A voz de Amanda rompeu a sala enquanto ela tirava a cadeira de forma rude e sentava-se nela.

– Amanda, por favor... – Carter sussurrou suplicante.

– O que? Ninguém vai contar a ele?

– Contar o quê? – Finalmente perguntei.

– Amanda! – Jeremy exclamou. – Não se meta.

– Você é meu irmão, deveria me defender e não a essa...

– Amanda, já chega. – Jack gritou batendo na mesa. Catherine levantou-se rapidamente e saiu. Levantei-me atrás dela a seguindo.

Ela saiu de casa e correu para a praia novamente. Eu fui atrás e parei ao seu lado olhando o mar, ela não disse nada por um longo tempo. Quando finalmente disse, deixou-me com as pernas bambas.

– Me leva daqui... – Ela disse suspirando.

– Pra onde quer ir? – Perguntei me virando para olhá-la.

– Para uma cama. Eu preciso ser fodida.

Peguei a sua mão e praticamente corri para meu carro, levando-a comigo.

– Então... bem... uma cama? Eu ... er...

– Tem uma pousada ao lado do café Lockwood. – Ela é pratica. Fato.

– Ok.

**

Dirigi rapidamente para lá. Quando chegamos mal estacionei o carro e ela já estava saindo dele em direção a recepção. Saí logo após e a segui.

– Boa tarde. – Uma senhora nos atendeu com um sorriso.

– Um quarto. – Catherine respondeu sem cumprimentar a senhora que por sua vez não gostou nada daquilo mas nos atendeu.

Quando entramos no quarto Catherine me atacou, sua boca devorou a minha enquanto suas mãos trabalhavam avidamente em minhas calças, eu tinha que pará-la, ela estava fazendo aquilo para fugir, para esquecer.

Eu deveria pará-la, mas eu simplesmente não conseguia quando as mãos daquela mulher estavam em meu corpo.

– Eu quero isso forte... – Foi o que precisou para eu empurrá-la até a cama e arrancar as suas roupas rapidamente, levei meus lábios aos seus seios, que estavam queimando de tão quentes, mordisquei seus mamilos a fazendo gemer em cima de uma risada, eu sabia que se eu a olhasse veria aquele sorriso sacana em seus lábios mas eu tinha que dar atenção ao seu corpo, sua pele era completamente deliciosa e comestível. Desci para a sua barriga e deixei que minha língua desenhasse seu corpo enquanto ela trabalhava seus dedos em meus cabelos.

Desci beijos até chegar em seu centro fazendo com que ela estremecesse.

– Ah! Sim...- Implorou enquanto eu apenas beijei seus lábios já úmidos de excitação. – Sim. –Pedi novamente e eu levei meus dedos para acariciá-los enquanto ela se contorcia em antecipação. Passei

minha língua em toda a sua extensão fazendo-a gemer meu nome baixinho, eu estava tão excitado que eu queria logo estar enterrado dentro dela, mas eu não podia, eu queria que isso durasse. Chupei seu centro fazendo-a pedir por mais, trabalhei minha língua em toda a sua feminilidade até ela vir.

– Oh meu Deus! – Ela praticamente gritou quando gozou, eu subi em cima dela depositando beijos por todo o seu corpo. Seus dedos novamente entrosaram-se em meus cabelos e ela os puxou tomando meus lábios com força, olhei em seus olhos e neles havia luxúria e dor. Eu queria perguntar a ela o que ela estava sentindo para agir daquela forma, mas seus atos simplesmente me diziam que eu não conseguiria nenhuma resposta dela.

– Entre em mim. – Ela pediu abrindo mais suas pernas, posicionei-me entre elas e lentamente fiz meu caminho em seu interior escutando seu gemido misturar-se com o meu. – Sim. – Sussurrou. – Sim...

Gemi novamente e comecei a entrar e sair dela calmamente. Peguei sua perna e a puxei para cima da minha cintura enquanto dançávamos juntos. Era... Era certo estar dentro dela, *com* ela. Eu sentia como se não quisesse sair mais dali.

Nunca mais.

**

– Humm. Isso foi bom. – Carter disse manhosa e sonolenta. Virei para abraçá-la, mas a senti retesar e se afastar, eu aceitei e deixei assim. Se ela não queria ficar perto não iria obrigá-la. Mesmo que me deixasse chateado.

Logo ela adormeceu e automaticamente começou a aninhar-se a mim enquanto murmurava palavras soltas em seu sonho.

Durante algum tempo ela repetia apenas um nome.

O meu.

Ela pediu-me para tocá-la durante seu sonho.

Pediu para que eu a beijasse.

Pediu para eu ficar mais um pouco.

Pediu para eu não deixá-la.

Eu faria tudo o que ela quisesse, se ela externasse isto enquanto estivesse acordada, do contrário eu nada poderia fazer.

Caterine não se abria para mim, continuava a ser um mistério e aquilo só me deixava com mais vontade de saber quem ela era e principalmente: Qual era o seu segredo.

Eventualmente eu adormeci. Quando acordamos novamente passavam das cinco da tarde. Olhei pela janela e por alguma razão bizarra não estava nevando como acontecia em todos os anos na semana de natal, na verdade, aparentemente nevou tudo que havia para nevar na semana que eu estava com Carter em minha casa e na noite passada.

Enquanto Caterine se vestia eu continuava na cama olhando para a rua, minha atenção estava

voltada para a neve que não caía, mas eu estava muito consciente de que ela estava se vestindo para ir embora. Ela vestiu suas roupas calmamente.

– Você não vai se vestir? – Ela perguntou enquanto abotoava seu jeans.

– Não, não estou preparado para ir ainda. – Disse simplesmente.

– Ok, vou sozinha. – Carter ajeitou o seu suéter e andou até a porta passando a mão em sua bolsa no caminho.

Me levantei rapidamente e a segurei pelo braço.

– Por que está agindo desta forma?

– De que forma? Estou sendo eu, Alexander. – Fechei meus olhos tentando me controlar para não gritar com ela. Eu não gostava de ver ela sendo uma cadela fria.

– O que há entre você e Amanda? Por que ela te abalou tanto mais cedo?

– Nada, ela só está...

– Por favor, não minta... Eu queria que você fosse sincera comigo, não há necessidade em mentir para mim aqui. Somos...

– Amigos? – Carter deu um sorriso debochado.

– Não era isso que você queria? Pensei que havíamos...

– Olha, Alex, eu sei que combinamos ontem que seríamos amigos com benefícios. Mas eu sinceramente não sei no que isso pode dar...

– Pode dar certo, Carter. Eu não estou querendo forçar nenhuma barra aqui, se quiser tirar a parte do "benefício", por mim tudo bem.

– Não está tudo bem... Mentiroso. – Completou para mim rindo.

– Não, realmente não, é difícil manter as mãos longe de você, mas se é isso que você quer, não serei mais do que um bom amigo. Só não quero ficar longe. – Disse me dando por vencido.

Catherine se aproximou rodeando meu pescoço com os braços e sorrindo tristemente.

– Você tem sido doce. Obrigado.

– Carter, você não entende. – Passei minhas mãos em sua cintura. – Eu quero ...

– Eu sei o que quer, mas eu lhe garanto, não sou a pessoa que você quer para um relacionamento. – Beijou minha mandíbula logo após sussurrar aquela frase maldita.

– Por que você não me deixa resolver isso?

– Eu não posso.

– Apenas vamos deixar rolar então... – Ela negou novamente.

Ela não pode simplesmente estar terminando comigo.

– Mais essa semana então. Me dê mais essa semana, aqui em Jersey, deixe-me tentar provar a você que podemos ser, esse tipo de amigos. Se no sábado de natal eu não tiver provado o meu ponto, nunca mais nos veremos.

Eu sei que parecia desesperado da minha parte, mas eu realmente sentia um certo desespero por pensar que ela estaria longe. Ela me intrigava demais, causava reações dolorosamente gostosas em mim, e ela parecia tão quebrada que eu apenas sentia a arrogante necessidade de consertá-la.

Por que eu me importava tanto?

Carter assentiu, me deixando saber que eu poderia tentar naquela semana.

Isso me dava mais cinco dias!

Capítulo Onze

A luz do dia refletia no pouco de neve que ainda caía lá fora fazia com que meus olhos ainda fechados se retesassem. Eu rolei na cama ponderando até onde valia a pena levantar para fechar as cortinas ou simplesmente enfiar minha cabeça em baixo do travesseiro.

Minhas duas opções foram frustradas por um pequeno corpo que invadia a minha cama. Sorrateiramente ela entrou em baixo das cobertas e quando abri meus olhos seu sorriso cintilava, seus pequenos dentinhos brancos me deixavam saber o quanto ela estava contente com aquela semana. Ela teria toda a família em volta para mimá-la e me perguntei se um dia eu teria uma filha também, ou um filho para brincar como eu brincava com Joselie.

– Bom dia tio Alex. – ela sussurrou para mim.

– Bom dia princesa. – eu disse trazendo seu pequeno corpinho para mim e a abraçando-a.

– Temos que nos levantar.

– Hum... tenho uma ideia melhor, vamos ficar e dormir.

– Mas a mamãe disse que passearíamos com a tia Carter hoje.

– Catherine? – Saltei da cama rapidamente me sentando para entender o que estava acontecendo.

– Sim. A Catherine! – Ouvi Mary Anne gritar do corredor. – E a menos que você queira passar o dia inteiro sozinho é melhor você levantar sua bunda daí. – Josie colocou as pequenas mãozinhas na boca e arregalou os olhos quando se deu conta de que sua mãe havia falado bunda.

– Ela disse bunda... – Sussurrou rindo baixinho.

– O que é isso, mais dólares do palavrão?

– Vou ficar rica tio Alex. Mamãe e papai vão me deixar rica. – Eu gargalhei.

Seria possível, com a quantidade de palavrões que eles falavam por dia e agora com Carter por perto, Josie provavelmente estaria com sua faculdade paga em pouco tempo.

– Ok pequenina! Vamos nos levantar.

Tomei meu banho calmamente quando percebi que ainda eram dez da manhã. Desci e encontrei minha família toda reunida na varanda, o dia estava frio, mas não muito, sentei-me ao lado de Mary na intenção de saber o que diabos ela estava aprontando.

– Nada eu juro. Foi ideia de Carter.

– Foi? Por que ela faria isso?

– Bem, ela está sentindo-se sozinha aqui. Ela disse que passa o dia inteiro sozinha com Amanda e toda a sua graça, o pai fica fora e a madrasta vai para o restaurante com Jeremy para ajudar por lá, não lhe resta muito o que fazer, então ela nos convidou para passear no parque com Josie.

– Por que parece que eu não fui incluso nisso em primeiro lugar, Mary Anne?

– Bem...

– Mary! – Ela sabia pelo meu tom de voz que era melhor contar a história completa.

– Tudo bem. – Suspirou. – Eu posso ter manipulado ela um pouco para que nos convidasse para sair.

– Baby, foi chantagem.

– Quietos Josh. – Sibilou para o marido.

– Eu sabia. Mary Anne, pare com isso. Ela vai pensar...

– Que você é parado demais, por isso eu ...

– Você não entende... Esquece! Eu só não vou. – Disse me levantando.– Catherine passa o tempo todo escorregando pelas minhas mãos e quando consigo convencê-la a deixar que eu me aproxime você simplesmente força a barra. – Entrei em casa e deixei todos chamando meu nome.

Ela arruinou tudo.

É claro que Carter pensaria que era uma ideia minha. Por que diabos minha família me tratava como se fosse um retardado para mulheres?

Sentei-me na poltrona perto da janela do meu quarto e fiquei olhando para fora, a estrada estava vazia e molhada, em breve ela chegaria.

– Melhor eu não ver. – Resmunguei e fui para a minha cama. Se eu a visse chegando provavelmente não resistiria e desceria para falar com ela.

Mas que merda! Isso estava tomando proporções absurdas.

Catei um livro qualquer em minha prateleira e comecei fingir que o lia. Até que em algum momento eu peguei no sono. Quando acordei novamente senti um corpo pequeno ao meu lado, pensei ser Josie por um momento, mas ele tinha cheiro de mulher, eu reconheci o perfume.

– Carter? – Sussurrei baixo. Ela virou seu rosto e sorriu para mim, lá estava ela novamente, fazendo parecer que ia ficar tudo bem, como se a qualquer momento ela não fosse surtar e sair correndo novamente para longe de mim.

– Hey. – Ela sussurrou de volta.

– O que faz aqui?

– Bem, sua família toda saiu e pensei que seria muito ruim você acordar sozinho, por isso Elisabeth me trouxe para seu quarto.

Minha mãe?

– Não sabia que você e minha mãe conheciam.

– Mary nos apresentou hoje. – Ela encaixou sua perna em cima das minhas e se moveu mais

apertada a mim.

– Mary... – bufei.

– Ela me contou. – Ela olhou para minha boca enquanto falava. – Não fique chateado. Ela só pensa que seríamos bom um para o outro, juntos.

Ela estava falando aquilo mesmo?

– E você não concorda. – disse em um longo suspiro.

– Eu concordo, sim. – Olhei para ela assustado com a sua declaração. Seu sorriso estava largo e seus olhos brilhantes.

– Então...

– Então eu quero ficar com você Alexander, quero namorar, daqui um tempo assumir um compromisso sério e quem sabe...bebês.

Então eu acordei. Suado, excitado e logicamente bravo. Quando percebi passava das quatro horas da tarde.

– Oh merda, como foi que dormi tanto?

Corri da minha cama para fora do quarto. Quando cheguei finalmente no térreo da casa me deparei com toda a minha família sentada na sala apenas conversando enquanto Josie brincava no meio do tapete.

– Filho? Algum problema? – Meu pai perguntou, eu devia mesmo estar aparentando confuso.

– Hum... Não realmente.

– Vamos brincar, Tio?

Josie perguntou enquanto eu olhava para todos os lados.

– Pirou de vez.

– Foda-se Joshua.

Ouvi um pequeno puxar de ar vir do chão, quando olhei para baixo a pequena mãozinha de minha sobrinha estava estendida.

– Palavra com F são dez dólares. – Ela disse apresentando o sorriso exatamente igual ao do pai.

– Hum... sim, eu pago depois. – Continuei procurando ela ali dentro, quando me dei conta de que era em vão, simplesmente desisti.

Virei para voltar para meu quarto praguejando. Eu teria que dar um jeito de vê-la hoje, eu não havia ligado, não tínhamos combinado nada, eu estava perdendo o dia com ela e eu só tinha mais cinco dias. Agora quatro e meio.

– Alex! – Ouvi Mary me seguindo.

– Está tudo bem Mary, não estou com raiva.

– Carter deixou um recado pra você.

– Então ela esteve aqui? – Me virei na escada para olhá-la agora.

– Sim, ela disse que estaria ocupada hoje, e não estaria em casa, mas para você ligar assim que se sentisse a vontade para isso. – Ela sorriu solidária.

Suspirei derrotado e sentei-me na escada, minha cunhada sentou-se ao meu lado.

– Não sei o que está acontecendo na minha cabeça, demorei tanto para tirar férias e me sinto tão cansado.

Ela gargalhou.

– Sexo com Catherine Flinn te deixa assim?

– Não estamos fazendo sexo assim da forma que você está pensando.

– O que?

– É, eu estou meio que tentando provar para ela que não a vejo como uma foda fácil.

– Oh querido, você está tão ferrado.

– É, eu sei. – Disse me sentindo um derrotado.

Levantei-me e voltei para meu quarto.

Deitei na minha cama e peguei meu telefone para ligar para ela.

– *Olá dorminhoco.* – Ela parecia sorridente.

– Me desculpe por isso.

– *Está tudo bem, não tínhamos nada combinado.*

– Mesmo assim eu não deveria ter perdido a oportunidade vê-la, Baby.

Notei que ela ficou muda de repente.

– O que? Não posso te chamar de Baby? – Me ajeitei na cama esperando sua resposta.

– *Não, não é isso. Eu só não estou acostumada.*

– Então, podemos sair amanhã?

– *Sim... onde iremos?*

– Podemos escolher amanhã.

– *Ok.*

– Podemos passar o dia juntos?

– *Você me pega às dez?*

– Perfeito... então até...

E ela tinha desligado.

Capítulo Doze

Ao acordar naquela manhã eu poderia dizer que se Deus me odiasse um pouco mais eu estaria me *cagando* nas calças, pois minhas tripas estavam em nós de marinheiro e eu suava igual a um maratonista no deserto.

Poderia ser o jantar que tive com minha família. O frango ao molho de espargos de minha mãe realmente estava de lamber os dedos ao final da refeição. Mas eu tenho certeza que não era este motivo pelo qual eu sentia vontade de vomitar.

Eu tinha que parar de me sentir como um garoto, simplesmente isso. Nenhuma mulher poderia ter tanta influência sobre a química no corpo de um homem, a menos que ela seja a *Pamela Anderson* e você tenha dezesseis anos.

Mary Anne, minha querida e intrometida cunhada disse que minha vida acadêmica acabou me aleijando para qualquer possível vida amorosa. Josh, meu irmão dominado pela esposa concordou e acrescentou que eu nunca me casaria por simplesmente ter me afundado em meus estudos e não ter participado de orgias da irmandade Delta ‘*qualquer coisa*’ gama, desta forma eu sempre seria um retardado para o sexo feminino.

Eu usei a palavra com F novamente e perdi mais dez dólares para a minha doce sobrinha que possivelmente teria mais dinheiro do que eu ao final dessa semana.

Quando descii para o café encontrei todos à mesa olhando-me com expectativa. Mamãe estava nas nuvens, ela havia conhecido Catherine em algum momento ontem à tarde e conversando por cinco minutos. Ela realmente pensou que Carter seria a mulher com quem eu deveria ter uma penca de filhos, mesmo que a aparência de Carter seja completamente o oposto de alguém que minha mãe gostaria para mim. O que prova o quão desesperada ela está para me ver com alguém.

Meu pai era o único que ainda me dava alguma privacidade apenas alegou que Catherine parecia uma senhorita muito bonita, inteligente e peculiar.

– Qual será a programação de hoje, pequeno Alex? – Joshua perguntou enquanto eu me sentava à mesa e pegava um pedaço pequeno de pão apenas para tentar acalmar meu estomago.

– Eu ainda não sei.

– Sabe sim... Ouvi você falando sozinho ontem à noite que a levaria para se divertir o dia inteiro. – Mary entrou na conversa.

– Me espionando?

– Não, você é que de repente criou alguma doença mental que faz você falar sozinho. – Josh defendeu Mary.

– Foda-se Josh! – Joguei um pedaço de pão em direção a ele.

– Alexander! – Minha mãe chamou atenção.

– Tio Aaaleeex! – Oh merda! Josie desceu da cadeira desajeitadamente e deu a volta na mesa até chegar a mim e estender sua pequena e mercenária mãozinha.

– Pague! – Joshua gargalhou. – É por isso que não digo mais a palavra com F.

Todos gargalhavam, inclusive eu, enquanto minha sobrinha dobrava o dinheiro com suas pequenas e atrapalhadas mãozinhas e o guardava no bolso da calça jeans. Ela levantou sua cabeça para mim e ficamos nos fitando por um tempo. Josie esticou seus bracinhos para que eu a pegasse e assim o fiz.

– Eu amo você tio Alex. – Ela disse beijando meu rosto. Eu sorri e a apertei mais perto de mim, Joselie era um anjo, era uma criança iluminada, ainda que um pouco gananciosa, e isso me fazia sentir inveja de meu irmão.

Eu investi em uma carreira que acabou por me fazer uma pessoa solitária. Embora minha família estivesse sempre por perto eu sempre queria estar sozinho, queria trabalhar, queria vencer sempre. Quando eu estava perdendo coisas muito melhores.

Ser pai, por exemplo.

Eu não queria admitir, mas eu nunca havia considerado nada disso, até conhecer Caterine.

Isso me assustava pra caralho.

– Eu também te amo princesa. – Deixei que ela pulasse do meu colo para voltar para seu café e me levantei para sair.

– Você volta durando o dia, filho?

– Não, vou passar o dia todo com Carter.

Escorreguei para dentro do meu carro e liguei o rádio. Estava tocando alguma música qualquer de Frank Sinatra em alguma rádio de músicas antigas, não me preocupei em mudar a estação e segui tentando ficar tranquilo durante a viagem.

**

Quando estacionei o carro em frente à casa de Carter dei de cara com Shrek, Burro e mais alguns caras.

Eles sempre andam em bando?

Como gangues?

– O que está fazendo aqui? CatCat não está. – Era mentira é claro.

Bem, eu esperava do fundo do meu coração que fosse. Do contrário eu ficaria muito bravo pelo bolo.

– Vamos Leonard, não seja mentiroso. – Amanda apareceu logo atrás dele. – A miss *não perfeição* está sim. E é um favor que você faz tirando ela da minha casa. – Aquela garota era mais do que amarga, ela era completamente venenosa. Não gostei do que ela disse sobre Carter, mas optei por ignorá-la e subir os poucos degraus que me levavam a porta da casa dos Flinn, mas fui barrado pelo ogro. Leonard segurou o meu braço e me parou no meio do caminho. Olhei para sua mão e soltei um leve rosnado.

– Me solte. – Disse entre dentes.

– Ou o quê?

– Ou, eu posso processá-lo. Você não acha que eu vá suar e brigar com você minutos antes de ter um encontro com uma linda garota, acha?

Eu estava rezando para que a minha reação superior e debochada fizesse com que ele se afastasse. Eu era um cara alto, atlético, mas sejamos sinceros, aquele homem poderia me esmagar em segundos. Eu não estava disposto a passar por isso.

– E eu esqueço que você uma vez foi um cara legal e chamo seu pai para prender a sua bunda, Leonard. – Catherine disse autoritariamente enquanto descia a metade dos degraus que faltavam para nos encontrar. Olhei para ela e sorri. Ela havia cortado os cabelos? Sim, eles estavam ainda mais curtos agora, apenas a parte da frente era maior e estava presa com alguma coisa brilhante de mulher. Ela estava linda. Jeans, blusa branca com gola alta e jaqueta de couro com fivela. A maquiagem leve e o sorriso fácil no rosto a deixavam com ar de menina rebelde.

– Você cortou mais seus cabelos, ficou muito bom. – Disse quando finalmente eu havia me desvencilhado do seu amigo.

– Que coisa gay de se perguntar. – O cara bufou ao meu lado fazendo os seus amigos rirem de mim.

– Eu diria que é totalmente doce. – Catherine respondeu sorrindo para mim e se aproximando. – Obrigada.

– Você está linda.– Elogiei sinceramente olhando dentro dos seus olhos.

Ela corou. Corou como se fosse uma menina, aquilo era fascinante de se ver. Na semana em que passamos em meu apartamento, geralmente era eu quem corava, era sempre ela que dizia coisas que me envergonhavam ou que supostamente deveria nos deixar desconfortável, mas desta vez foi ela quem corou e isso me deixou louco.

Ela era perfeita com aquele rubor.

– CatCat, quem é esse cara afinal? Namorado? – Leonard perguntou mostrando insatisfação em sua voz.

Carter olhou para ele e sorriu colocando sua mão em seu rosto.

– Leo...– Ela sorriu e de repente deu um tapinha leve em sua cara fechando seu sorriso. – Ponha na sua cabeça que eu nunca vou sair com você. – Ela virou para mim e suspirou. – Podemos ir, por favor?

**

– Então... esse Leo é algum ex namorado?

– Não. Sei que fiz você pensar que existia algo no outro dia, mas Leo nunca foi nada além de um amigo insistente. – Ela estava dando-me algo para ficar calmo. Eu gostei daquilo, me fez sentir como se ela se importasse comigo, com o que eu pensaria. – Onde vamos?

– Você tomou café? – Perguntei roubando um olhar e logo voltando minha atenção para a estrada.

– Não.

Eu ri.

– Ótimo, café da manhã primeiro então.

Ela sorriu e estendeu a mão para pegar a minha.

Dirigi até o café Lockwood e me preparei para sair.

– Você, espera aqui. – Pedi.

– Sim, senhor! – Ela sorriu e eu me aproximei dando-lhe um beijo rápido, isso nos impressionou, foi algo tão natural, mas ao mesmo tempo tão inusitado para nós dois que causou certo desconforto, eu sai do carro e resolvi que não era algo sobre o qual deveríamos debater. Eu tinha a impressão de que ela fugiria a qualquer momento e isso realmente não poderia ser mais uma opção para mim.

Estávamos chegando na segunda semana que nos conhecíamos e eu simplesmente não queria largá-la nunca mais.

Alexander. O maricas.

Bem, eu tinha quatro dias para provar para ela que merecia a sua confiança. Eu o faria. Não havia outra alternativa.

– Bom dia, no que posso ajudá-lo?

– Ah, sim... Todo o menu de café da manhã para a viagem por favor. – A atendente riu mas logo seus olhos se arregalaram quando ela viu que eu estava falando sério. – Apenas uma porção de cada, para evitar desperdícios, por favor. – Sorri para ela que continuava com aquela cara de quem pensava que eu era doido.

Eu sabia que demoraria um pouco então voltei para o carro para fazer companhia à Carter. Falamos besteiras sobre músicas e a quão patética era a rádio de Jersey até a garçonete me chamar dizendo que tudo estava pronto.

O dia estava frio e segundo os noticiários, iria nevar um pouco mais naquela noite, então eu tinha algumas horas, eu só precisava me lembrar do meu local preferido em Jersey junto com Mary. Costumávamos correr para lá porque era calmo e deserto. A cabana dos Jackson, pais de Mary Anne, estava abandonada por anos, mas eles reformaram a pedido dela. Nós passávamos tardes e noites inteiras lá bebendo vinho barato e conversando, com sorte, a chave ainda estaria no mesmo local.

**

Era exatamente no meio de um pequeno bosque e ainda tinha a mesma fita vermelha que Mary amarrou para enfeitar a porta no último ano antes dela e Josh se mudarem para New York.

– Hum... Me levando para o mato? Você é algum assassino em série? Pode me alimentar primeiro antes? Estou morta de fome. – Eu ri quando ela disse isso. Abri a porta do meu carro e dei a volta para abrir a dela, mas ela já estava fora me impossibilitando de ser um cavalheiro.

– Vamos pegar as coisas.

– Que lugar é esse?

- É a cabana de Mary. Com sorte, o fato de ter ficado tanto tempo fechada não a deixou suja.
- A cabana que ela usava para transar com seu irmão?
- Bem sim... Mas eu não te trouxe pra...
- Relaxe, Alex. Está tudo ok. – Ela riu suavemente.

Assim que entramos na cabana eu a puxei para meus braços.

– Eu realmente gostei do seu cabelo. – Beije seus lábios delicadamente. – Linda. Você é linda. – Sussurrei enquanto olhava em seus olhos. Eles pararam, assim como a respiração dela. E eu soube.

Deslumbrei a louca, desvairada, boca suja e completamente perfeita, Catherine Flinn.

**

– Hum, isso está realmente bom. – Carter elogiou dobrando mais uma panqueca inteira e levando até a boca comendo como se fosse um sanduíche.

– Fico feliz que tenha gostado. – Disse tomando um pouco do meu café. – Posso perguntar algo?

– Uhum. – ela respondeu.

– Por que Leonard e você nunca tiveram nada?

– Ele não é o meu tipo. – ela deu em ombros.

– Mas parecia algo mais ... não sei, parecia muito mais tenso.

Ela me olhou por alguns segundos, parecia estar em conflito sobre se o que me dizer.

– Quando meu pai se casou e veio morar definitivamente em Jersey. Eu... eu... – Ela estava relutante. Como um bom cavalheiro fiz menção de terminar com esse sufoco e mudar de assunto, mas quando abri a minha boca ela levou os dedos em meus lábios para que eu parasse. Levou mais alguns segundos para ela conseguir quando finalmente falou. – Tinha saído de um relacionamento a pouco tempo.

– Seu noivado? – ela me olhou assustada.

– Como sabe?

– Mary comentou que sabia que você era noiva, mas não sabia detalhes. – Ela relaxou.

– Bem, sim, eu era noiva de um cara da mesma faculdade, nos conhecemos no curso de direito e nos apaixonamos. – Seus olhos perderam o foco.

– O que aconteceu? – Perguntei curioso. Quando seu foco voltou ela engoliu seco e deu novamente em seus ombros.

– Não deu certo. – Não era apenas aquilo. Eu podia ter muitos defeitos, mas burro não era um deles. – Enfim, quando comecei a visitar meu pai Leo começou a investir em mim, eu estava me sentindo fraca, me sentindo tão sozinha... Então ele me ofereceu a sua amizade já que eu não poderia dar a ele o resto. Foi assim por dois anos, mas agora ele simplesmente não quer mais ser somente e meu amigo,

quando você apareceu ele simplesmente surtou, acha que você é uma ameaça.

– Não sou. – Eu queria ser, queria que ela dissesse que eu era pois depois de mim ela não veria possibilidade de querer outro cara.

– Não, você não é uma ameaça porque ele nunca poderia competir com você. – Sua mão foi para meu rosto e eu sorri para ela, era quase o que eu queria ouvir.

– E seu ex - noivo? Onde ele está agora?

Ela não respondeu.

– Vamos falar de coisas mais interessantes. – Carter disse nunca parando de me beijar. Mordi seu lábio inferior e depois passei a língua testando o gosto doce da panqueca com pedaços de chocolate. Puxei-a para meu colo e a mantive ali, fechada em meus braços, apenas nos beijando e acariciando nossos rostos e cabelos. Quando finalmente nos soltamos sorrimos um para o outro, era bom estar ali, daquela forma.

Após terminarmos o nosso café ela tirou da bolsa um livro.

– Podemos ler?

– Claro, que livro é?

– Você vai ficar decepcionado. Não é a Constituição. – Eu gargalhei.

– Muito engraçada. Eu gosto da minha profissão, você poderia gostar também. - Eu disse brincando. Seu sorriso caiu um pouco.

– Eu costumava amá-la. – Seus olhos eram incrivelmente tristes agora.

– Quer falar?

– Um dia... – Olhei para ela esperançoso, talvez ficássemos juntos.

– Bem, vamos ler, então. – Ela abriu o livro e revezamos as poesias que tinham nele.

– Eu estou com frio. – Ela disse rindo, eu havia levantado sua blusa para distribuir beijos na sua barriga.

– Impossível, estou beijando você. Você deveria estar quente. – Ela riu e ficou me olhando. – O quê?

– Você só não costuma ser assim.

– Você fez que um novo Alexander Hartnett surgisse. – Disse sorrindo, me sentei rapidamente e a beijei delicadamente. – Obrigado. – Sussurrei em seus lábios.

– É um prazer.

– Hum... prazer... Vamos falar mais sobre isso. – Disse tirando sua blusa.

– Eu tenho algumas teorias. – Ela sorriu abrindo o botão de minhas calças.

– Estou ouvindo.

Capítulo Treze

– Você vai congelar andando de só de calcinha por aí. – Informe-me enquanto a olhava beber o restante do suco de laranja direto da garrafa. Sua pequena calcinha branca quase se fundia com a cor da sua pele de porcelana. O único contraste em seu corpo era os bicos rosados de seus seios. – Sentindo-se uma mulher livre e rebelde?

– Oh! É sempre libertador fazer isso.

– É muito bom olhar também.

– Acenda o fogo da lareira que não morrerei de frio. – Respondeu de volta largando a garrafa na mesa e dando uma boa olhada na cabana. – Então você ficava aqui com Mary... Está organizado, mas cheirando a um pouco de mofo, é um milagre você não surtar com isso.

– De alguma forma você mudou isso em mim também.

– Mentira, você está pensando em apenas sexo agora e não está prestando atenção à sua volta.

– Isso pode ser um pouco verdade.

– Então? Mary, você, cabana? – Carter instigou para eu continuar a história. Era um pouco injusto que eu contava tudo à ela e recebia pouco em troca. Mas como Catherine parecia sempre escorrer por entre meus dedos cada vez que eu perguntava sobre o seu passado eu decidi ceder.

Dar mais do que receber.

Machucava saber que não eram apenas em nossas histórias que isso acontecia.

Mas também nos sentimentos.

Eu sabia que nos dávamos bem. Na cama, nas piadas, nas conversas, na comida... Mas ela vivia brincando de ‘quente ou frio’ comigo. Aquilo me deixava nervoso. Não ter o controle que eu estava acostumado me fazia doente.

– Sim... Seus pais reformaram a cabana depois que tiveram certeza que eu não entraria nas suas calças.

Catherine gargalhou.

– Você nunca tentou?

– Não. Uma vez nos beijamos pra saber se não estávamos errados em sermos apenas amigos. Já que todos insinuavam que era algo mais. – Eu ri ao lembrar. – Foi nojento.

Olhei em volta. A cabana era pequena. A sala, cozinha e quarto não eram separados. O sofá virava uma cama... Era onde geralmente eu dormia. A cama de verdade ficava ao fundo da pequena cabana com um pequeno gaveteiro e um biombo para manter a privacidade. A sala e a cozinha eram conjuntas separadas pelo sofá-cama e a única porta além da saída era a do banheiro.

– Não pode ser nojento beijar uma mulher como Mary.

– Mary é linda. Mas é como um homem pra mim. – Carter riu da minha declaração. – Sério, você

deveria ter visto nossos concursos de arrote. Aquela garota pode arrotar mais alto do que o Fred Flingstone gritando 'iaba-daba-du'.

– Mesmo assim... Eu duvido que você não teve ao menos uma quedinha por Mary Anne.

– Está com ciúmes, Caterine Flinn?

– Não, só... Só criando assunto.

– Então por que não vem aqui comigo para conversarmos mais perto?

Ela sorriu e se aproximou de mim. Abri meus braços e a aconcheguei no sofá prensando seu corpo no meu, puxei a manta das costas do móvel e joguei por cima de nós.

Definitivamente estava fedendo.

Em pouco tempo adormecemos.

Quando acordamos novamente era noite.

– Não quero ir... – Eu disse parecendo um menino.

– Nós temos, prometi ao meu pai que estaria de volta.

– Carter, eu gostaria de falar com você sobre nós...

– Não. – Pediu beijando meus lábios. – Estava tudo perfeito Alex, não estrague tudo.

Eu respirei fundo e fiz o que ela pediu.

**

Faltavam dois dias para o natal...

– Hum... – ela gemeu enquanto eu beijava suas costas nuas.

– Temos que ir. – Eu disse na verdade não querendo dizer. – Está ficando tarde.

– Somos adultos. – Ela disse puxando o edredom por cima dela e rolando na cama.

Ah, agora que ela não havia prometido ao seu pai que teria que voltar para casa?

Me levantei apenas para ir até o banheiro.

Eu havia buscado Carter pela manhã em sua casa. Como havia feito no dia anterior. E no outro...

A ideia desta vez era passear pela cidade e apreciar as decorações. Mas a neve começou a cair com força e tivemos que nos abrigar no *bed&breakfast* novamente, já que não conseguiríamos fugir da neve em tempo suficiente.

Eram quatro horas da tarde. Havíamos adormecido após termos transados como loucos, eu não queria nem ver a minha camisa. Carter havia sido muito específica sobre eu andar como um mauricinho por ai, mas eu tinha que lavar as roupas que minha cunhada havia me dado em algum momento. Ela disse que amanhã ela escolheria o programa, então, faltando dois dias para o Natal, Caterine me carregaria

para um shopping cheio de pessoas para comprarmos roupas novas para mim e presentes para as nossas famílias. Eu já estava me sentindo enjoado.

Quando voltei do banheiro fui até a janela dar uma olhada na neve.

– Então? Estamos trancados por mais uma semana? – A voz dela, pesada de sono perguntou.

– Hum... Não estamos com tanta sorte assim.

Caminhei até a cama e me aninhei nos braços dela.

Deus! Aquilo era tão bom.

– Mas podemos fingir?

– Claro. Pelo tempo que você precisar. – Disse enquanto me virava para encará-la. Nos olhamos por um tempo em silêncio. Eu queria fazer tantas perguntas a ela.

– Diga alguma coisa... – Ela pediu.

– Me fale mais sobre você.

Senti que ela enrijeceu rapidamente, mesmo assim manteve o semblante tranquilo ao me responder.

– Alexander, eu ainda não posso falar sobre Michael. – Michael? Era esse o nome dele?

Ok. Eu tinha um nome. Agora falta apenas...

Todo o resto.

Porra!

Como ela sempre fazia, usou seu corpo para me distrair dos meus questionamentos.

Resolvemos ficar na cama até o começo da noite e saímos da pousada famintos. Após comermos a deixei em casa.

– Então nos vemos amanhã? – Perguntou-me com os braços ainda envoltos ao meu pescoço.

– Huhum. – Concordei enquanto acariciava seus quadris.

– Até amanhã, *baby*. – Eu sorri.

– Até amanhã, linda.

**

Quando estacionei meu carro em frente à casa dela no dia seguinte, me peguei suspirando como uma garotinha enquanto me lembrava da noite passada. Realmente havíamos passado por um bom e longo dia juntos, aquilo me deixou mais esperançoso com relação ao nosso futuro. Logicamente eu não estava pensando em casamento nem nada do tipo, mas eu sinceramente estava pensando em namoro, ainda que eu tivesse certeza de que ela fugiria se eu tocasse no assunto.

– Cala a porra da sua boca Amanda! – Ouvi a voz de Jeremy e logo após o vi sair e bater à porta com força. Sai do carro rapidamente e fui até ele.

– Está tudo bem, garoto?

– Não! – Ele disse ainda alterado, mas eu sabia que não era comigo. – Me diga uma coisa.

– Sim...?

– Você gosta dela? Gosta de Catherine?

– Hum? – Jeremy revirou os olhos para minha tentativa de parecer desligado.

– Olha, se gosta, eu sugiro que você leve ela para bem longe desta casa. – Dizendo isso ele virou as costas e saiu em direção à praia. Olhei para a porta e Carter estava sorrindo tristemente para mim, eu vi que ela estava envergonhada pelo o que o irmão havia dito. Me aproximei dela e lhe abracei.

– Está tudo bem?

– Não, mas vai ficar. – Respondeu enquanto eu a guiava para meu carro. Durante toda a viagem ela ficou pensativa, seus olhos sempre direcionados para a estrada. Eu teria falado com ela, mas em algum momento a ouvi fungar levemente, e me senti apavorado com a ideia de que ela pudesse estar chorando.

Eu não sabia como cuidar de alguém abalado emocionalmente, Phoebe chorava toda semana enquanto estivemos juntos por algum motivo completamente idiota e sempre que dava qualquer sinal de drama eu simplesmente me trancava em algum lugar o mais longe dela possível. Com Carter eu não poderia ser assim, merda, eu nem queria ser assim. Eu queria parar o carro e abraçá-la, mas não me sentia seguro ainda. Que. Porra.

Quando chegamos, a atmosfera continuava pesada, mas Catherine trabalhava arduamente para colocar um sorriso sincero em seu rosto. Ela colocou a parte mais comprida de seu cabelo atrás da orelha e mordeu seu lábio enquanto analisava sua lista de compras.

– Onde está a sua lista? – Perguntou, agora me olhando. Droga, seus olhos estavam mais verdes com o choro. A ponta do seu nariz estava vermelha e ela estava linda.

– Eu não tenho uma realmente. – Respondi jogando meus ombros como se não importasse. Eu sempre dava presentes à minha família, mas neste ano eu teria que me preocupar em agradar ela também. Isso não seria nenhum esforço, eu ficaria feliz em comprar-lhe algo bonito e caro.

– Ok, mas você sabe os presentes que tem que comprar?

– Sim. – Peguei sua mão e nos enfiamos no corredor que dava para as primeiras lojas.

– Ok. O plano é o seguinte: Fazemos tudo junto, até comprarmos o presente um do outro, quando chegar essa hora nós nos separamos.

– Teremos presentes, então? – Perguntei em um tom sugestivo. Ela sorriu e deu um tapa em meu ombro.

– Sim...podemos nos presentear. Somos amigos.– Eu ri sem a menor vontade.

Eu sabia que não éramos amigos.

Ela sabia que não éramos amigos.

Resolvi deixar o assunto morrer e logo começamos a nossa caça aos presentes. Eu poderia ter sido sincero e dizer para Catherine que eu já havia comprado presente para todos os membros da minha família logo após Ação de Graças, mas eu queria ter mais aquele momento com ela, então resolvi que meus familiares teriam presentes em dobro neste ano.

Para Josie comprei uma coleção de livros infantis e interativos com fantasias dos personagens. Ugh! As crianças já aprendem a jogar RPG desde pequenas. Para Mary comprei o que Carter sugeriu. Ela alegou que seria um presente para ela e meu irmão.

– Lingerie sempre cai bem, Alexander, você nunca erra.

Era nojento escolher algo para minha cunhada usar com o meu irmão, mas Carter me fez sentir um pouco melhor sobre aquilo.

Para minha mãe comprei livros de um novo Chef Irlandês especializado em pães. E para meu pai uma garrafa de conhaque.

Eis o problema: eu teria que comprar um presente para Catherine. Se eu pudesse comprar algo caro e sofisticado seria fácil. Só que essa era Carter. A garota que come no chão, assiste filmes tipo B e tem a boca mais suja do que um marinheiro. Um relógio ou colar de pérolas a fariam rir da minha cara e deixá-los na gaveta de meias.

E eu não tinha a menor ideia do que dar à ela.

Caminhei pelas primeiras lojas olhando as vitrines para ver se alguma delas poderiam me dar alguma ideia.

Nada.

Não queria comprar qualquer coisa, eu queria comprar algo com significado, mas que não a assustasse.

Nessa hora a vontade de comprar uma simples caixa de bombons seria a melhor saída, mas eu era mais esperto que isso.

Sentei-me brevemente em um banco na frente de algumas lojas tentando pensar em algo, mas logo um menino sentou ao meu lado comendo um chocolate e deixando suas mãos lambuzadas e grudentas me dando taquicardia só de olhá-lo enquanto esfregava suas mãos no banco. Argh!

Saí dali praticamente correndo. Quando me deparei com uma pequena loja ao lado de uma joalheria. A loja era aconchegante e cheirava a... Carter. Sim, aquela loja tinha o cheiro doce de Catherine. Quando me aproximei para entrar me dei conta de que era uma loja de produtos artesanais, como sabonetes, sais e shampoos. Me aproximei da mesa onde a linha de morango estava exposta e tomei a minha decisão.

Pedi para a vendedora embalar toda a linha para ela em uma cesta adornada em flores secas em tons rosa e vermelho. Mas era grande demais, e ela certamente veria, então dei o seu endereço em Isle, pagando cem dólares a mais pela entrega em domicílio.

Ao sair da loja fui até a joalheria ao lado e comprei um bonito pingente prateado em forma de estrela cravejado com pequenas pedras negras. Sai da joalheria satisfeito com as minhas escolhas e fui

encontrar Caterine para o almoço.

– Então? Meu presente é bom? – Perguntei enquanto levava meu pedaço de frango à boca.

– Sim. Muito!

– Quero ver superar o meu! – Disse continuando a provocação.

– E se o meu presente envolver uma noite na pousada comigo vestida de duende nada comportada do papai Noel com um pirulito enorme na boca?

O frango obviamente caiu da minha boca me fazendo engolir seco.

– Ok, nada superaria isso.

Ela me mataria de um jeito ou de outro.

Se não fosse de tesão seria de saudades.

Meu tempo estava acabando.

Capítulo Quatorze

Amanhã é natal.

Pensei comigo enquanto me espreguiçava em minha cama. Olhei para a rua e me deparei com a neve caindo na fria manhã em New Jersey. A tempestade vinha e voltava. Quando eu pensava que não a veria mais ela aparecia grande e densa. O tempo me deixava confuso, assim como Catherine.

Era como se eu estivesse em outro universo, por alguns dias não havia me passado nem mesmo a vaga lembrança de que eu era um promotor, que estava de férias e que em breve eu voltaria para a minha rotina.

Eu nem sei se queria isso.

Meu lado adolescente atacava novamente. Por um segundo desejei que eu apenas pudesse voltar no tempo. Que pudesse ter aquela semana novamente.

Eu poderia fazer algumas coisas diferentes. Mas não aconteceria, tinha que seguir em frente, encarar o fato de que meu tempo estava se esgotando novamente e tinha só mais um dia para convencer Catherine que o que tínhamos poderia dar certo.

Ela estava cedendo aos poucos. Mas eu ainda tinha a sensação que qualquer passo errado poderia pôr tudo a perder e ela poderia escapar. Eu tinha que mudar aquela situação, só não tinha ideia ainda de como.

Havíamos combinado de jantar apenas, ela tinha algumas coisas para resolver com sua família, e isso me levou a acreditar que essa reunião familiar era por causa do ódio de Amanda.

Lembrei-me do momento no dia anterior em que eu finalmente havia criado alguma coragem para tocar no assunto, eu tinha ficado abismado com o fato de que mesmo a garota sendo uma vadia, Carter havia comprado um presente de natal para ela.

– *O que Amanda tem contra você afinal? Você comprou-lhe um presente apesar de tudo então... ?*
– *Perguntei sem rodeios, enquanto dirigia para deixá-la em casa.*

– *Amanda acha que me conhece porque soube de algumas coisas sobre meu passado. Ela nunca me suportou. Eu sempre fui a garota de ouro do papai, e ela... Bem, ela não. Ela quer Leonard, e Leonard me quer. Ela queria fazer direito na faculdade, mas não tinha fundos e seus exames não obtiveram notas boas para que ela pudesse ter uma bolsa. E bem, eu sou uma advogada. Ela condena algumas decisões que tomei na vida e usa cada oportunidade para jogar isso na minha cara. Eu até entendo que ela seja um pouco amarga.*

Bem, eu não conseguia entender como ela, mas respeitei sua decisão e deixei morrer o assunto.

Tomei meu banho rapidamente e escolhi uma calça de moletom e uma camisa para usar, hoje era dia de estar com minha sobrinha, Josie, ela precisava de um pouco de atenção e nesta tarde seríamos apenas eu e ela já que Josh e Mary saíam com os meus pais para algum concerto de criancinhas ao ar livre, como a neve estava forte a pequena ficou em casa comigo.

– Tio Alex, saia... saia... de onde *ta!* – Segurei minha risada para não entregar meu esconderijo. – Eu *te achar* tio Alex! – ela continuava imitando o seu monstro, de baixo da escada eu segurava minha

gargalhada, ela falava muitas coisas erradas ainda e isso era o que eu achava mais fofo em crianças daquela idade.

Meu celular tocou e tive que sair para atender fazendo Joselie correr para a parede e bater suas mãozinhas juntas.

– Um, dôs, têis, peguei o tio Alex. – Ela gritou animada.

– Oh não, você me achou princesa.– Peguei meu celular e atendi rapidamente ao ver que era o número de Catherine. – Carter?

– *Oi!* – ela disse com uma voz triste.

– Aconteceu algo?

– *Bem, eu meio que tenho que desmarcar nosso encontro. Estou voltando para New York hoje.* – Ouvi-a fungar um pouco.

– Mas, por quê? Aconteceu algo?

– *Eu, bem... acho que não sou bem vinda na casa do meu pai... não mais...*– Sua voz embargou no final.

– Carter, não vá.

– *Eu não tenho escolha, Alexander, olha... nos veremos lá, ok?*

– Não. Eu tenho uma solução. Você não tem que passar o natal sozinha. Você pode não ser bem-vinda na casa do seu pai, mas aqui você definitivamente é.

Uma hora mais tarde eu tinha um pequeno embrulho em meus braços e estava na frente da casa de Catherine.

– O que vamos fazer tio?

– Estamos esperando Catherine. – Josie se remexeu em meus braços ajeitando-se, a larguei no chão assim que a porta da casa dela se abriu e Jack Flinn saiu com uma mala grande.

– Você sabe que nada disso tem necessidade. – Resmungou bravo para a filha.

– Eu sei pai, mas ficar aqui vai só machucar todos e isso pode afetar o seu relacionamento com Milly, eu não quero isso.

– Mas você é minha filha. – Tentou argumentar. Josie pegou na minha mão e tratou de ficar ao meu lado quando percebeu que o clima não era o ideal para brincar.

– E não deixarei de ser. Olha, eu vou ficar com a família de Alexander. Ele me convidou, assim posso passar aqui para lhe desejar feliz natal amanhã. Tudo bem? Deixei os presentes ao lado da árvore.

Oh, merda! Os presentes? E agora? Mande o presente de Carter ser entregue em casa. Vou ter que ligar...

Fui interrompido pela a risada abafada da minha sobrinha, quando olhei para baixo ela estava com sua pequena mãozinha tapando sua boca.

– Tio Alex, falando sozinho. E disse a palavra com M, eu *gosta mais* da palavra com F, ganho mais dinheirinho. São dois dólares. – ela disse estendendo a outra mão. Tirei uma nota de cinco.

– Estou sem trocado.

– Tira daqui ó. – Ela tirou um pequeno bolo de dinheiro do seu bolso. Olhei abismado com o tamanho da boca suja que era a minha família, essa menina iria enriquecer antes dos quinze anos. Sorri com o fato dela ter tanto dinheiro e não saber contar.

– Não quero troco bebê. Fique com esse de crédito.

– Crédito? – Sorri novamente.

– Sim, depois explico. – Respondi vendo que Carter se aproximava agora, junto com seu pai.

– Bom dia. – Disse para ambos tentando controlar meu coração.

– Bom dia garoto, espero que você cuide bem da minha filha, e nada de dormir no mesmo quarto.

Bem, agora eu tinha certeza de quem Catherine havia herdado o dom de fazer as pessoas sentirem vergonha.

– Sim, senhor.

– Pai. – Ela chamou sua atenção. – Não!

– Eu sei, tarde demais.

– Pode ter certeza. – Catherine respondeu sorrindo e olhando para mim como se compartilhássemos um segredo.

Nos despedimos e logo entramos no carro para seguirmos para Cape novamente, eu não tinha certeza do que havia acontecido, mas sabia que havia sido entre Amanda e Carter. Insisti muito para que ela ficasse com a minha família, ela foi relutante, mas acabou cedendo quando eu disse que iria buscá-la de um jeito ou de outro. Quando voltamos para casa já era hora do almoço. Minha mãe havia deixado algo pronto para eu e Josie. Separei as porções de macarrão nos pratos e esquentei um por um no micro-ondas querendo que houvesse algo mais elaborado para recebê-la.

Quando voltei para a sala com os pratos encontrei Carter e Josie colorindo um livro de princesas.

– Usa esse, tia Cat. – Josie pediu entregando um lápis azul para pintar o vestido de uma das princesas. – O vestido da Cinderela é azul.

– Ok, vou pintar de azul, Senhorita Joselie.

– Está pronto, princesas! – Ambas olharam para mim enquanto eu postava os pratos sobre a mesa. – Vamos lavar as mãos Jojo?

– Vamos!

Nós comemos calmamente e por volta das três Josie se entregou ao sono da tarde deixando eu e Catherine livres para conversar.

– Quem diria que você passaria o natal comigo, afinal. – Comecei.

– Você armou tudo isto, eu aposto. – Ela disse me empurrando no sofá. – Você deu um jeito de instalar alguma crise em minha família.

– Então, vai me falar o que aconteceu?

– Amanda. Ela deixou a situação complicada. A convivência estava deixando meu pai e madrasta chateados um com o outro. Então eu resolvi sair fora. – Sorriui, mas era um sorriso triste. A puxei para os meus braços e a abracei.

– Queria que você me contasse *tudo*. – Disse suplicante. Acaricieei seus cabelos enquanto ela se aconchegava mais em mim.

– Eu não posso, Alexander. Por favor. – Ela pediu no mesmo tom que eu. Me calei e continuei acariciando seus cabelos, agora mais curtos.

– O que exatamente você quer de mim Sr. Neurótico?

– Eu não sei. – Menti sem encontrar coragem para outra resposta.

– Você sabe, sim.

– Eu quero apenas estar por perto. Eu quero que sejamos amigos.

– Com benefícios. – Ela afirmou.

– Sim *tia Cat*, com benefícios. E com as complicações também. Basta me deixar entrar.

Carter se aproximou puxando meu pescoço para encontrar meus lábios com mais rapidez e me beijou. O beijo foi lento e sensual. Quando terminamos estávamos ofegantes.

– Eu sei que vou me arrepender Alexander, mas você me convenceu.

– Sim? – Não pude esconder meu sorriso bobo.

– Sim, isso... que definitivamente não é um relacionamento. – Ela enfatizou enquanto apontava para nós dois. – Pode acontecer.

– Ok.

– Mas temos condições.

– Manda ver! – Ajeitei-me no sofá.

– Nós dormimos juntos quando tivermos vontade. Mútua vontade. Nada de cobranças, nada de obrigações e principalmente, nada de possessividade.

– Você quer dizer nada de exclusividade. – Eu disse tentando não parecer triste.

– Exato.

Eu não gostei da ideia, mas aceitei o pouco que ela poderia me dar.

Carter parecia querer encerrar o assunto, então ela montou em mim para que pudéssemos dar alguns... ou vários amassos até que meus pais e irmãos chegassem ou Jojo acordasse.

Eu não conseguia entender a cabeça daquela mulher, mas algo em mim dizia-me que eu teria muito tempo para aprender, ela deixando ou não, eu conseguiria, aos poucos, uma a uma, eu tiraria as suas camadas. Eu derrubaria seus muros e mostraria sua verdadeira face.

Eu só esperava não me decepcionar quando finalmente acontecesse.

Eu já gostava demais dela para sair sem me machucar daquela *não* relação.

Capítulo Quinze

Logicamente não levamos em consideração as ordens do pai de Carter. Não dormimos em quartos separados. Éramos adultos e sabíamos nos comportar como tal.

Ok, não sabíamos.

A noite passada ultrapassou qualquer expectativa de adolescente que eu poderia ter. Catherine pareceu estar sob o efeito de alguma droga. Parecia pronta para tirar o diabo do seu trono.

Deus, aquela mulher estava louca.

E eu não poderia reclamar.

Quando acordei pela manhã estava espalhado na cama do quarto de hóspedes, e sozinho. Tentei me levantar, mas eu estava cansado. Mais do que o normal. Esgotado.

– Bom dia Sr. *Quero gozar assim pra sempre.* – Gemi envergonhado com aquilo. Eu sabia que ela havia escutado as coisas que eu falei na noite passada, mas se aproveitar da minha falta de filtro mental era pura sacanagem. – Sério Alexander, você tem que tratar isso, embora tenha diminuído consideravelmente desde a primeira vez que transamos. – Ela riu enquanto falava. Olhei finalmente para onde ela estava e não pude deixar de suspirar como uma virgem que beijou o primeiro namorado. Ela estava linda. Estava vestindo apenas uma camisa branca minha. A cena mais clichê e mais erótica que eu já havia presenciado. Seu cabelo platinado estava bagunçado, ela tinha resquícius de maquiagem nos olhos e os lábios inchados dos beijos selvagens trocados na noite passada.

Carter estava perfeita.

– Onde foi que conseguiu essa camisa? – Perguntei me sentando na cama.

– Vasculhei na sua mala. Pensei que você gostaria de acordar e me ver assim. – Respondeu virando-se lentamente para que eu pudesse contemplá-la por completo. – Gostou?

– Vem cá, baby. – Chamei me controlando pra não pular nela.

Carter se aproximou vagarosamente da cama e quando subiu engatinhou até mim olhando diretamente em meus olhos. Eu rezei para não babar naquele momento e estragar tudo. Tentei não pensar também para não dizer nada que pudesse interromper o que estava prestes a acontecer.

Puxei ela rapidamente para o meu colo fazendo-a gargalhar na ação, logo eu estava olhando em seus olhos. Acariciei o seu rosto sem perder o nosso contato fazendo-a suspirar e fechar seus olhos.

– O que estamos fazendo, Alex? – Questionou ela, eu sabia do que estava falando mas eu tinha tanto medo de responder o que eu realmente pensava e ela fugir, eu estava miseravelmente apaixonado por aquela garota e não tinha mais para onde correr.

– Amor. – Respondi simplesmente, antes que ela pudesse acordar de todo aquele transe, tomei seus lábios para mim enquanto acariciava sua perna, a deitei na cama e rolei por cima dela, acariciei seu corpo por baixo da camisa enquanto olhava em seus olhos brilhantes, suas bochechas estavam vermelhas assim como seus lábios, lindos e totalmente expostos para mim. Assim como resto dela naquele momento. Tornei a beijá-la e continuamos na cama até depois da hora do almoço.

Durante a tarde Catherine esteve longe, minha mãe e cunhada a monopolizaram com os preparativos para a ceia de Natal. Eu tentei de todas as formas ligar para a loja da cesta, mas ninguém me atendeu. Ao menos eu tinha o colar que havia lhe comprado comigo.

Fiquei com Josh, meu pai e Jojo assistindo televisão enquanto as mulheres corriam de um lado para o outro deixando tudo pronto. Carter ainda parecia desconfortável quando descemos para nos juntar à eles mais cedo, eu entendia isso, ela mal conhecia meus pais embora eles tenham sido nada além de acolhedores e simpáticos.

No início da noite subimos novamente e trocamos alguns beijos antes de nos aprontarmos.

– Vire! – Ela ordenou. Ao seu comando virei-me e senti suas mãos lavando minhas costas. Me perdi no seu carinho e mantive-me quieto enquanto sentia o seu toque.

O vapor estava alto no meu banheiro e já não enxergávamos nada, olhei para meus dedos e eles pareciam tão enrugados quanto uma uva passa.

– Há quanto tempo estamos aqui? – Perguntei analisando meus dedos. Ela riu.

– Não importa. – Olhei para ela levantando minha sobrancelha questionando a sua declaração. – Eu gosto disso, sabe?

– O que?

– Essa nossa *não* relação, esse arranjo. Estou confortável com isso.

Bem, eu não sabia exatamente se *eu* estava confortável.

Parte de mim, a parte que estava ciente que este *não* relacionamento era um relacionamento *sim*, e só precisava de uma nomenclatura, estava feliz com aquilo. A parte que estava ciente do quanto Catherine queria fugir de tudo isso não estava nada contente. A verdade era que ela estava se tornando uma pessoa perigosa para mim, era como uma droga, eu sabia que me fazia mal mesmo quando me fazia bem. Era tão complicado de entender.

Aquela garota havia me envolvido em seu dedo mínimo em duas semanas. E eu que pensei que os romances eram pura besteira para vender bilheteria e exemplares, agora sou apenas mais um imbecil apaixonado que baba por uma garota que nem ao menos retribui tais sentimentos.

Mas e se ela retribui?

O homem pateticamente apaixonado dentro de mim cogitou. Segurei minha linha de pensamento em algum lugar muito distante e escuro na minha mente, o que eu menos queria agora era me declarar para aquela mulher por acidente.

Sáímos do banho algum tempo depois da declaração feliz de Carter, nos vestimos enquanto seu *ipod* tocava uma música qualquer do Bon Jovi.

– Não entendo sua fascinação com essa banda.

– Não ouse odiar Bon Jovi, Alexander.

– É ruim! – Exclamei tentando provoca-la.

– Pois saiba de uma coisa sobre mim: Toque Bon Jovi, e você sempre me terá. – Ela brincou, mas me fez tremer ao ouvir aquelas palavras.

– Então me diga a sua música preferida.

– *Thank you for lovin' me.*

O ar ficou automaticamente mais pesado naquele momento. Sua música preferida tinha por título *Obrigado por me amar*. Era para agirmos como se fosse apenas uma música, mas a realidade era que havia algo a mais acontecendo e uma simples canção estava trazendo isso a tona. Eu queria gritar para ela: De nada. Não por isso. Sempre que precisar. Mas eu não poderia. Eu não poderia assumir que aquilo realmente estava acontecendo.

Não para mim.

Muito menos para ela.

Quebrando o feitiço, Carter se afastou e dançou enquanto se encaixava em seu vestido, rapidamente o romantismo deu o seu lugar para a luxúria e se não fosse o fato de eu ter que descer em breve para estar com a minha família eu a teria jogado em minha cama e ...

– Hey! Pare de querer me jogar na cama e venha fechar o zíper para mim. – Chamou rindo enquanto virava de costas. Gemi e caminhei até ela tentando não fazer o que eu realmente queria. Seus cabelos estavam perfeitamente arrumados e combinava perfeitamente com o vestido vermelho que ela estava usando. Não era apelativo, mas me fazia querer entrar nele a qualquer momento.

– Pronto. – Resmunguei ao finalizar o zíper.

– Obrigada. – Carter se afastou e pegou um par de brincos pequenos. Lembrei-me do colar que comprei para ela e não pude resistir.

– Hum... eu gostaria de dar a você seu presente de natal agora. – Disse me afastando e indo até a gaveta do meu armário. Tirei a caixa aveludada em azul nervoso que ela pudesse ficar brava.

Mas ela era surpreendente, saltitou em minha direção e estendeu as mãos. Entreguei a ela sorrindo, realmente feliz em não ter nenhum tipo de recusa. Quando ela abriu seus olhos saltaram, ela mordeu seus lábios tentando se concentrar antes de falar.

– É lindo. – Disse suavemente, quando finalmente ela me olhou seu sorriso cresceu e ela se aproximou para me beijar. – Eu vou dar o seu, mas creio que sua mãe não vai querer que você o use hoje.

Ela correu para a sua mala e tirou de lá uma pequena sacola de papel de uma loja de ugh... Esportes? Adidas?

Ela me entregou sorridente a sacola, abri e me deparei com um ... chapéu?

Chapéu?

– Não é um chapéu é um boné. E tem mais alguns itens... – Bufou. – Você é tão antiquado.

– É por isso que você me deu um boné? Porque sou antiquado?

– Não. – Respondeu baixando a sua cabeça. – É para os nossos passeios no parque.

– Passeios no parque?

– Sim, Alexander. – Resmungou. – No começo era um presente para você lembrar que pode ser mais relaxado e não usar sempre suas roupas de *Riquinho Rico*. Mas agora, eu penso que podemos usá-los para nossas corridas e passeios ao Central Park. Sem nenhum romantismo, eu digo. Só queria um hobby, uma rotina com você. – Ela parecia terrivelmente desconfortável com sua declaração. – Mas se você não...

– Eu quero! Adorei o presente. – Disse rapidamente e pateticamente. – Eu não tenho nenhum destes bonés.

– Disso eu tenho certeza.

– Me pergunto o que você quer comigo se me acha tão fora do seu padrão. – Brinquei com ela, mas no fundo, queria saber o que ela pensava realmente.

– O sexo é bom. – Respondeu dando em seus pequenos ombros e foi em direção ao espelho contemplando o seu novo colar com os olhos brilhantes e um sorriso bobo no rosto.

Era mais do que sexo.

Eu tinha certeza.

**

Quando descemos, vi Joshua babando pela minha acompanhante, joguei-lhe um olhar reprovador, e quando pensei em reclamar para Mary, notei que ela estava rindo do meu notável ciúme pela provocação de meu irmão.

Meu pai se aproximou e pegou a mão de Carter sorrindo.

– Você está encantadora, Caterine.

– Obrigada Henry. – Respondeu com um tom lisonjeiro e brincalhão ao cortejo do meu próprio pai.

O tempo que antecedeu a nossa ceia foi preenchido pelos shows de Joselie imitando Lady Gaga.

– Vocês têm sérios problemas mentais deixando essa menina assistir aqueles vídeos. – Chamei a atenção dos pais de minha sobrinha.

– Ela não assiste comigo por perto. O que quer que eu faça? Quer que eu a tranque em casa e... Espera! Você assiste os vídeos da Lady Gaga?

A sala inteira explodiu em gargalhadas quando Mary respondeu para mim.

– Eu não! Por acaso... um dia ... eu estava zapeando os canais e... – notando que todos riam eu desisti.

– Quem diria, pensei que sua televisão nem funcionasse. – Joshua zombou.

– Funciona sim! – Respondi. – Foda-se Joshua.

Na mesma hora Jojo veio até mim, ainda sem parar o seu rebolado ao som de qualquer música "gaga" daquela mulher esquisita.

– Pague! – Ela estendeu a mãozinha sem deixar de jogar seus quadris de um lado para o outro. Todos gargalharam, menos Carter. Ela tinha um sorriso triste que fingi não perceber.

– Eu não tenho dinheiro agora. – Disse levantando os braços.

– Ok. – Minha sobrinha disse se virando para a mãe. – Mamãe, pode anotar no meu caderninho que o tio Alex precisa me dar dez dólares?

– Isso não é uma criança, é um anão mercenário. – Gritei aterrorizado com minha própria sobrinha.

Meu pai parecia que ia enfartar junto com o restante da minha família, só faltavam chorar de tanto rir e desta vez Carter havia se juntado à eles.

**

O jantar estava maravilhoso. Comemos enquanto levamos uma conversa confortável, ninguém fez qualquer insinuação sobre Catherine e eu.

Eu estava apenas agradecido.

No final do jantar a convidei para irmos até o quintal conversar um pouco. Ela correu para pegar seu casaco enquanto eu ignorava Phoebe no meu celular pela quinta vez naquela noite.

Como poderia caber tanta inconveniência dentro de uma pessoa?

Jesus Cristo.

Quando Carter desceu nos dirigimos para fora.

– Carter, posso te fazer uma pergunta?

– Claro. Eu posso não responder se eu não quiser?

– Vê? É sobre isso mesmo que eu queria falar. – Disse calmamente. – A minha pergunta é: Se em algum momento você vai confiar em mim para contar algo sobre você...

Ela olhou para mim e sorriu.

– Eu realmente espero que sim, Alex. Eu quero isso.

Sorri me aproximando e beijei seus lábios levemente.

– Feliz Natal.

Capítulo Dezesseis

Com a partida do Natal logo chegou o Ano Novo, eu convenci Caterine a ficar e passarmos mais esta data com a minha família. Foi uma festa simples, apenas comemoramos com alguns canapés e espumante. Carter recebera sua cesta de presente um tanto atrasado, seu pai mandou Jeremy nos entregar, ela adorou e usou todos os produtos na noite da virada, não preciso mencionar a reação que aquilo causou em mim.

Quando voltamos para NY ela ficou uma semana sem dar notícias. Eu simplesmente e dolorosamente respeitei aquilo. Ela precisava de espaço e voltar para a sua vida desregrada. No entanto ela me procurou depois de um tempo.

Três meses haviam se passado e neste tempo, nós levamos as coisas espontaneamente como ela queria. Nos víamos apenas uma ou duas vezes por semana, e quando dormíamos juntos era em meu apartamento. Nunca no dela.

Aliás, eu nunca conheci seu apartamento, nós nos encontrávamos por vezes apenas para uma sessão de amassos em meu escritório ou em alguma cabine de provador de lojas de departamento, mas seu apartamento nunca entrava na história.

Nos divertíamos na maior parte do tempo, ela sempre me fazia rir até chorar. Seu humor e sarcasmo eram irreverentes e sempre mantinha o clima suave para nós. Ela também me dava nos nervos.

Comer sorvete direto do pote.

Tirar meus cds da ordem apenas pelo prazer de me ver ter tiques nervosos.

Andar nua pela casa e beber água direto da garrafa.

Bem, isso me deixava mais excitado do que irritado, mesmo assim era de dar nos nervos.

Nunca saíamos junto com amigos, éramos sempre somente eu e ela, nem mesmo Mary conseguiu conspirar para que isso acontecesse. Ela sempre estava na defensiva depois que passaram as festas do final do ano, eu sabia o que aquilo significava. Suas paredes desmoronaram enquanto ela esteve comigo em Jersey, voltando para NY ela queria reerguer seus muros novamente. Era como se ela tivesse vivido em um mundo paralelo comigo. Onde éramos um casal feliz e apaixonado. Mas o encanto acabou no momento em que fomos embora.

Eu sinceramente estava cansado daquilo, mas morria de medo de falar qualquer coisa sobre esse assunto, ela sempre ficava estranhamente nervosa quando eu mencionava que algum amigo casou, ou que alguém próximo havia engravidado. Passei a pensar que o passado de Carter não era algo que ela preferia não mencionar, ela queria esconder. Todas as vezes em que toquei no assunto ela disse que não estava preparada para partilhar aquilo comigo.

O que ela queria final de contas? Estávamos juntos há mais de três meses. Éramos amigos próximos e ela simplesmente não queria partilhar da sua vida passada comigo, logo eu que era um livro aberto para ela.

– *Senhor Hartnett, seu irmão na linha dois.* – Melissa disse pelo interfone.

– Obrigado Melissa, pode passar. – a ligação foi transferida imediatamente. – Olá.

– *Irmão! Bom dia!* – Gritou do outro lado da linha. Me pergunto como uma pessoa consegue estar sempre de bom humor. – *Eu sempre estou de bom humor maninho.*

Ah! Claro! Meu filtro não melhorou com o passar dos meses.

Esqueci de mencionar.

– Diga o que quer Joshua. – Suspirei jogando o processo que eu havia revisado pela enésima vez naquela manhã.

– *Mary e eu queremos sair essa noite. Pode ficar com a Josie?* – sorri largamente.

– Claro! Eu vou adorar ficar com ela nessa noite.

Conversamos mais um pouco, mas quando ele mencionou Catherine e minha falta de pulso com ela eu decidi que era hora de desligar.

O pior de tudo é que ele tinha razão, eu estava sendo a mulher da relação. Eu queria o romance e ela estava correndo disto como o demônio foge dos irmãos boa pinta do seriado que ela me obrigou a assistir da primeira à quarta temporada inteira.

Eu mal poderia esperar próxima temporada.

Eu não poderia negar que ela mudou minha rotina de forma drástica. Eu trabalhava menos, ligava mais para meus pais, usava roupas informais, ia ao cinema, e era um pedaço de carne nas mãos de Carter, que ela mastigava a hora que queria.

Argh, onde estava o meu orgulho?

Segundo Joshua eu havia enfiado no meu rabo, e comecei a concordar com ele.

Durante a tarde eu combinei com Carter que ela dormiria em meu apartamento para ajudar-me com Jojo. Era sexta-feira e tínhamos programado pizza e vinho na janela. Sim, agora eu passava muito tempo na janela. E eu passei a apreciar. Nosso programa mudaria um pouco com minha sobrinha por perto, mas não seria menos prazeroso.

Após sair do trabalho encontrei-me com Catherine no supermercado e juntos compramos um monte de porcarias e alguns dvd's de meninas para assistirmos, os títulos em sua maioria levavam o nome *Barbie*.

– Argh, Barbie e o Quebra Nozes, Barbie mundo encantado, Barbie Rapunzel... – Resmunguei jogando os dvd's no carrinho de compras.

– Não seja tão mal humorado. – Carter pediu ficando na ponta dos pés e beijando meu queixo. – Vamos nos divertir.

– Eu sei que vamos... Mas essa boneca me dá sono.

– Eu prometo que se você ficar acordado vou recompensá-lo.

– Hum... está ficando bom... Posso saber qual é o tipo de recompensa?

Ela pulou em meus braços e rodeou suas pernas em minha cintura no meio do supermercado.

Em outra época eu ficaria nervoso.

Ok, eu ficaria em pânico com aquela demonstração apaixonada em público, mas aquela garota. Ah! Catherine me tinha de quatro por ela.

– E se eu me vestir de Barbie para você?

– Uma boa idéia, mas tenho uma mais simples.

– E qual é?

– Você passar o final de semana inteiro comigo.

Ela saltou dos meus braços imediatamente. Ela nunca ficava mais do que uma noite comigo.

– Alex...

– Não é grande coisa, Catherine. – Disse finalizando a conversa e voltando para o carrinho. Ela não tentou falar sobre aquilo novamente.

**

Ao chegarmos desempacotamos as compras e guardamos em silencio. Eu tinha estragado tudo querendo que ela ficasse. Na verdade, era um milagre que ela não havia ido para casa no momento em que saímos do supermercado. A segui para o quarto e quando ela tirou o vestido preto de alças que usava como camisola da bolsa soltei um longo e cansado suspiro.

– Não sei por que você não o deixa aqui... – disse mesmo sabendo a resposta.

– Preciso lavá-lo. – ela respondeu suspirando igualmente cansada daquele assunto novamente.

– Claro, Catherine, como quiser. – Disse desistindo.

Ela escovou seus dedos pelos seus cabelos agora um pouco mais compridos mostrando a raiz negra, o que era mais sexy para mim, e mudou rapidamente sua face para um sorriso sugestivo.

– Eu realmente prefiro você fora destes ternos e com um bom jeans, mas não posso negar que você fica delicioso nele. – Soltei uma risada não me contendo. Não sabia se era de alívio ou se era porque ela realmente era hilária quando falava das minhas roupas. Deixei que ela se aproximasse de mim e a beijei com vontade. Sua mão correu para o meio das minhas calças testando o que obviamente já estava respondendo ao seu toque.

A campainha tocou nos tirando daquela bolha erótica e eu agradeci que tenha sido antes de eu jogá-la na cama e arrancar suas roupas, Josh saberia se eu demorasse para abrir a porta e não nos deixaria em paz.

Me separei dela e caminhei para a sala para abrir a porta enquanto puxava os cabelos da minha cabeça, aquela mulher era tóxica e eu estava começando a adoecer com isso. Eu queria mais e ela não ultrapassava nenhuma linha comigo. Estava na hora de pensar em algo.

Os papéis estavam invertidos nessa relação, eu estava sendo enrolado.

Será que o tal ex noivo não saiu da vida dela realmente?

Será que eles ainda se viam? Ou será que ela simplesmente tem esperança de voltar para ele?

Eram dúvidas de mulherzinha que passavam na minha cabeça e acho que nem Phoebe conseguia ser tão paranoica quanto eu.

Me arrepiei ao lembrar daquele pequeno demônio que ainda enchia minha caixa de e-mail toda a semana com perguntas estúpidas.

Abri a porta para receber Joselie em meus braços. Abaixei-me pegando seu pequeno corpo já de pijamas e pantufas cor de rosa.

– Tio Alex... – Ela soluçou em um choro alto e descontrolado.

– O que aconteceu? – Olhei para meu irmão preocupado.

– Ela queria sorvete, mas já tomou banho. Então nada feito.

– Vamos tomar sorvete ok? Não chore. – Sussurrei para ela.

Ela assentiu e riu baixinho guardando nosso segredo.

**

Brincamos com Jojo enquanto ela conseguiu ficar em pé, quando adormeceu nos braços de Carter pude notar o brilho no olhar da mulher a minha frente.

– Então você pensa em ter filhos. – Afirmei, depois de perguntar tantas vezes nos últimos meses e ter respostas evasivas.

– Alexander, eu realmente não quero falar disso.

Me levantei e fui até minha sobrinha a pegando no colo e levando para a minha cama. A tapei calmamente e beijei sua testa. Era tão bom o seu cheirinho de bebê. Quando retornei eu estava disposto a dar um basta, mas Catherine estava chorando.

– O que aconteceu?

– Nada demais. – Levantou-se e foi até a janela.

– Carter, baby, eu preciso que você se abra comigo.

– Não é a hora, me desculpe. – Ela disse sem me olhar.

– E quando será a hora? Eu realmente estou tentando aqui Catherine, mas não sei qual é a sua.

– Eu já disse, não sei por que você pensa que eu mudei minha ideia quanto à nós. É só sexo. – Sua voz se alterou.

– Eu não quero só sexo. – Disse também alterado, olhei para a porta do meu quarto fechada rezando para que minha voz não ultrapassasse a barreira.

– O que você quer eu não posso dar.

– Não pode ou não quer? – Me aproximei. Eu estava tão cansado.

– Os dois, eu acho. – Ela sussurrou olhando para seus pés.

– É o seu ex, você ainda gosta dele não é? – A raiva era palpável em minhas palavras. Mas a verdade era que eu estava com tanto medo de perdê-la que mesmo a minha voz soar como ódio eu realmente sentia vontade de chorar de tanto medo de perde-la.

Carter me olhou como se eu estivesse falando uma grande besteira. Me aproximei dela continuando com as minhas acusações.

– Alex, pare agora. – Ela pediu com a voz nervosa.

– Você quer sexo comigo, mas algo sério você está guardando para ele? Ou você tem esperança que ele volte?

– Pare, Alex. – ela advertiu novamente.

– Então me diga, ao menos assuma que você ainda gosta dele. – eu gritei.

– Michael está morto, Alexander! – Ela gritou soltando seu pranto com um soluço alto.

– O... o que?

– Ele se matou por que eu sou uma puta egoísta. Satisfeito? – Seus joelhos cederam e eu rapidamente a peguei em meus braços tentando confortá-la.

Capítulo Dezessete

– Está tudo bem, baby. – Disse esfregando suas costas enquanto seus soluços e lágrimas eram abafados pelo meu peito. Carter tremia em meus braços e me agarrava com força. Eu apenas fiquei lá por muito tempo tentando acalmá-la.

Sentados diante da janela da sala eu apenas fiquei contemplando as luzes ainda acesas dos prédios comerciais e de algumas casas. Era possível ouvir ao longe sirenes policiais em algum canto da cidade. Dentro do meu apartamento o ar era pesado e melancólico. Os soluços de Catherine ecoavam pelas paredes me deixando rasgado por dentro. O que quer que tivesse acontecido com ela, era algo muito ruim.

– Está tudo ok. Você precisa de algo? Quer que eu faça alguma coisa? Qualquer coisa?

– Me dê apenas um minuto. – Sua voz era sussurrada. Quando saiu dos meus braços dirigiu-se até o banheiro e lá ficou pelos próximos quarenta minutos. Eu pude ouvir o chuveiro sendo ligado, então fui à cozinha preparar um chá para nos acalmar. Talvez ela só quisesse ignorar a situação. Talvez quisesse ir para casa.

Ou talvez não me quisesse mais por ter trazido aquele assunto. Seja o que fosse, eu estaria esperando para encarar. Eu estaria com os meus braços abertos para confortá-la a noite toda se fosse necessário.

Quando Carter saiu do banho seus cabelos estavam molhados e ela vestia uma camisa preta de botões minha. Sentou-se de frente para mim no sofá olhou diretamente em meus olhos quando começou.

– Eu conheci Michael em meu último ano de faculdade. Eu tinha vinte e três anos. Nos apaixonamos quase que imediatamente. – Ela bufou desviando o olhar e mirando-o para o espaço entre nossas pernas. – Ele era certinho, careta. Acho que eu tenho um padrão afinal de contas. – Ela riu e eu acompanhei. – O que você não sabe, é que eu também era certinha. E eu tinha tudo muito planejado em minha vida. Cabelos longos cortados em exatamente três centímetros nas pontas de dois em dois meses, saias lápis, saltos elegantes e comida vegana.

Aquilo era ridículo. Não era em nada Catherine.

– Em pouco tempo eu e Michael estávamos morando juntos. – Ela continuou. – Eu fiquei um pouco incomodada com isso, mas eu também queria estar sempre perto dele, então eu fui cedendo. Uma roupa deixada ali, uma gaveta vazia para ele mais tarde e bam! Estávamos morando juntos.

E ali estava o cuidado dela em não deixar nada em minha casa. E nem me receber em seu apartamento.

Segui quieto ouvindo-a.

– Nós vivíamos bem. Tínhamos sintonia. Acordávamos com diferença de cinco minutos e cronometrávamos nosso tempo exato, sem nos esbarrar ou nos atrapalharmos. Era engraçado na época. Hoje eu apenas acho patético.

“ Com o tempo, minha carreira e de Michael que também era advogado estava começando a alavancar. Eu estava na Kia e ele entrou como parceiro em um bom escritório. Para mim estava tudo bem,

mas Michael queria mais. Casamento e filhos.

Eu consegui enrolar o quanto eu pude, afinal de contas eu tinha um plano. Casamento e um filho, apenas um filho, estavam nos planos. Mas na minha lista de prioridades estava muito abaixo.

Após quase dois anos Michael me pediu em casamento formalmente, após insistir muito em outras ocasiões anteriormente. Eu disse que sim, mas que não poderíamos casar tão breve. Que esperássemos.”

Ela fungou e sua voz tremeu.

– Eu disse não *agora*. Eu ia me casar com ele em algum momento. Bastava ter paciência.

“Eu tive um problema com o meu método contraceptivo que usava sob a minha pele em meu braço direito. Segundo o meu médico eu teria que tirá-lo e esperar três meses antes de recolocá-lo.

Michael viu aquilo como uma oportunidade, eu acho. Uma noite, nós fomos à uma festa, eu bebi demais sem perceber que ele estava me persuadindo a fazê-lo. Eu estava religiosamente impondo o uso do preservativo em nossas relações. Eu não queria filhos, e naquela noite ele aproveitou o fato de eu estar alcoolizada para não nos proteger.

Aparentemente a sorte estava ao seu lado.

Eu engravidei...”

Ofeguei com a sua declaração. Uma lágrima solitária escorreu pelo seu rosto pálido e ela levou a mão rapidamente para limpá-la.

“Ele ficou feliz e logo sugeriu que nos casássemos. Eu novamente aceitei sem empolgação. Eu não estava feliz, nem com o casamento e nem com a criança. Eu não queria a criança e não queria o casamento.

Não. Naquele. Momento.

Eu vi minha vida e meus planos escorrerem por entre meus dedos e me fechei. Apenas me fechei.

Michael tentava de todas as formas me animar, mas nada mudava o meu humor.

Uma noite, um mês depois da descoberta, ele chegou em casa bêbado, chorando e me acusando de estragar tudo. Eu não estava entendendo até que ele confessou que me usou naquela noite, que não usou preservativo de propósito e rezou com todas as suas forças para que eu engravidasse e assim agilizássemos os *seus* planos pois ele me queria e queria uma família para sempre. Eu enfureci. Fiquei louca. Terminei tudo com ele e assim dei-lhe o primeiro prego para o seu caixão. Eu tinha planos para machuca-lo muito mais e provar-lhe que eu decidia o meu futuro e não ele.”

Um soluço histérico rompeu em seu peito me fazendo saltar e puxá-la para mim.

– Eu tirei o bebê, Alex. Oh Deus! Eu matei meu bebezinho. – Ela gritou em meu peito e chorou muito mais antes de continuar. – Eu estava com raiva. Só havia ódio dentro de mim e o único sentimento além desse que tive por muito tempo foi alívio. Eu senti alívio quando saí da clínica sabendo que não havia nada mais dentro de mim. – Dá pra acreditar?

“Eu fui para casa e arrumei minhas malas. Saí antes que Michael pudesse voltar deixando um

bilhete. Eu lhe contei na porra de uma nota que eu tinha matado o nosso filho. Eu liguei para meu trabalho e informei a minha demissão enquanto entrava no meu carro e ia para Jersey ficar com o meu pai por um tempo. Quando contei a ele o que eu fiz consegui o seu silêncio e desprezo por dois dias. Então eu fiquei com a família de Leonard. Você pode entender agora porque Amanda me odeia. Para ela eu não passo de uma assassina de bebês que rouba amores platônicos.

No terceiro dia meu pai me procurou. Rompeu seu silêncio para me contar que Michael havia se atirado do vigésimo andar do prédio em que o seu escritório se localizava.”

– Deus! – Eu sussurrei a apertando mais e deixei que o silêncio tomasse conta de nós por muito tempo.

Tempo para Carter colocar todas as suas lágrimas para fora.

Tempo para eu processar tudo aquilo.

**

– Agora você sabe de tudo. – Sua voz era rouca e pesada.

– Sim. E não muda nada. – Eu respondi sem pestanejar. Era a verdade, meus sentimentos por ela não mudaram. Eu... eu amava aquela garota.

– Alexander, eu fiz um aborto.

– Mas se arrepende, vamos ser lógicos aqui Carter, você não foi a primeira. Eu não estou dizendo que estou feliz por isso, mas posso ver que se arrepende. Eu vejo como olha para Joselie. – Ela se separa de mim e levanta.

– Eu sou uma cadela sem coração. Eu destruí a vida de Michael, eu matei meu próprio filho.

– Mas você se arrepende e você poderá ter outros.

– Pare.

– Carter...

– Pare. Eu não posso acreditar que você está me absolvendo disso.

– Eu não estou fazendo nada. Apenas meus sentimentos por você não mudaram, Catherine. Como poderiam? O que eu sinto por você é mais do que atração, é mais do que simplesmente gostar...

– Não ouse, Alexander. Não fale.

– O quê? Não ousar amar você? É tarde demais.

–Não. – Sussurrou voltando a chorar. – Eu não posso dar isso a você.

– Eu não estou pedindo que você me ame de volta... Eu só preciso que você...

Não pude terminar. O choro de Joselie ecoou pelo apartamento.

– Vá. – Carter disse. – Eu estarei aqui quando você voltar.

– Eu temo que isso seja mentira. – Disse me aproximando e beijando sua testa, tentando manter

minhas lágrimas para mim.

– Eu temo que você esteja certo.

Capítulo Dezoito

Quando me aproximei de Josie vi que estava encolhida e chorando, estava assustada por acordar longe dos pais.

A abracei e deixei que algumas lágrimas rolassem em meus olhos. Era como se *ela* estivesse em uma lembrança muito distante agora. Ela provavelmente nunca mais me procuraria, e nem gostaria que eu a procurasse também. Foi embora mais uma vez sem se despedir, eu tinha certeza. Mas desta vez eu agradei por isso, parte de mim ainda tinha esperança de que não fosse o fim se ela dissesse adeus então tudo estaria acabado. E eu não queria isso. Em quase quatro meses Catherine transformou minha vida completamente. Eu não queria voltar ao que era, eu queria ficar com ela, queria continuar a minha nova vida com ela.

– Está chorando, tio Alex?

– Hum... sim? – Respondi.

- Por que?

– Eu estou triste, Carter foi embora. – Desabafei sem me importar em estar confidenciando à uma criança de três anos de idade que eu estava sofrendo por amor.

– Ela te machucou? – Perguntou com inocência.

Ela nem sabia o quanto. Catherine havia me machucado. Havia acabado com o meu coração.

Havia acabado com a porra do meu coração.

**

Pela manhã eu ainda não havia dormido. Quando ouvi a campainha tocando eu sabia que era Joshua e Mary. Caminhei até a porta e abri. No momento em que minha cunhada colocou os olhos em mim mandou meu irmão passear com minha sobrinha.

Assim que eles saíram pela porta eu soltei:

– Ela se foi Mary.

– Oh querido. Eu sinto tanto. – Era como se ela também soubesse que não havia mais o que fazer. Naquele momento ela apenas me deixou falar. Ela não me disse nenhuma palavra motivacional, apenas sentou-se no sofá e me trouxe para seus braços novamente. Eu estava quebrado, revoltado também, mas minha falta de esperança era tanta que nem para brigar ou gritar eu tinha forças. Apenas fiquei ali, com Mary acariciando meus cabelos enquanto eu entendia que tudo havia terminado. Carter estaria longe da minha vida. Agora para sempre.

– Talvez... – e lá estava minha melhor amiga tentando melhorar minhas expectativas.

– Não, querida.

– Mas se tudo o que me contou é verdade, você deve ter paciência com ela Alexander, ela passou três anos remoendo isso sozinha, o fato de ter tirado o bebe de propósito e Michael ter cometido suicídio... Ela precisa de ajuda, você não pode virar as costas para ela agora, querido.

– Ela disse que não pode sequer me amar, Mary Anne. Ela nunca ficaria comigo sem realmente gostar de mim, Caterine não é assim.

– E o que aconteceu nestes últimos meses? Você a estava pagando para ficar com você? Acorde, Alexandre. A garota é louca por você. Só está com medo. Só isso.

Ela estaria certa?

– É lógico que estou certa, senhor *falo sozinho*. – Ela riu. – Vá atrás dela.

– Eu tenho medo. Eu tenho muito medo de novamente ser rejeitado.

– Se você for rejeitado irá tentar novamente. E novamente até que ela abra os olhos e entenda que merece ser feliz... ou até que você se canse de amá-la e a esqueça.

– Isso vai demorar.

– É, eu sei. – Sorriu para mim. – E é por isso que você vai insistir na primeira opção, bobinho.

**

Decidi que Mary Anne estava certa e nos próximos dias eu apenas fui atrás de informações sobre Caterine. Eu sabia que ela morava em Chinatown, mas não tinha exatamente ideia de onde, então fui atrás de uma pessoa que poderia me ajudar sem que tivesse que implorar pela eternidade.

Jeremy

Liguei para ele solicitando o endereço da irmã e por incrível que pareça, e por mais legal que ele fosse. Não foi ele quem me passou os dados.

Foi Jack Flinn.

– *Olhe filho, eu não sei o que aconteceu entre você e Caterine e nunca acreditei em amigos que dormem um em cima do outro dentro de um carro ou passam a semana inteira juntos, mas vou lhe dar o endereço para que você conserte tudo isso...* – ouvi alguém resmungar atrás dele. – *Jeremy, essa decisão é minha, deixe que eu me entendo com ela.* – Eu sorri, Jeremy era mais fiel do que Jack aos desejos de Carter afinal de contas. – *Então filho, anote o endereço...*

Eu o fiz, anotei o endereço e tomei as próximas providências. Liguei para a floricultura e mandei que enviasse um buquê com dez dúzias de rosas colombianas para ela com um cartão pedindo desculpas. Esperei um dia inteiro e ela não respondeu.

Então, sem me deixar abater eu mandei mais um buquê, agora de orquídeas.

Nada.

Aquilo me chateou e quando falei com Mary na noite de quarta ela me pediu que eu não desistisse. Que eu fosse em frente. Então eu enviei mais um buquê de flores mistas, o mais colorido possível, junto com um cartão dizendo que eu realmente precisava falar com ela.

Novamente, nada.

Então eu resolvi jogar baixo. Não teria outro jeito. Eu teria que ir atrás dela. Então, esperei até a

sexta – feira à tarde. Sai do meu escritório mais cedo avisando a minha secretária que não voltaria.

Eu nunca havia pisado em Chinatown na minha vida, nunca foi segredo que minha falta de vida social e mesmo vontade de me aventurar por lugares diferentes dentro de NY era inexistente. Eu viajava para lugares glamorosos pelo mundo e me recusava a visitar qualquer local dentro daquela cidade louca e barulhenta.

Chinatown poderia ser considerado um lugar exótico por assim dizer, era abarrotado, visualmente e sonoramente poluído e carregado, sem contar a sujeira e o fedor. Como Caterine poderia morar em um lugar como este?

Quando cheguei na sua rua paguei o taxista e pedi que ele parasse, olhei em volta e desci cautelosamente do carro procurando não parecer o almofadinha que eu era e caminhei até o prédio, a porta era esmagada por duas outras que davam para lojas de eletrônicos sujas com chineses na frente tentando falar comigo como se eu fosse fluente na língua deles. Apertei o número do apartamento dela e ouvi sua voz irritada.

– Se for alguma merda de entregador de flores pode jogar na lixeira, eu odeio flores. – Ela disse em um tom irritado me fazendo rir. Não respondi. Virei minhas costas e olhei em volta da rua pensando no que eu faria, então avistei uma mercearia pequena com um chinês, obviamente, velho sentado na frente, sorri e atravessei a rua.

Quando voltei com minhas compras apertei novamente seu interfone.

– *Sim?*

Imitei uma voz qualquer, fanha eu diria.

– Entrega para Senhorita Flinn.

– *Vá embora!*

Ela pediu em um suspiro.

– Senhorita, tenho ordens de não retornar até que receba a encomenda. Por favor, não faça com que eu perca o emprego.

Me segurei para não rir, mesmo nervoso como o inferno, aquilo estava sendo divertido.

– *Ok, suba!*

Eu subi dois lances de escada e fui obrigado a sorrir quando me deparei com a porta que tinha o seu número, havia um grande vaso de barro onde os buquês que eu havia mandado estavam devidamente organizados em cima enfeitando todo o corredor.

Me aproximei e toquei a companhia, ouvi os passos rápidos dela e senti meu estomago se revirar em medo e antecipação. Quando abriu a porta ficou paralisada. Eu sorri e estiquei meu braço dando-lhe o que eu havia trazido.

– Alexander o que você faz aqui...? Você me trouxe... alface?

– E... – Levantei meu dedo indicador. – Cenouras. Você disse que odiava flores

– Alexander... – Ela começou a rir, mas logo me olhou suplicante.

– Não vai me convidar para entrar. Quero conversar com você.

– Não temos nada para falar.

– Por favor? Não se comporte como se eu tivesse feito algo muito errado, não há motivos para você não querer ao menos falar comigo. – Tentei parecer o mínimo desesperado possível.

Ela suspirou em derrota e passou para o lado da porta dando espaço para que eu entrasse. Caminhei calmamente e parei na sua frente dando-lhe um beijo em sua testa, fechei meus olhos sentindo o cheiro de morando de seus cabelos e quase senti dor física ao me separar dela para entrar em seu lugar. Era pequeno, mas absurdamente organizado e bem distribuído apartamento. Fiquei chocado para ser sincero. Não era parecido com a Catherine que eu conhecia.

Era branco e limpo, havia apenas uma parede com flores pintadas atrás de seu aparelho de televisão antigo. O sofá era bege e levava uma manta larga na cor laranja por cima dando os únicos toques de cor no restante. Era aconchegante e perfeito para ela, mesmo que não se parecesse com a pessoa que ela havia se mostrado.

Sorri quando reparei que o buque de flores mistas que eu enviei-lhe, havia sido dividido e parte dele agora decorava a janela ao lado de uma estante com muitos livros, para minha surpresa, em sua maioria, eram romances e não livros acadêmicos, de Direito, como na minha.

Catherine ainda sonhava. Eu podia ver em seus títulos na estante.

Aquela constatação me trouxe esperança.

– Alexander? – Virei-me para olhá-la parada no meio da sala. Ela estava com uma blusa folgada e caída no ombro e um short jeans - que um dia acredito ter sido uma calça - todo desfiado. Seus cabelos estavam presos por um arco fino e preto jogando sua franja quase branca para trás, deixando a raiz negra com mais evidência. – O que você está fazendo aqui?

Sorri para ela e me aproximei da mesa colocando meu ramo de... vegetais sobre ela.

– Eu preciso conversar com você.

– Não temos o que conversar. – Ela disse com a voz trêmula, então finalmente eu sabia que eu causava alguma reação nela, que não fosse vontade de rir da minha cara.

– Carter, eu vou ser muito direto. – Me aproximei puxando –a para meus braços a ataquei seus lábios.

Ela lutou contra mim e não se rendeu aos meus beijos, eu a soltei e deixei que ela se afastasse.

– Eu disse que não, Alexander.

– Eu amo você Catherine. – Gritei com raiva. – E não quero ficar longe. É tão difícil assim de entender? Eu não aguento mais. Pare de me afastar. Dói. – Sussurrei a última parte.

– E é difícil para você entender que eu não quero compromisso? – Gritou de volta deixando algumas lágrimas caírem de seus olhos. – Eu não amo você, Alexander! – Ela gritou. – Não posso! –

Sussurrou no final.

– Você está mentindo. E está fazendo novamente, você está afastando me afastando por puro medo. – Tentei me conter antes de continuar. – Você tem medo de se entregar a mim por que? Você não tem mais vinte e seis anos, você pode ter tudo o que você evitou antes, mas por causa deste medo imbecil prefere me mandar embora. – Seu olhar para mim era triste enquanto balança sua cabeça em negação.

Eu suspirei e levei minha mão em meus cabelos e os puxei frustrado sem saber mais o que fazer.

– Eu não sou Michael, Carter. – Ela me olhou como se eu estivesse querendo matá-la com minhas palavras. – Eu não sou ele a ponto de ficar insistindo ou forçando algo para ficar com você, e não vou me matar também se um dia você tiver que ir. Eu tenho certeza que irá doer demais, mas eu não farei isso.

– Pare. – Pediu correndo para mim e me abraçando. Com medo das minhas palavras. – Alex, você não entende.

– Não, realmente eu não entendo, Baby. – Apertei meus braços em volta dela. – Não entendo por que você está me mandando embora sabendo que o que temos aqui pode ser muito, muito bom.

– Eu simplesmente...

– Tem medo. Eu entendo, mas posso ajudar, deixe provar para você que o que temos pode ser maravilhoso. Somos adultos e...

Ela mexeu sua cabeça negativamente e separou-se de mim.

– Apenas vá embora, Alexander. Eu não sei porque você está insistindo em tudo isso. Era apenas sexo. Só isso. Pare de rastejar.

Senti o sangue fugir completamente do meu rosto. Ela estava sendo baixa. Ela preferia me magoar com aquelas palavras do que nos dar uma chance.

Naquele momento eu joguei a toalha.

– Eu não vou mais insistir, Catherine. – Eu não conseguia nem sentir raiva ou dor, estava apenas cansado. – Eu vou embora e apenas tentar esquecer. – Sorri sem vontade. – Vai ser difícil, mas eu vou seguir em frente.

Dei-lhe um beijo na testa e um último nos lábios e fui embora.

**

Dois dias depois eu não estava melhor.

Mas eu teria que seguir em frente de uma forma ou de outra.

Cheguei em casa após um dia inteiro de trabalho e corri para a geladeira, eu havia esquecido de comer novamente. Peguei um sanduíche que estava pronto - eu não sabia bem há quantos dias - e uma garrafa de cerveja e me sentei no balcão da cozinha. Avistei a janela da sala e sorri lembrando-me. Me levantei e caminhei até a lá sentando-me no chão e apreciando a vista nada apreciativa de NY. Se Catherine estivesse aqui, era exatamente o que faríamos.

O toque do telefone tirou-me de meus pensamentos e levantei-me para atender, ainda que sem muita

vontade.

– Sim?

– *Alexander? Que bom que você atendeu. – A voz dela estava chorosa.*

– Mary? O que houve.

– *Sua mãe, baby, mamãe está hospitalizada. Precisamos correr para Jersey.*

Meu foco acabara de mudar. Catherine havia ficado para trás.

Capítulo Dezenove

Sentei-me na poltrona ao lado da cama de minha mãe soltando um grande suspiro. Eu estava tão feliz por ela estar bem, fora apenas um mal súbito causado pelo estresse. Eu dirigi como louco para Jersey no momento em que Mary me contou, não me importei com nada, nem mesmo em pegar alguma roupa extra. Eu teria que ligar para Melissa avisando que eu não trabalharia amanhã ou resto da semana.

Minha mãe ganharia alta em algumas horas. Mas de alguma forma eu sentia que deveria ficar com ela um pouco mais. Eu gostaria de saber o que a estava deixando tão nervosa a ponto de parar no hospital, mas decidi não perguntar para não complicar sua situação agora que ela estava calma e dormia pacificamente.

Nada mais habitava a minha mente a não ser o estado de saúde de minha mãe.

Nada, exceto *ela*.

Caterine Flinn continuava em meus pensamentos, mas agora de forma diferente. Eu não ansiava por seu corpo ou seus beijos. Eu ansiava pela sua companhia, ansiava pelo conforto e coragem que ela sempre me passava, eu desejava que ela estivesse aqui para me dar aquele sorriso de merda dela dizendo que eu estava sendo exagerado e que nada aconteceria com a minha mãe. Mas ela não estava, e eu não poderia mais contar com ela.

Ainda assim eu não estava com raiva.

Eu, na verdade, estava conformado de que este seria um amor que não seria vivido e esperava sinceramente que ela pudesse encontrar alguém que a faria vencer estes medos, alguém que fosse bom o suficiente para que ela pudesse seguir em frente.

Esperava nunca mais vê-la também. Vê-la com alguém que fosse destruir todas as suas barreiras mostrando-me o quão incompetente eu fui simplesmente me arruinaria. Eu não queria isso, eu não queria mais sofrer por ela. Eu precisava seguir em frente.

– Querido? – Ouvi a voz cansada de minha mãe.

– Hey. – Sorri para ela e me aproximei de sua cama pegando em sua mão. – Papai está assinando alguns papéis e logo vem.

– Seu irmão?

– Joshua não pode dirigir tão rápido quanto eu, temos Jojo, você sabe. Eles estarão aqui em breve. – Beijei a sua testa com carinho.

– Você também não deveria correr, mocinho. É perigoso.

– Eu sei me cuidar, mamãe.

– Tanto quanto Joselie sabe. – Ela brincou. – Caterine veio com você?

Senti meu coração apertar novamente. Até pouco tempo eu pensava que esses sentimentos... Este vazio, essa dor, a angustia, a tristeza... Tudo isso era exagero do sexo feminino.

Mas o amor realmente machuca.

– Não mãe.

– Vocês não estão mais juntos? Terminaram?

– Não há o que terminar quando nunca estivemos realmente juntos. – Respondi tentando mascarar minha tristeza, minha mãe era quem estava em uma cama de hospital e precisava de atenção agora, não eu.

Mas ela não pareceu satisfeita. Encolheu-se um pouco em sua cama e me trouxe para seus braços. Eu não queria chorar como um menino, mas era como se algo tivesse finalmente morrido dentro de mim, como se minha esperança evaporasse, então, eu simplesmente me entreguei ao seu aconchego e me permiti chorar como um menino.

– Oh Alex, de alguma forma egoísta eu gostaria que você nunca tivesse filhos. – Eu funguei e olhei para ela limpando um pouco minhas lágrimas tentando entender o que ela diz. – Nós temos o controle de tudo quando você são pequenos. Uma febre e temos tylenol. Uma dor de barriga e temos pepto-bismol mas quando vocês crescem, não temos nada para ajudar com a dor de um coração partido. E isso dói tanto em mim quanto em você, querido. – Eu me deitei ao seu lado novamente e a deixei chorar comigo mesmo desejando que pepto-bismal também curasse mal de amor.

**

Mamãe teve alta finalmente. Josh, Jojo e Mary Anne chegaram, então voltamos para casa. Resolvi ficar mesmo por mais alguns dias certificando-me de que ela estaria bem, os outros voltaram com a promessa de que passariam o final de semana conosco novamente. Assumi alguns processos e estava trabalhando neles naquela manhã fria de quinta- feira por *skype* com Melissa quando ouvi a campainha tocar.

– Espere um momento, Mel. Eu preciso atender a porta.

Me levantei e segui para fora do escritório de meu pai para abrir a porta quando me deparei com a imagem através do vidro.

– Carter? – Perguntei sem emoção, poderia ser a minha cabeça novamente, além da minha falta de filtro eu poderia estar delirando agora também.

Ela levantou sua pequena mão e abanou timidamente para mim, ela parecia diferente, usava jeans e tênis completando o visual com um casaco grosso de frio, não havia maquiagem ali e o pedaço maior de seu cabelo estava preso atrás da orelha. Me aproximei e abri a porta para ela.

– O que faz aqui? – Eu não estava tentando ser rude, apenas estava surpreso.

– Fiquei sabendo sobre sua mãe. – Ela disse mordendo os lábios. – Pensei que talvez precisasse de um ombro amigo.

Eu precisava. Sim. Como eu precisava de um ombro. Do seu ombro. Mas não como amiga. Ela não poderia pensar assim. Não poderíamos ser amigos, e só me feriu mais saber que ela queria isso.

– Catherine. Hum... desculpe, minha mãe está lá em cima em seu quarto, fique à vontade se quiser vê-la, eu realmente tenho algumas coisas para fazer agora. – Disse gesticulando com o meu braço para que ela seguisse pelas escadas, eu não poderia vê-la por nem mais um minuto.

– Oh, me desculpe. Eu... eu... Não devia ter vindo. Apenas... Bem, não quero incomodar, deixe um abraço para sua mãe. Eu vou indo.

Assenti me preparando para fechar a porta assim que ela saísse quando ela parou no meio do caminho e me olhou nos olhos.

– Será que podemos conversar um instante? – Olhei para ela incrédulo. Eu sabia que estava sendo infantil, mas eu estava dando a ela espaço para sentir-se uma merda pelo seu passado por que eu não poderia ter o meu?

– Sério?

– Eu queria pedir desculpas por não poder dar a você o que você queria naquele momento, eu...

– Catherine, eu realmente sinto muito também, mas eu prefiro que não sejamos amigos, não quero conversar sobre o que aconteceu ou qualquer coisa. Eu... não quero nada disso de você, ok?

– Alex não...

Ouvi minha mãe chamar e foi a deixa para Carter desistir do que quer que ela falaria.

– Fique bem Alexander.

– Você também.

– Acho que é um... Adeus?

– É, adeus Catherine. – Meus dedos se fecharam assim como meus olhos quando finalmente virei as costas para a porta. Estávamos fechando um ciclo. Carter havia finalmente se despedido.

**

Subi as escadas para encontrar a minha mãe sentada na cama.

– Quer ajuda mãe?

– Sim, você me ajuda a ir ao banheiro? Acho que minha pressão ficou baixa com esse remédio. Sinto-me tonta. – Eu sorri.

– Sim, são os remédios, o médico disse que mais alguns dias e a senhora se livra deles.

– Quem tocou a campainha? – Ela perguntou quando a levava de volta para cama algum tempo depois.

– Catherine.

– Bem? – Ela bateu palmas. – E como foi? Se eu soubesse que ela viria ainda hoje e que era ela lá embaixo eu não teria chamado...

– Do que a senhora está falando mãe? Você sabia que ela viria ver você?

– Bem, Mary me ligou ontem dizendo que Carter estava vindo. Imaginei que seria para o final de semana, mas se apareceu hoje é porquê dirigiu a noite toda para falar com você.

– Ela queria saber como a senhora estava.

– Não, Alexander, não era esse o motivo, ela sabia que eu já estava bem, ela procurou Mary Anne por que estava desesperada atrás de você antes de saber sobre mim. Ela queria conversar.

– Isto é verdade, mãe? – Olhei para todos os lados tentando saber o que eu faria primeiro.

– É sim, agora vá consertar a sua besteira. Francamente Alexander fico me perguntando se você tem alguma demência e eu nunca percebi.

Arregalei meus olhos em descrença.

– Mãe!

– Oh, pare de ser uma menininha e vá atrás da sua garota.

– Mas a senhora...

- Eu juro, solenemente, que não removerei meu traseiro desta cama até que você ou seu pai esteja aqui novamente. – Ela me interrompeu com a mão direita levantada enquanto fazia seu juramento.

– Ok!

– Vá.

Foi o que eu fiz. Desci as escadas correndo e atravessei a sala que dava para a porta de casa rapidamente mas tive que parar, nas escadas, encolhida, sentada em um dos degraus estava Catherine.

– Carter! – Chamei surpreso.

– Me deixa falar, ok? – Levantou-se agitada. – Eu vim aqui... Eu vim dizer que não importa o quanto eu tenha sofrido, o quanto eu esteja quebrada, foi você que me fez ver a vida novamente, foi você que me deixou ser a garota pequena e fraca que queria ser cuidada ao invés de só ser a garota durona e independente que eu sentia tanta falta. Eu não quero ser sua amiga. – Eu me aproximei, mas ela deu outro passo para trás. – Deixe-me falar. Eu me apaixonei por você naquela boate, naquele dia, e eu estava tão malditamente medrosa quando me dei conta disso... Depois eu simplesmente coloquei na minha cabeça que era coisa da minha cabeça, isso não faz sentido, eu... eu... Nem eu estou me entendendo. Eu disse a mim que eu estava fantasiando que amava um almofadinha que coleciona e mantém suas revistas por ordem de edição e ainda no plástico e não sabe comer sorvete direto do pote em um dia de neve.

E eu estava conhecendo a verdadeira Catherine Flinn. Frágil, delicada e totalmente apaixonada.

Por mim.

Apaixonada por mim.

– Eu amo você Alexander, e eu quero ficar com você e ter uma gaveta com roupas minhas na sua casa, e oh Deus, como eu senti falta de tomar café na sua janela, e de escutar seus pensamentos e...

Puxei seu pescoço para mim e devorei seus lábios com toda a paixão que estava acumulada em meu ser. Ela gemeu e ao abrir meus olhos vi as lágrimas que saiam dos seus ainda fechados. Quando nos soltamos ela soluçou.

– Baby, não chore. – Sussurei limpando suas lágrimas. Seus olhos ficavam tão lindos quando chorava, ainda mais claros.

– Eu fiquei com medo quando você disse adeus para mim, mas eu tinha que tentar novamente eu não queria... não podia. Eu quero ser sua. Quero que você cuide de mim e me ame.

– Eu poderei usar apelidos fofos com você?

Ela assentiu com um sorriso infantil e entusiasmado nos lábios.

– Sem mais encontros para sexo desenfreado?

– Bem, eu não queria abrir mão disso, mas podemos alterná-los com amor lento e carinhoso?

– De acordo... E principalmente, *sem dizer adeus* novamente. Isso é foddidamente doloroso.

– Nunca. – Ela se aproximou mais e se apertou em meus braços.– Eu realmente amo você.

Você vai ser minha esposa Catherine Flinn.

Ela se soltou do meu aperto e sorriu para mim meio espantada.

– Alex, acabamos de começar a namorar podemos falar disso mais tarde? Muito mais tarde?

– Oh merda. Você me ouviu.

Ela gargalhou, e agora eu não precisava ficar com medo de a qualquer momento ficar sem seu sorriso ou seus beijos, ou mesmo seu perfume, Catherine nunca mais desapareceria sem dizer adeus.

Capítulo Vinte

Dois anos depois

– Então, senhoras e senhores, se puderem apenas olhar para esse homem, esquecendo dos predicados completamente infundados que meu nobre colega disse sobre ele e lembrar do rosto de Tracy Richards, uma menina de apenas quinze anos que foi encontrada não muito longe daqui estrangulada e com sinais de violação, se puderem, coloquem-se no lugar dos pais dessa pobre criatura que agora está morta.

Peguei a foto de Tracy, a foto havia sido tirada para a o anuário da escola, ela era líder de torcida e tinha o rosto de um anjo. Eu mostrei a foto novamente para os jurados e o público que estava assistindo tudo, todos pareciam inconformados com o que havia acontecido com a garota, e eu também. Pensei imediatamente na minha sobrinha, Joselie era uma criança ainda, mas e quando ela crescesse? Esse homem deveria pagar.

Assim que finalizei meu discurso o juiz declarou:

– A corte entra em recesso até amanhã às nove da manhã com o *veredicto*.

Peguei meu celular rapidamente e enviei uma mensagem para Carter.

Corte em recesso, ficamos em seu apartamento ou no meu?

Quase que instantaneamente recebi a resposta dela.

Venha rápido, preciso falar com você.

Isso nunca era bom, nunca!

Todas as vezes que ouvi ou li isso era porque havia alguma merda muito grande vindo em minha direção. Embora não havia acontecido comigo e Catherine ainda, eu me preocupava, sempre estava muito bom para ser verdade.

Eram dois anos de namoro, dois anos de pura loucura na minha vida, dois pedidos de casamento delicadamente negados porque ela não estava preparada ainda e apenas uma briga que durou uma semana quase me deixando louco, eu não havia ouvido dela essas seis palavras em nenhum momento, nossas brigas aconteciam, mas nunca era motivo para término. Era como se nossas vidas não tivessem futuro senão juntas, mesmo sem casamento, mesmo morando em casas separadas. Sempre pensávamos em nós juntos. Não importava as circunstâncias.

E não eu não era o único a me sentir assim. Catherine havia mudado muito desde que realmente iniciamos um relacionamento, ela havia se tornado mais frágil, mais dependente de mim e de meus carinhos o que resultou em constantes alterações de apartamentos ao longo destes vinte e quatro meses. Nunca dormíamos separados, em hipótese alguma, bem, só quando brigamos por uma semana inteira, mas isso não contava já que ficávamos a noite toda acordados discutindo ou transando.

Eu estava mais do que pronto para me casar com ela e enfrentar cada problema e fobia que ela tinha, mas ela ainda era muito medrosa com tudo isso, então eu tive paciência, eu a amava afinal de contas, não seria a formalização da nossa união que mudaria algo.

Estacionei o meu carro na rua atrás do seu prédio porque a da frente era abarrotada de feirantes chineses me deixando completamente louco para mandá-los a merda, eles sempre me atacavam querendo vender coisas, geralmente sujas e gordurosas que chegavam a dar espasmos no meu estomago só de chegar perto. Não precisei apertar o interfone e com um sorriso infantil e completamente retardado escolhi a cópia da chave que ela me dado logo que voltamos de Jersey após resolvermos nossa situação.

Subi as escadas rapidamente enquanto pegava a chave da porta, entrei no apartamento e encontrei Carter sentada na janela olhando para a vista horrorosa do seu bairro.

– Baby? – Eu disse sentindo o meu estômago se revoltar, sempre que eu a via não importava onde o seu cumprimento era sempre saltando em meu colo, circulando minha cintura com as pernas e me beijando o rosto inteiro, o que não era o caso no momento. Ela me olhou com os olhos vermelhos.

– Oi. – Ela disse quase como em um sussurro.

– Está chorando? – Eu me aproximei dela e a abracei, ela não me ofereceu nenhuma rejeição e aquilo me deixou um pouco relaxado. – O que houve, baby?

– Estou tão... estou com raiva de mim! – Eu tentei não rir. Aquilo era TPM? Eu deveria perguntar se era TPM? Mulheres odeiam quando estão na TPM e perguntamos se estão na TPM.

– Carter, você está hum... no seu período? Ou perto dele? – Erro meu. Merda! Sabia que não deveria ter perguntado. Ela soluçou e começou a chorar quase histericamente. – Desculpe! Baby, o que houve? O que aconteceu. Fale comigo.

– Alexander... eu... eu... – Ela chorou mais. Eu a peguei e a levei até o sofá e me sentei com ela em meu colo. – Eu sou tão estúpida... Desculpe.

– Catherine, pelo amor de Deus! Você está me assustando.

– Eu... eu... – Ela pegou a minha mão e colocou em seu estômago e me olhou em expectativa, mas ainda chorando.

O quê? Ela estava grávida? É isso, não é? Grávida!

Ela assentiu à minha pergunta que novamente pensei ter feito apenas em minha cabeça.

Mas como?

– Preciso mesmo dizer? – Ela perguntou um pouco irritada.

– Desculpe... Eu... Amor? Você está grávida? – Eu perguntei agora apertando um pouco mais o seu ventre. – É sério Carter, você ... - Ela assentiu mordendo o lábios.

– Já fiz o teste... tenho certeza, você está bravo?

– Por que estaria? Eu... amo você e amo essa criança. – Eu sorri para ela, acho que eu estava bobo. – Minha criança. – Senti ela relaxar um pouco e fungar.

– Mas eu recusei seu pedido de casamento há dois meses...

Eu parei e fiquei olhando para ela incrédulo.

– Qual é o problema? Eu disse que esperaria o tempo que fosse, baby. Não é um bebê que vai acelerar qualquer processo, nos amamos da mesma maneira.

– Então, você está feliz?

– Você ainda pergunta? Eu estou mais do que feliz! Carter, eu amo você. – Ela sorriu em alívio e me abraçou com força. Estava novamente me dando o que eu precisava e não sabia.

Um filho.

Só meu.

– Bem, ele vai ser nosso. E espero que não seja hereditária essa coisa de falar sozinho.

Um mês depois

– Caterine, abra a porta, Baby! Por favor! – Bati novamente esperando do lado de fora do banheiro do meu apartamento. Era sábado e tínhamos resolvido ficar a manhã toda na cama assistindo e escolhendo os desenhos animados que iríamos deixar o nosso bebê assistir, era algo bobo que estávamos amando fazer.

Ela havia chorado muito com a descoberta da gravidez, mas não levava muito tempo para se acostumar, as circunstâncias eram outras agora. Ela era uma mulher madura, estava apaixonada por mim e embora tivesse negado meus pedidos de casamento estava certa de que passaríamos o resto de nossas vidas juntos.

Eu não havia tocado no assunto de casamento, *ainda*, mas eu tocaria novamente. Nós dois estávamos radiantes com a situação do nosso filho a caminho, mas não havia escapatória, continuaríamos morando separados depois do nascimento de Simon? Claro que não.

Sim, já havíamos escolhido o nome para o nosso menino, tínhamos certeza que seria um menino, era algo maravilhosamente estranho que entrássemos em um consenso em tudo o que decidíamos a respeito do nosso filho e no dia que apenas cogitamos um nome eu o sugeri e quando vi o brilho nos olhos de Caterine, sabíamos que esse seria o nome do pequeno ser que crescia dentro dela.

– Vá embora! – Disse segundos antes de vomitar novamente, levei a mão em meu cabelo e puxei nervoso. Eu não poderia ir embora. Por que ela ficava dizendo isso? Eu não podia vê-la vomitar?

Ouvi a descarga ser acionada e me preparei para que ela saísse, mas ela não saiu, esperei mais alguns segundos andando de um lado para o outro mas ela parecia querer dormir na privada essa noite.

– Alex? – Ela chamou do outro lado.

– Sim?

– Você estava aí o tempo todo?

– Sim.

– Você pode se sentar?

– Hã?

– No chão... eu preciso falar com você.

– E você não pode sair? Conversaríamos melhor aqui fora querida, deixe-me ver como você está?

– Pedi suplicante.

– Não, eu gostaria, por favor, que você sentasse no chão, na frente da porta.

Ela estava me assustando e sabia disso, senti minha cabeça começar a doer graças aos puxões que eu estava dando em meus cabelos, mas sentei-me de qualquer forma.

– Pronto! – Disse encostando a minha cabeça.

– Ok! – Ela falou próximo demais, estava sentada no chão também eu pude perceber. – Enquanto eu estava quase colocando nosso filho para fora oralmente percebi que você ficou ai o tempo todo, e se eu tivesse destrancado a porta você estaria ao meu lado. Estou correta?

– Nem preciso responder!

– Sei, e isso prova que você estaria comigo em qualquer circunstância não é?

– É claro! – O que diabos..?

– Noites sem dormir, cólicas do Simon. – Tínhamos realmente certeza que seria um menino. – Você terá que trabalhar menos, vai ter que entender que eu vou ficar feia por um tempo...

– Impossível. – Ouvi ela bufar e sorri.

– E teremos um período com pouco sexo, você sabe.

– Eu terei você para sempre, amor, é isso que importa.

– Então acho... que claro. – Ela pausou um momento. – Diante da sua resposta, eu acho que se me pedisse em casamento agora... Eu, bem... eu aceitaria.

Eu sorri e chorei ao mesmo tempo. Tentando me acalmar eu respondi:

– Entendo, e será que você poderia sair daí para eu possa fazer a pergunta olhando em seus olhos?

Ela não respondeu, quando ouvi a tranca da porta fazer barulho me levantei rapidamente e corri para pegar o seu anel. Quando Catherine surgiu pela porta eu já havia retornado e percebi que ela também chorava.

– Desculpe por fazê-lo esperar. Quero que saiba que não é apenas pelo bebê, é que você esteve tão perto ultimamente, que me fez ver que eu nunca vou perdê-lo e...

– Catherine Flinn, você me daria a incrível honra de ser a minha esposa? – Perguntei a interrompendo.

– Sim, Alexander, eu aceito.

Isso! Fodidamente perfeito!

– Eu amo quando você fala sozinho.

Continua em Aprender a Dizer Adeus...

Agradecimentos

Aos meus pais por me apoiarem e respeitarem minhas decisões.

À minha mãe por ser minha eterna companheira de leitura e minha amiga de verdade.

Ao meu filho por me dar ainda mais razões para escrever.

A Aline Natália por me oferecer seu talento indiscutível e ilustrar meus apaixonados personagens.

Às minhas leitoras e amigas, Lohayne Lopes, Andréia Carla, Renata Rodrigues e tantas outras que me acompanham há muito tempo.

E finalmente, finalmente agradeço ao universo das fanfictions que me proporcionou seis anos de treinamento antes que eu criasse coragem para finalmente me aventurar neste mundo.